

Marcio Leopoldo Gomes Bandeira

***SERÁ QUE ELE É?:***  
**Sobre quando *Lampião da Esquina***  
**colocou as *Cartas na Mesa***

**Mestrado em História**

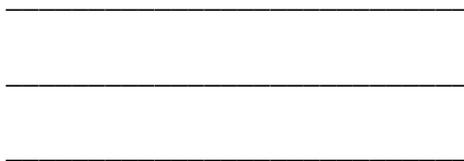
Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História , sob a orientação da Professora Doutora Denise Bernuzzi de Sant'Anna.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo  
2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



O aparecimento no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade,(...) permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade” e, muitas vezes, dentro do mesmo vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico.<sup>1</sup>

Michel Foucault

---

<sup>1</sup> Ver Foucault, Michel, **História da Sexualidade: a vontade de saber**, p.96

*À Minha querida tia  
Suzy Lisieux Gomes Milani  
In Memoriam*

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer ao CNPq pela bolsa de pesquisa, sem a qual este trabalho não seria possível. À Prof.<sup>a</sup> Denise Bernuzzi de Sant'Anna pela orientação durante todo o processo desta investigação. À Prof.<sup>a</sup> Olga Brites, pela indicação do jornal *Lampião da Esquina* e incentivo na elaboração do projeto de pesquisa. À Prof.<sup>a</sup> Maria do Rosário Peixoto, por acompanhar as primeiras reflexões sobre o tema durante a graduação. Às leituras atentas, críticas e sensíveis das Prof.<sup>as</sup> Eliane Robert Moraes e Carmem Soares que muito contribuíram para a qualificação desta dissertação. Às contribuições das Prof.<sup>as</sup> Estefânia K.C. Fraga, Antonieta Antonacci, Heloisa de Farias Cruz, Maria Izilda Santos e Maria Odila da Silva Dias que muito me ajudaram, com seus cursos, no Programa de Pós-Graduação em História. Às leituras dos amigos de turma, Alênio e Tânia, bem como a dos amigos de pós-graduação Pietra Diwan e Alexandre que ampliaram as possibilidades de reflexão sobre o tema. Ao apoio fundamental da amiga Ana Karina Sampaio que muito me ajudou na organização de meus escritos e na revisão final dos textos. À disponibilidade da Ana Lancelloti que, atentamente, realizou a tradução do resumo desta dissertação. À Benedito Dantas, pelo empréstimo de alguns números de sua coleção do *Lampião da Esquina*. Ao amigo Arnaldo Domingues pelo apoio e por ajudar a revigorar minhas forças nas horas de desânimo. Às amigas e amigos Carla Casado, Perla Draghchevich, Ricardo Rodrigues, Alda Rebelo, Denise Bastos, Cacá, Ana Lúcia, Raquel, Izilda, Sérgio, Fábio Villalva, Gustavo, Tiziu e Malu, pelo incentivo. À minha mãe, Sudeny; minha avó, Maria Assunção e meu avô Walterlino Gomes (*in memoriam*); minhas tias Sulamy, Suely, Deié, Dudu e Tatinha; e meus tios, principalmente, Celso Milani, pela acolhida e apoio nos momentos de maior cansaço e fragilidade. Aos meus primos-irmãos Fernanda e Sandro. Ao meu querido companheiro Wellington César Cardoso, pela paciência com que acompanhou todo este processo. Aos meus sobrinhos adotivos César Henrique e Catharina. Às duas grandes mulheres da minha vida, minhas sobrinhas, Larissa Inaiá e Ana Carolina, que alegraram meus momentos de maior siseudez. E, finalmente, a todos aqueles que não pude citar aqui, mas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho acontecesse.

A presente pesquisa tem por tema a problematização das subjetividades homossexuais em práticas de escrever cartas, enviá-las a um jornal e tê-las, posteriormente, publicadas. O jornal *Lampião da Esquina* circulou entre os anos de 1978 e 1981 por diferentes cidades brasileiras e publicou regularmente uma seção de cartas chamada *Cartas na Mesa* - corpus documental privilegiado nesta investigação. Este trabalho é, portanto, um estudo histórico de epistolografia, cujo objetivo foi constituir uma interpretação das práticas de leitura e de escrita que levaram um indivíduo a reconhecer-se, íntima e publicamente, como sujeito de uma homossexualidade. Há várias formas históricas de tornar-se homossexual, o que coloca em xeque a existência de uma identidade monolítica e universal que atravessaria o tempo imune às transformações. No decorrer da história, as práticas consideradas homossexuais foram objetivadas por discursos médicos e por discursos religiosos que a interpretaram, respectivamente, como doença e como atos contra-a-natureza, construindo uma imagem pública desqualificada do homossexual. A pesquisa parte da observação de uma mudança histórica. A partir da década de 60, não obstante a referida imagem desqualificada não tivesse desaparecido, surgiu um tipo de discurso jornalístico que passou a objetivar as práticas homossexuais de outras maneiras, afirmando-as em vez de negá-las, interpretando-as como um aspecto da condição humana, inscrevendo suas demandas no campo da luta por direitos humanos e incitando os indivíduos a se assumirem homossexuais, para si e para o mundo, como estratégia política de luta contra formas depreciativas de sujeição. Ao estudar a seção de cartas do *Lampião da Esquina*, esta pesquisa não pretendeu dar conta da amplitude das condições de possibilidade dessa mudança, em que uma imagem antes desqualificada passou a ser valorizada. O que se buscou foi apresentar, a partir do estudo de uma série documental bem delimitada, uma dentre tantas cenas possíveis da assunção gay, descrevendo o jogo de forças do qual ela emergiu. Para a efetivação de tal análise, teceu-se um diálogo com vários autores, dando especial atenção à rede de pensamento possível de ser acessada pela obra de Nietzsche, Foucault e Deleuze. Esse estudo histórico pretende-se uma genealogia, pois teve como objetivo focar o momento em que uma determinada relação de forças se inverte por meio do confisco de um vocabulário até então depreciado. Tratou-se, portanto, de descrever as circunstâncias históricas de uma transvaloração de valores.

## ABSTRACT

To present research has for theme the problematizing of the subjectivities homosexuals in practices of writing letters, to send them to a newspaper and to have them, later, published. The newspaper *Lantern of the Corner* circulated among the years of 1978 and 1981 for different Brazilian cities and it published a section of letters regularly called "Cartas na Mesa" - privileged documental corpus in this investigation. This work is, therefore, a historical study of epistolografia, whose objective was to constitute an interpretation of the reading practices and of writing that you/they took an individual to recognize, intimate and openly, as subject of a homosexuality. There are several historical forms of turning homosexual, what puts in check the existence of a monolithic and universal identity that it would cross the immune time to the transformations. In elapsing of the history, the practices considered homosexuals were aimed at by medical speeches and for religious speeches that interpreted her, respectively, as disease and as actions against-to-nature, building a disqualified public image of the homosexual. The research part of the observation of a historical change. Starting from the decade of 60, in spite of referred her disqualified image didn't have missing person, it appeared a type of journalistic speech that it started to aim at the practices homosexuals of another sort things out, affirming them instead of denying them, interpreting them as an aspect of the human condition, enrolling their demands in the field of the fight for human rights and inciting the individuals the if they assume homosexuals, for itself and for the world, as political strategy of fight against depreciative forms of subjection. When studying the section of letters of the "Lampião da Esquina", this research didn't intend to give bill of the width of the conditions of possibility of that change, in that an image before disqualified passed to be valued. The one that she looked for was to present, starting from the study of a series documental good delimited, one among so many possible scenes of the gay assumption, describing the game of forces of which she emerged. For the execution such analysis, it was woven a dialogue with several authors, giving special attention to the net of possible thought of being accessed by Nietzsche, Foucault and Deleuze's work. That historical study is intended a genealogy, because he had as objective focuses the moment in that a certain relationship of forces if it inverts through the confiscation of a vocabulary until then depreciated. It was treated, therefore, of describing the historical circumstances of a transverse of values.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO : Será que ele é?-----</b>	<b>01</b>
---	
<b>O início da Pesquisa e a delimitação do tema-----</b>	<b>03</b>
--	
<b>As interdições à “homossexualidade”-----</b>	<b>04</b>
--	
<b>A “homossexualidade” para além das interdições-----</b>	<b>08</b>
---	
<b>A crítica da identidade homossexual-----</b>	<b>11</b>
---	
<b>O encontro com o Lampião da Esquina-----</b>	<b>20</b>
---	
<b>Dos capítulos-----</b>	<b>23</b>
--	
<b>CAPÍTULO I – O Lampião da Esquina ou do que pode um jornal-----</b>	<b>25</b>
---	
<b>O projeto político do jornal-----</b>	<b>28</b>
---	
<b>A seriedade lampiônica-----</b>	<b>39</b>
--	
<b>Um jornal alternativo e independente-----</b>	<b>44</b>
--	
<b>Circulação e Distribuição-----</b>	<b>47</b>
--	

<b>Das verdades médicas</b>	
<b>às verdades jornalísticas-----</b>	<b>50</b>
--	
<b>As forças do assumir-se-----</b>	<b>58</b>
---	
<b>CAPÍTULO II – Cartas na Mesa ou</b>	
<b>Do que pode uma seção de cartas-----</b>	<b>65</b>
---	
<b>A organização da “Mesa”-----</b>	<b>68</b>
---	
<b>Cartas que faziam alianças-----</b>	<b>73</b>
-----	
<b>Cartas que denunciavam-----</b>	<b>83</b>
--	
<b>A comunidade vencendo a solidão-----</b>	<b>88</b>
---	
<b>CAPÍTULO III – As preocupações com o corpo afeminado---</b>	<b>93</b>
----	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS-----</b>	<b>110</b>
----	
<b>BIBLIOGRAFIA-----</b>	<b>114</b>
---	

## Introdução

**“Será que ele é?”**

*Eu não espero pelo dia em que todos os homens  
concordem. Apenas sei das diversas harmonias, bonitas,  
possíveis, sem juízo final.*

Caetano Veloso

“Será que ele é?”. Esta indagação é conhecida na cultura brasileira. Desde as marchinhas de carnaval às revistas de fofoca, a suspeita sobre uma suposta homossexualidade escondida circula há muito tempo. A pergunta nem mesmo esclarece qual é o objeto de seu questionamento, como se um acordo silencioso torna-se irrelevante explicitar qual o objeto indagado. Diante da questão que deixa seu objeto subentendido, todos se entendem e reconhecem nela um questionamento sobre a verdadeira identidade sexual de alguém. “Será que ele é?” enuncia uma suspeita e indica que, por trás das aparências, uma “verdade sexual” pode se esconder para se manter preservada. Indica também que ser homossexual significa viver uma subjetividade que não se pode revelar aos olhos dos outros, mas que, a despeito das tentativas, não consegue ocultar-se totalmente, revelando-se em pequenos sinais deixados ao acaso dos dias diante de olhares atentos e preocupados em saber: “Será que ele é?”. “A cabeleira do Zezé”, o brinco na orelha, a quebra de munheca, a afinação no tom da voz, o cor da roupa, a calça justa, o interesse por uma música ou por uma leitura e tantas outras práticas transformadas em indícios de uma verdade emudecida que não cessa de inquietar e fazer do outro um objeto de problematização moral.

A questão, quando recai sobre alguém, produz efeitos: exclui, expõe, ridiculariza, chantageia, intimida. Até o momento em que esse alguém se rebela e, em vez de se negar a ser aquilo o que o discurso do outro projeta sobre si, se afirma em alto e bom som, dizendo: “Sim, eu sou!”. Diante da afirmação contundente, a suspeita perde a sua razão de ser, a regra do segredo se enfraquece e, aquilo que antes enfraquecia a potência de um corpo submetido, se reverte a favor dele e revigora sua capacidade de resistência. “A política é a continuação da guerra por outros meios”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Ver Foucault, Michel, **Em defesa da sociedade**

## O início da Pesquisa e a delimitação do tema

Esta pesquisa teve suas primeiras reflexões iniciadas em 1997. Cursava na época, como parte da grade curricular do Curso de História da PUC/SP, o primeiro semestre da disciplina *Pesquisa Histórica*, conduzida pelas professoras Maria do Rosário e Olga Brites. O objetivo da disciplina era nos colocar em contato, pela primeira vez, com os percursos de uma investigação histórica de fontes documentais, tendo em vistas, ao fim de três semestres, a construção de um modesto artigo que relatasse os resultados finais da pesquisa empreendida. O artigo culminou na elaboração do projeto de dissertação que apresentei ao Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP no ano de 2002.

Iniciamos a trajetória pela escolha de um tema que deveria ser justificado em algumas páginas, para depois irmos a busca dos vestígios históricos que dariam corpo a pesquisa. Não tive muitas dificuldades para reduzir a um tema a vontade de saber que me tomava. O ano de 1997 foi marcado pela primeira “Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas e Travestis” que levou duas mil pessoas à Avenida Paulista. Esse evento, mais tarde, mudaria de nome e passaria a se chamar “Parada do Orgulho GLBT”.<sup>3</sup> O tema que escolhi e me escolheu foi homossexualidade.

A vontade de saber sobre a homossexualidade se alimentou pela visibilidade crescente dos homossexuais construída pelas paradas; pelas discussões, na graduação, sobre as mudanças historiográficas que visavam contar outras histórias para além daquelas dos grandes heróis, dos grandes eventos políticos ou da exploração econômica da classe proletária e que colocavam em cena os marginais, as mulheres, os negros, etc; e também

---

<sup>3</sup> A sigla GLBT significa, respectivamente, gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros.

pela minha história de vida que implicava meus processos de subjetivação na escolha do tema de pesquisa.<sup>4</sup>

### **As interdições à “homossexualidade”**

Não é nenhuma novidade o fato de que as práticas chamadas de homossexuais há muito tempo se constituem em objeto de preocupações morais, religiosas e médicas<sup>5</sup>. Tais problematizações não existem fora da história, o que implica em reconhecê-las como construtos situados em espaços e tempos particulares.

No Brasil, na época da colonização portuguesa, as práticas homossexuais, sobretudo as masculinas – talvez mais percebidas socialmente do que as femininas<sup>6</sup>, cujos registros e vestígios parecem mais escassos - eram consideradas infames e merecedoras de escárnio e punição. Há indícios de que os colonizadores portugueses ficaram escandalizados

---

<sup>4</sup> Vários são os pensadores que fazem a crítica do ideal de objetividade em história, como F. Guattari, F. Nietzsche e M. Foucault. Guattari propunha “o questionamento dos métodos comuns de pesquisa em ciências humanas que, sob o pretexto de objetividade, tomam o cuidado em estabelecer uma distinção máxima entre o pesquisador e seu objeto” in **Três milhões de perversos no banco dos réus” – Revolução Molecular: pulsões políticas do desejo – p.38**. Foucault defende a história como um saber perspectivo que se entende como tal e faz a análise genealógica da “história dos historiadores”, mostrando os laços que ligam o ideal de objetividade do historiador ao ideal de universalidade do demagogo ateniense. Para Foucault, tal qual o demagogo, em nome da objetividade o historiador “terá que se obstinar contra ele mesmo; Fazer calar suas preferências e superar suas aversões, embaralhar sua perspectiva para substituí-la por uma geometria ficticiamente universal, imitar a morte para entrar no reino dos mortos, adquirir uma quase inexistência sem cara e sem nome. (...) Tendo pretendido apagar de seu próprio saber todos os traços do seu querer, ele reencontrará, do lado do objeto a conhecer, a forma de um querer eterno. A objetividade no historiador é a intervenção das relações do querer no saber e , ao mesmo tempo, a crença necessária na Providência, nas causas finais e na teleologia.” In **Nietzsche, a genealogia e a história – Ditos e escritos II – p.276**

<sup>5</sup> Se os preconceitos que se dirigem à homossexualidade masculina já são heterogêneos em suas formas, não poderíamos esperar que fossem análogos aos preconceitos dirigidos à homossexualidade feminina. Isso se justifica por não ser, a segunda, uma simples versão da primeira. O lesbianismo constitui-se numa realidade própria com características muito peculiares que exigiriam um estudo mais sistemático e diferenciado do estudo da homossexualidade masculina. Como não é objetivo dessa dissertação o estudo do lesbianismo - não por menosprezar sua importância enquanto objeto de estudo, entenda-se, mas por que seria inviável construir uma narrativa que lhe desse a devida atenção dentro do período de tempo destinado à realização desta pesquisa – ao me referir à homossexualidade no decorrer dessas páginas, estarei me referindo sobretudo à homossexualidade masculina.

<sup>6</sup> Sobre homossexualidade feminina ver Vainfas, Ronaldo, “*Homoerotismo feminino e o Santo Ofício*” in Mary Del Priore (org.), **História das Mulheres no Brasil**, pp 115-139.

diante das práticas homossexuais entre certos índios tupinambás.<sup>7</sup> Os relatórios de visitas da Santa Inquisição ao Brasil tornavam visíveis tais práticas por meio das denúncias dos crimes de sodomia e pecados nefandos. As práticas sexuais reprováveis, segundo os parâmetros da moralidade católica deveriam ser punidas de maneira exemplar por se constituírem em atos contra a natureza divina.

No século XIX, tais práticas não foram menos sujeitas a coações e interdições. Ao conjunto de estigmatizações construído pelo catolicismo português sobre essas práticas, consideradas sórdidas e execráveis, vieram somar-se às normalizações disciplinares das ciências médicas. O caráter punitivo das restrições colocadas pelo catolicismo passou a conviver com a uma visão médica disciplinar que pretendia colocar na “via correta” os indivíduos de condutas “desviantes”. A homossexualidade se tornou também uma doença, uma patologia merecedora de tratamento médico-correcional, inscrita no rol das “anormalidades”.

As condenações e correções das práticas homossexuais eram justificadas pela ameaça que estas representavam, segundo o catolicismo e a medicina, à sobrevivência de uma importantíssima instituição reguladora das relações sociais na história brasileira: a família. A instituição familiar servira como alvo estratégico de ação reguladora sobre a vida privada dos indivíduos de forma a permitir a manutenção da ordem do conjunto social.<sup>8</sup> Tanto a religião quanto a medicina conseguiam adentrar o território de intimidade dos lares, onde o poder público não conseguira exercer, até então, o seu domínio de forma eficaz. Segundo a moralidade médica e religiosa, as práticas homossexuais masculinas contrariavam uma regra básicas da constituição familiar, tanto colonial quanto oitocentista: a regra da paternidade - cujo corolário encontrava-se tanto na contração de laços

---

<sup>7</sup> Costa, Jurandir Freire, **Ordem Médica e Norma familiar**, pp.240-249

<sup>8</sup> Idem, *Ibidem*, pp.79-152.

conjugais por meio do “santo matrimônio”, inspirado pelo modelo da “sagrada família cristã”, quanto na obrigação de perpetuar a espécie e fazer o indivíduo ocupar o papel de provedor do grupo familiar tal como incentivavam os discursos médicos.

Para a Igreja, tais obrigações inscreviam as práticas sexuais dos indivíduos na instituição do casamento, que exercia um importante papel no controle da carne pecadora e lasciva. Para a medicina, os homossexuais fugiam da “natural” obrigação da paternidade ao desertarem do caminho reprodutivo. Fazia-se necessário, para o catolicismo e para as ciências médicas, controlar as deserções da masculinidade. Portanto, pode-se perceber o importante papel da Igreja e da Medicina na invenção de uma imagem homossexual desqualificada e permeada pela carga de preconceitos e intolerâncias construída historicamente e incorporada aos valores que compunham diferentes aspectos dos códigos morais dominantes.

Essa imagem desqualificada que há séculos faz parte da cultura ocidental, tentaram impor um regime de silêncio e mutismo às práticas homossexuais. Vistas como ilegítimas, essas formas de sexualidade deveriam ser banidas da vida social e, diante de sua insistência em fazer parte do real, deveriam ser reinscritas em lugares marginais – os guetos - territórios de tolerância onde conviveriam com outras figuras também pouco suportáveis como a prostituta e o gigolô. Se não eram bem vistas no mundo da produção que fossem pelo menos servir ao circuito noturno dos serviços lucrativos.<sup>9</sup>

Os guetos sombrios da vida noturna, as esquinas fugidias, as praças e banheiros públicos, os bordéis, foram os lugares privilegiados de sobrevivência marginal dessas práticas homossexuais. Fora da sombra da noite, caberia a estes “desviados” segredarem as suas práticas e viver uma

---

<sup>9</sup> Foucault faz ricas considerações sobre esta reinscrição das sexualidades marginais em territórios de tolerância e lucro. Ver **História da Sexualidade I : a vontade de saber**, p. 10.

“sexualidade oficial”, uma “heterossexualidade compulsória” que não perturbasse a ordem social.

Tal imposição, de uma vida dupla, gerava formas de violência muito comuns, alimentadas pelo medo de ser descoberto e, conseqüentemente, ter que arcar com o pagamento de caras sanções por violar os códigos morais vigentes: a violência física, a exposição ao ridículo e ao vexame, o escândalo público, as chantagens e extorções policiais, a expulsão do grupo familiar e, até mesmo, a internação em sanatórios.

A preocupação moral com a subjetividade sexual alheia expressa na pergunta: “Será que ele é?”, foi e é uma forma comum de manter as condutas sexuais sobre controle. A pergunta pressupõe um acordo coletivo que dispensa o esclarecimento de seu objeto de indagação. “Será que ele é? Mas é o que?”. Todos entendem que a indagação recai sobre uma suposta identidade sexual, e não sobre uma identidade cívica, profissional ou familiar, por exemplo. Ser alvo de suspeita e de dúvida foi e é uma forma comum de domesticação das práticas sexuais consideradas marginais<sup>10</sup> pela moralidade dominante, submetendo suas existências à regra do segredo. Ainda hoje, as formas da intolerância ultrapassam os limites da violência simbólica, culminando em agressões físicas que podem ter, como conseqüência, a morte do agredido. Um exemplo que confirma tal constatação foi o assassinato, em 1998, de um jovem homossexual na praça da República, em São Paulo, atacado por um grupo de Skinheads<sup>11</sup> ao caminhar de mãos dadas, na rua, com seu companheiro. Em documento divulgado num *site* na Internet, o Grupo Gay da Bahia publicou centenas de casos de violação dos direitos humanos de homossexuais arrolados a partir de ampla pesquisa na mídia e de denúncias recebidas pelos

---

<sup>10</sup> Ver MacRae, Edward, **A Construção da Igualdade**, pp.47-50.

<sup>11</sup> Grupos jovens de extrema-direita de inspiração nazi-fascista conhecido pela ação violenta contra negros, nordestinos e homossexuais.

movimentos gays organizados de todo o Brasil. Vejamos algumas delas: “SEDE DE GRUPO GAY É ALVO DE INCÊNDIO CRIMINOSO, EM MANAUS”; “GAY É ESPANCADO EM TERESINA, PI”; “HOMOSSEXUAL É ESPANCADO POR SUSPEITA DE TRANSMITIR AIDS NA PARAÍBA”; “DOIS GAYS SUPOSTAMENTE ACUSADOS DE ASSÉDIO SEXUAL SÃO VIOLENTADOS NA CADEIA E EXIBIDOS NA IMPRENSA EM NATAL, RN”; “HOMOSSEXUAIS AGREDIDOS E ROUBADOS EM ÔNIBUS EM BH”; “GAY É AGREDIDO POR POLICIAIS AO SAIR DE BAR EM SÃO PAULO”. Entre os casos que se afiguram no documento encontramos, desde denúncias de discriminação e difamação até relatos de agressões e torturas, passando pela discriminação em órgãos públicos e por autoridades governamentais. A intolerância às práticas sexuais consideradas marginais ainda reina impassível, traçando uma geografia de coações e violências.<sup>12</sup>

### **A “homossexualidade” para além das interdições**

Contudo, a preocupação moral da qual as práticas homossexuais ainda são alvo produziram diferentes efeitos de poder que vão além das interdições e coerções. Não obstante as práticas preconceituosas e violentas em relações a homossexuais não terem desaparecido, atualmente, as falas e atitudes discriminatórias convivem com outros tipos de práticas e de discursos que antes não existiam.

Paralelamente aos tão conhecidos estigmas de exclusão, percebemos uma homossexualidade dita, mostrada e sentida de outras maneiras; explicada não como negação da família e da masculinidade, mas afirmada

---

<sup>12</sup> “Violação dos Direitos humanos de Homossexuais: ano de 2001” em site do Grupo Gay da Bahia. [www.ggb.org.br](http://www.ggb.org.br)

em suas positivities. Aquilo que antes era somente motivo de vergonha e medo, hoje pode ser afirmado por um sentimento de orgulho e coragem.

A homossexualidade está na mídia. Fala-se dela em jornais, revistas especializadas, na televisão e, quem diria, nas plenárias dos congressos. Denúncias de violências contra homossexuais são propaladas em jornais como assuntos que devem ser levados a sério. Programas de TV promovem namoros entre pessoas do mesmo sexo, ainda que sob protestos dos setores mais tradicionais da sociedade.<sup>13</sup> Novelas de televisão, ainda que discretamente, exibem romances entre personagens gays e exploram a audiência com promessas de beijos homoeróticos<sup>14</sup>. Projetos de lei são formulados e colocados em debate. Punições a agressores de homossexuais são exigidas publicamente. Toda uma rede de serviços se constrói em torno dessas práticas que se mostram cada vez mais lucrativas.<sup>15</sup>

A homossexualidade, resgatada da penumbra das esquinas e becos noturnos de muitas cidades brasileiras pôde ultrapassar as fronteiras do gueto para começar a mostrar-se, sem receios, à luz do dia. Uma vez ao ano, nas grandes capitais brasileiras, são realizadas as Paradas do Orgulho GLBT<sup>16</sup>, quando é possível ver nas ruas, homossexualidades revestidas de glamour, divertidas, dançantes, alegres, “gays”.

---

<sup>13</sup> Em 2000, a emissora de televisão MTV, produziu um “*Fica Comigo*” gay. O “*Fica Comigo*” é um programa destinado a promover namoros entre jovens que se inscrevem para a participação num jogo cujo final é a escolha de um entre três pretendentes.

<sup>14</sup> Em 2003, a novela “*Mulheres Apaixonadas*” de Manuel Carlos, insinuou o romance entre duas personagens lésbicas. Em 2005, na novela “*América*” de Glória Peres, prometia um beijo entre dois personagens masculinos que acabou não acontecendo.

<sup>15</sup> Em meados da década de 90, surge em São Paulo uma organização empresarial visando constituir uma rede de atendimento voltada unicamente para os homossexuais reconhecidos como poderoso segmento de mercado.

<sup>16</sup> As Paradas do Orgulho Gay costumam acontecer em diversos países do mundo no mês de junho. Neste mesmo mês, no dia 27 do ano de 1969, um bar norte-americano freqüentado por homossexuais chamado Stone Wall foi invadido pela polícia. Como era de praxe acontecer, as invasões policiais em lugares desse tipo, geralmente seguidas de quebra-quebra e violência, visavam constranger e intimidar os freqüentadores. No entanto, neste dia os gays resolveram revidar e levantaram barricadas na Christopher Street, permitindo a passagem somente de outros homossexuais. Este dia ficou marcado como o dia de afirmação da identidade homossexual e é comemorado, todos os anos em diversos países, desde esta época, com a realização das Paradas. No Brasil, as Paradas do Orgulho Gay começaram a ser realizadas em São Paulo, na segunda metade da década de 90.

Esse espetáculo de cores, formas, sons e gestos se tornou um grande evento turístico e regular que tem reunido a cada ano milhares de pessoas e movimentado o circuito o setor de serviços das grandes cidades<sup>17</sup>. Patrocinada por empresários da vida noturna e aberta à participação não só dos *assumidamente homossexuais*, mas também dos “não-declarados” e dos amigos heterossexuais, as paradas são assistidas por famílias - homofóbicas<sup>18</sup> ou não – que param nas calçadas para apreciar a passagem de diferentes expressões subjetivas que desfilam, então, sem medo de represálias - haja vista que a segurança dos participantes é garantida pelo poder público, por meio de uma organizada vigilância policial. Avista-se então, a partir de meados da década de 90, um fenômeno antes desconhecido: uma vez por ano, os “(des)viados” tornam-se “viados”, não por serem vistos como anomalias da natureza, mas por ocuparem, orgulhosamente, as vias públicas.<sup>19</sup> As Paradas enunciam em sua manifestação pública, menos a afirmação de uma identidade homossexual do que um “viva!” à convivência das diversidades subjetivas<sup>20</sup>, ao mesmo tempo em que promovem a inclusão dos homossexuais, como consumidores de ponta dos serviços prestados por uma sociedade capitalista.

O que nos chama atenção é que, a despeito das dificuldades ainda enfrentadas pelos homossexuais numa sociedade em que a intolerância

---

<sup>17</sup> A primeira Parada do Orgulho gay brasileira ocorreu em São Paulo e reuniu 2000 pessoas. Em 2002, a Parada paulistana reuniu 500.000 segundo dados da revista *Veja* de 25/06/2003 e já era considerada a segunda maior do mundo, só perdendo para a de Nova Iorque. Em 2003, segundo os organizadores do evento, foram 1.300.000 pessoas nas ruas.

<sup>18</sup> Diz-se daqueles que tem preconceitos em relação aos homossexuais. Ver Hilton, Bruce, **A homofobia tem cura?**

<sup>19</sup> O conceito “desviado” tem sua origem no discurso psiquiátrico e se refere ao suposto desvio moral e biológico dos sujeitos nomeados. A palavra foi incorporada pela linguagem popular, sendo simplificada, perdendo seu prefixo, e guardando o mesmo sentido original ao qual somou-se a metáfora do veado (animal de movimentos delicados que serve como estigma simbólico da homossexualidade). No entanto, curioso é perceber que a incorporação popular, ao efetivar a subtração do prefixo, mudou o sentido etimológico original do termo e o “desviado”, aquele que está fora do caminho considerado legítimo, passa a ser o “viado” – coincidentemente, aquele que está na via, no caminho.

<sup>20</sup> O hino da Parada do Orgulho gay desde de 2000, cantada por Edson Cordeiro e Elza Soares tem como refrão os seguintes versos: “Viva a diferença! A diferença é demais!”

culmina em violência física e marginalização social – convive-se atualmente com outras formas de dizer, mostrar e viver a homossexualidade. Não se trata aqui de negar as limitações impostas socialmente a estas experiências afetivas e sexuais. Trata-se de reconhecer que, atualmente, é possível conviver também com uma homossexualidade assumida. Essa assunção<sup>21</sup> motivou essa investigação histórica. Como foi possível que práticas sexuais interpretadas por meio de imagens desqualificadas por uns sejam, ao mesmo tempo, apresentadas e entendidas por outros, não como um traço desviante de caráter mas como um estilo de vida?

### **A crítica da identidade homossexual**

A investigação histórica da emergência da afirmação homossexual se construiu no diálogo com algumas reflexões filosóficas.

Primeiro, se fez necessário questionar a existência do “homossexual” como sujeito universal. A identidade homossexual é uma invenção da linguagem que, por meio de um nome, procura nivelar uma multiplicidade de práticas diferentes a fim de melhor controlá-las, submetê-las, dominá-las. Não existe um sujeito homossexual idêntico a si mesmo e reconhecível momentos da história, mas diferentes processos de subjetivação: modos

---

<sup>21</sup> Segundo a Enciclopédia Larousse Cultural a palavra Assunção vem do latim *assumptio* e quer dizer “1. Ação de Assumir - 2. Elevação a uma dignidade – 3. Elevação da Virgem Maria ao céu em corpo e alma após a sua morte (A Assunção é um dogma da Igreja Católica, definido por Pio XII no dia 1º de novembro de 1950.” Achei interessante o duplo sentido da palavra guarda uma certa ironia quando aplicado aos assumidos homossexuais haja vista que a tradição religiosa foi uma das principais antagonistas da homossexualidade a ser combatida no jornal *Lampião da Esquina*. Fui procurar saber do Dogma legitimado por Pio XII e nele descobri que o corpo material da Virgem Maria só pôde subir aos céus por ter gerado um filho sem perder a virgindade. Na década de 50 o Papa sentiu necessidade de valorizar o hímen da virgem Maria como tentativa de deter as possíveis relações sexuais das moças, antes do casamento. Alguns autores, como James Green, ressaltam que a homossexualidade masculina teve por muito tempo a função de preservar a virgindade das moças solteiras cujos noivos, depois do “namoro no portão”, iam procurar às bichas para descarregar as tensões sexuais do encontro. De certa forma, a elevação da homossexualidade a uma certa dignidade, tal como nos remete a palavra Assunção, talvez tenha relação com a progressiva liberação das atividades sexuais femininas e a mudança das antigas funções da homossexualidade masculina.

circunstanciais que levam um indivíduo a constituir-se como sujeito de uma homossexualidade. Aquilo que se chama costumeiramente de homossexualidade corresponde a uma forma de nomear práticas singulares; de “identificar o não-idêntico”, tal como nos lembra Nietzsche, e apagar as diferenças na tentativa de simplificar a complexidade das relações com os outros e consigo. Existem diferentes formas de constituir uma experiência de si, maneiras fluidas e polivalentes de lidar com o prazer, com o corpo e com as relações humanas e sociais que nem sempre podem ser reduzidas a um mesmo denominador. Caberia então falar em homossexualidades, a fim de indicar não somente a diversidade que esta nomeação procura referenciar, mas também o campo de disputas, a batalha em que esta mesma diversidade se insere em busca de sua legitimação.

Segundo, a investigação histórica de emergência da afirmação homossexual precisaria descartar uma explicação baseada num modelo evolucionista que entenderia o processo da assunção gay como o ápice de um desenvolvimento evolutivo das relações sociais e culturais num país que, pouco a pouco começaria a resolver (?) suas relações de gênero graças às lutas dos movimentos organizados de mulheres e homossexuais. A visibilidade atual, de acordo com este ponto de vista, seria o ápice de uma evolução contínua de esclarecimento e aperfeiçoamento cultural da sociedade em detrimento da obscuridade da ignorância imposta pelo preconceito. A assunção gay e sua progressiva aceitação seriam os sinais de que estaríamos nos aperfeiçoando e caminhando para uma liberação gradativa dos gêneros e das práticas sexuais e afetivas. Partindo desta perspectiva, as “homossexualidades assumidas” não se constituiriam num problema de pesquisa histórica, a não ser que o intuito fosse a narração dos fatos que, em última instância, comporiam um compêndio dos périplos audaciosos dos heróis marginais do movimento gay na luta contra a repressão sexual.

Essa suposta obviedade se dissipa se recolocarmos algumas questões. Em primeiro lugar, se questionarmos a idéia tão difundida pelo senso-comum de que desde a década de 60 nos deparamos com uma “revolução sexual” cujos termos foram ditados pelos movimentos de emancipação feminina e pelo surgimento de novas técnicas anticoncepcionais. Segundo essa perspectiva, desde então, viveríamos num processo de liberação sexual progressiva contraposto ao período anterior de intensa repressão sexual.<sup>22</sup>

Michel Foucault, nos chamou a atenção para o fato de que aquilo que se chamou de período de repressão da sexualidade, que se estenderia do século XVII até hoje, foi de fato a época em que o sexo foi colocado em discurso e incitado a falar. Desde o século XVII, há em torno do sexo uma explosão discursiva. Fomos incitados a confessar nosso sexo e os começos dessas práticas se situam desde os minuciosos exames impostos pelas pastorais cristãs até as práticas terapêuticas da psique. Se, como Foucault nos coloca, a era da repressão sexual foi, ao contrário, a era do sexo posto em discurso, a história do sexo e da sexualidade não poderia mais ser contada pela dicotomia repressão x liberação. Essa mudança de perspectiva levar-nos-ia a revisar o próprio conceito de poder que, segundo Foucault, não é uma substância localizada e emanada pelo Estado e não se exerce somente pelas negações, interdições e coações. O poder, segundo Foucault, é relacional, exercido por mecanismos sutis que operam em redes locais e que formulam positivities. O poder incita, legitima, afirma, induz a fala, produz novas sensibilidades.

Terceiro, as contribuições de uma investigação históricas podem ir muito além da compilação de pretensas verdades factuais. O objetivo aqui não é defender ou recusar a assunção homossexual, mas investigar a construção dessa assunção como saber que produzia determinados efeitos de verdade e de poder.

---

<sup>22</sup> Ver Foucault, Michel, **História da Sexualidade I: a vontade de saber**, p. 26.

As verdades não são as únicas instâncias a constituírem um absoluto a-histórico. Até mesmo as verdades têm sua historicidade.<sup>23</sup> O que hoje se considera verdadeiro, certamente não o foi no passado. Não por ignorância dos indivíduos de antigamente, mas porque toda vontade de verdade nasce de determinadas correlações de forças, de uma vontade de potência e se apóia em suportes institucionais. Nenhuma descoberta científica, por exemplo, por mais coerente que seja, é levada a sério se não respeitarem as regras que definem aquilo que, em determinada época, uma sociedade considera como “o campo do verdadeiro”. Galileu Galilei poderia estar certo ao dizer que a Terra é que girava em torno do Sol, mas sua “verdade” não se encaixava nos parâmetros aristotélicos que norteavam os saberes de seu tempo e que eram defendidos por instituições importantes como a Igreja Católica, por exemplo. Galileu estava fora do “regime da verdade” de sua época.

E em que as discussões sobre poder, verdade e história podem contribuir para justificar a relevância do problema que proponho já que meu tema não é o heliocentrismo, nem tão pouco Galileu Galilei ? Se ao invés de buscarmos uma “história das homossexualidades” como o caminho trilhado através dos tempos por um objeto de estudo “perfeito e acabado em si mesmo”; se, em vez de pensarmos as homossexualidades como uma realidade existente desde sempre e que se encontraria refletida nos relatos documentais do passado, bastando ao historiador resgatá-la e organizá-la numa linha cronológica; se, em vez disso perguntarmos: “Como foi possível se acreditar que somos sujeitos de uma sexualidade e, mais especificamente, de uma homossexualidade?”.Aí então, inverteremos as condições da investigação.

Isso não significa negar a existência de práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo durante vários momentos da história. Mas

---

<sup>23</sup> Ver Foucault, Michel, **A Ordem dos Discursos**, p.

significa dizer que a forma como estas práticas foram interpretadas, nomeadas e normalizadas, bem como as fronteiras que as circunscreveram e os limites que a elas se impuseram não foram sempre os mesmos. Os comportamentos sexuais não se constituem como problema da mesma forma em todas as épocas e lugares.

Deste modo, embora a pederastia da Antiguidade Clássica ateniense, a sodomia combatida pela Igreja Católica Colonial e o homossexualismo<sup>24</sup> a ser corrigido pela medicina do século XIX, pareçam, num primeiro momento, nomes diferentes para descrever um mesmo fenômeno, seria um sério equívoco considerar todos esses discursos como reflexos de uma mesma realidade.

Em Atenas, na Antiguidade Clássica, por exemplo, experiências sexuais entre homens eram vistas como práticas comuns desde que respeitando determinadas regras que definiam o que eles chamavam de pederastia. O que era permitido em Atenas como prática da pederastia era a iniciação de um jovem por um homem mais velho nas artes do amor e da sabedoria. O que era criticado não era a relação entre dois homens, mas entre dois jovens ou entre dois adultos. Da mesma forma, o homem adulto não poderia desempenhar o papel “passivo” na relação sexual. Além do mais, estas relações não substituíam a instituição do casamento entre homens e mulheres.<sup>25</sup> A idéia de erotismo greco-romano é muito diferente do que entendemos hoje.<sup>26</sup> Não existia na Antiguidade algo como a “sexualidade”. O que eles chamavam de “Afrodisia” era uma preocupação

---

<sup>24</sup> Note-se que existem duas formas de nos referirmos às práticas homossexuais: ou como “homossexualidade” ou como “homossexualismo”. A segunda forma é rechaçada pelos militantes gays que se justificam afirmando que o sufixo “-ismo” refere-se a patologias, doenças. Segundo eles, o termo “homossexualidade” seria mais adequado para se referir ao fenômeno, não como desvio, mas como uma entre tantas outras possibilidades da sexualidade humana. Vale lembrar que desde 1986, a homossexualidade como sinônimo de doença foi banida do código do INAMPS como resultado da luta organizada dos gays.

<sup>25</sup> Peter Brown, **Corpo e Sociedade**, p.

<sup>26</sup> Sobre a homossexualidade greco-romana ver também Paul Veyne, “A homossexualidade em Roma” in *Sexualidades Confessadas*, organizado por Philippe Áries e André Bejin, Brasiliense, Sp, 1985.

com os usos dos prazeres voltados para uma estética da existência, e não com os desejos sexuais.

Já aquilo que a Igreja Católica condenava como sodomia possuía características bem diferentes da pederastia. Tais práticas eram consideradas pecaminosas e levavam a condenação à fogueira inquisitorial àqueles que insistissem em desafiar os dogmas religiosos. A pedra fundamental dessa normalização religiosa estava na importância dada à finalidade procriativa da prática sexual. O sexo não era concebido como instrumento de prazer pessoal, mas como um fardo trazido desde os tempos imemoriais do pecado original. Os que praticavam atos sexuais sem visar a procriação mesmo estando dentro dos limites das relações conjugais - atos reprováveis contra a fé e considerados “nefandos”<sup>27</sup> - eram chamados de *sodomitas*. *Sodomita* era todo indivíduo, homem ou mulher, que praticassem esses atos sexuais, considerados “nefandos” por não assegurarem a função procriativa da espécie. Assim, uma mulher que praticasse felação em seu esposo, por exemplo, poderia ser considerada uma sodomita e, por isso, poderia ser condenada. A sodomia não era um traço de caráter constitutivo da natureza de um indivíduo, mas uma prática condenável, capaz de desvia-lo de sua natureza de origem divina. Portanto, uma outra forma de sujeição. Existiam gradações nas gravidades dos pecados de sodomia condenados pela Igreja, sendo o sexo anal considerado o pior de todos os atos, por ser associado à sujeira, à cópula animal, à bestialidade.<sup>28</sup> Nota-se, portanto, que não eram as pessoas de mesmo sexo que eram condenadas por incorrerem em determinadas práticas, mas as práticas sexuais em si, que não visassem a reprodução e contrariassem as regras que regiam instituições legitimadas pelo catolicismo.

---

<sup>27</sup> Ver , Vainfas, Ronaldo, **Trópico dos Pecados**, p. 151-181

<sup>28</sup> Vainfas, Ronaldo, op.cit, p.154.

Sem desconsiderar as mudanças ocorridas no tempo, ainda permanece na sociedade brasileira até os dias atuais um estigma sobre o sexo anal, talvez mais precisamente sobre o ânus masculino. Considera-se que a região anal do homem “macho” deve ser algo a ser preservada e intocada sob pena de colocar em xeque todo um padrão de masculinidade. Segundo Roberto da Matta<sup>29</sup>, o ânus seria o símbolo da “fragilidade, da vulnerabilidade masculina, uma colônia feminina num corpo tiranizado pelos padrões machistas da cultura brasileira”. Não é à toa que antes da década de 60, as figuras preponderantes no Brasil para referir à homossexualidade masculina eram a bicha e o bofe: a bicha era o homossexual por desempenhar o papel passivo na relação enquanto o bofe, por ser ativo, não se deslocava do território de sua “heterossexualidade verdadeira”.

Diferente da pederastia e da sodomia, o homossexualismo foi um termo nascido no século XIX no seio da medicina e que visava normalizar as práticas sexuais que fugiam à reprodução, enunciando-as como um desvio de conduta moral e biológica por meio da construção de um caráter, uma personalidade: a figura do homossexual, cujas características estariam menos nas práticas sexuais que nos traços físicos e psicológicos naturalizados. A personagem homossexual, que deveria ser medicalizada e corrigida foi uma invenção oitocentista que inseriu a homossexualidade no âmbito da anormalidade.<sup>30</sup> No Brasil, foi no início do século XX que as intervenções médicas assumiram a cena no intuito de disciplinarizar, entre outras coisas, o homossexualismo. Percebemos a ação desses médicos em São Paulo e Rio de Janeiro no início do século XX. Uma das primeiras obras médicas sobre a “patologia homossexual” data de 1906 e foi escrita por um fluminense, Pires de Almeida. Em São Paulo, os homossexuais

---

<sup>29</sup> Roberto da Matta, “Tem Pente aí?” in **Homens: comportamentos, sexualidade e mudança**, pp.31-50.

<sup>30</sup> Ver Foucault, Michel, **Os Anormais**, p. 211-254

apreendidos pela polícia eram levados para o Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificações da cidade, onde eram estudados por doutores que buscavam justificativas para a homossexualidade no comportamento e no próprio corpo do indivíduo, conforme mostravam os relatórios médicos. O tamanho e largura da bacia, a ausência de pelos, o “tipo feminino” de pelos púbicos, aliados a características como “mediocridade”, “personalidade instável” e ao “comportamento sexual” propriamente dito, se somavam na construção de um caráter homossexual naturalizado; uma natureza desviante que, por conseguinte, deveria ser submetida a “tratamento médico-correcional”.<sup>31</sup>

Até mesmo a “verdade da diferenças dos sexos foi uma construção cultural datada do século XVIII. Se perguntássemos a um homem do século XVII, o que o diferenciava de uma mulher, certamente a resposta obtida não seria baseada nas diferenças fisiológicas dos órgãos reprodutivos, ou seja, ele não diria que ser homem é ter pênis e ser mulher é ter vagina. Aquilo que se entendia por mulher e por homem, até então, era muito diferente do que entendemos hoje. Segundo Tomás Laqueur<sup>32</sup>, a mulher era um “homem para dentro”: a vagina era um pênis internalizado; o útero, o equivalente a um saco escrotal e os ovários, o mesmo que testículos. O que diferenciava um homem de uma mulher não era, portanto, a diferença anatômica, mas a diferença de gênero baseada no discurso do calor vital que definia os papéis sociais atribuídos a um e a outro. Homens tinham mais calor vital que mulheres, por isso eram voltados “para fora”, não só fisicamente, mas também publicamente. A mulher, cujo calor vital era internalizado, voltava-se naturalmente para dentro do corpo, da casa, para a vida doméstica, para a educação dos filhos e para a geração da prole. Antes do século XVIII, portanto – numa época

---

<sup>31</sup> No livro **O que é homossexualidade?** de Fry e McRae, podemos encontrar fragmentos de relatórios médicos que descrevem diagnósticos médicos sobre homossexuais.

<sup>32</sup> Ver Laqueur, Thomas, **Inventando o Sexo : corpo e gênero dos gregos a Freud**, p 13- 40.

em que prevalecia a idéia de um sexo único - seria impossível, falar em homossexualidade, já que era inconcebível pensar-se em heterossexualidade.

Tudo que foi dito até aqui nos serve para entendermos que o discurso não é uma simples representação a refletir experiências reais. O discurso é uma prática: é capaz de agir, possui materialidade e produz efeitos de poder que podem culminar tanto em interdições, coações e exclusões, quanto em incitações, liberações, afirmações e legitimações. Nomear experiências sociais e intersubjetivas é uma maneira de controlá-las, de estabelecer os limites do que pode ser dito e suas zonas de silêncio, de normalizá-las por meio de interpretações e classificações, sempre políticas, que se tornam vitoriosas em detrimento de outras, em circunstâncias culturais repletas de historicidade. O que chamamos de homossexualidade, portanto, constituiu-se por práticas discursivas – relatórios médicos, manuais de confissão, jornais periódicos, etc. - que se articulam como formas de saber e travam relações de poder.

Os discursos da homossexualidade assumida, portanto, não estão isentos e liberados dos mecanismos de poder somente por possuírem funções diferentes daquelas que os discursos que a interditavam e a coagiam, efetivavam. Nem tão pouco a assunção homossexual está livre de exercer coações e produzir silêncios. Questionar as condições de possibilidade de uma homossexualidade assumida é, portanto, buscar os poderes e saberes que a constituíram como tal.

Em suma, um pressuposto básico das interpretações e argumentações dessa pesquisa é que não existe uma identidade homossexual natural, absoluta e universal que, antes escondida, foi assumida numa determinado momento da história. Se a homossexualidade não é natural, a assunção gay também não o é. Diagnosticar as redes de saber/poder que constróem a homossexualidade na cena jornalística como um direito, ao mesmo tempo

em que suas interdições passam a ser ditas como sinônimos de preconceitos e passam também a constituir um problema é objetivo da presente dissertação.

Existem tantas homossexualidades quantas diferentes coisas forem ditas sobre elas, por diferentes formas de enunciado e de enunciação. Há diferentes homossexualidades contadas, narradas, pormenorizadas, esmiuçadas, assim como diferentes campos discursivos que delas já se ocuparam: a medicina, a religião, a televisão, o cinema, a imprensa oficial, a imprensa alternativa. Em cada um desses campos, podemos perceber não um princípio de identidade, mas os estilhaços da multiplicidade. A homossexualidade, por assim dizer, não foi sempre a mesma

Uma vez delimitados o tema, o problema e justificada a sua relevância, o próximo passo foi recolher a massa documental que daria ocasião a uma análise possível de responder a tais questões. Mas quais documentos? Seriam as Paradas as primeiras formas das homossexualidades assumidas? Onde encontrar as fontes documentais e como reelaborá-las a fim de construir uma interpretação sobre o acontecimento da assunção gay?

### **O encontro com o Lampião da Esquina**

Foi Olga Brites quem me falou de sua existência pela primeira vez. Tendo delimitado o tema de minha investigação e iniciado sua problematização, as fontes documentais surgiram como sugestão de uma das professoras da disciplina *Pesquisa Histórica*. Por que não analisar o *Lampião da Esquina*?

Entre tantos artefatos que nos rodeiam, me deparei com o Lampião. Sua matéria não cheirava a querosene e sua luminosidade não era pirotécnica. O *Lampião da Esquina* era jornal tablóide que, mesmo sem ter

pavio, não fugiu às pretensões de clarear. Esse um artefato de papel e tinta produzido entre os anos de 1978 e 1981, durante todos os anos de sua circulação se propôs a “lançar luz” sobre um objeto que, segundo ele mesmo, até então tivera a sua existência colada aos lugares recônditos e obscuros dos guetos: a homossexualidade.

Lampião da Esquina está amarelado e fragilizado pelo tempo. Encontrei-o um tanto perto de mim, na Biblioteca Central da PUC-SP, num setor de consulta restrita a documentos ameaçados pelo tempo. Jornal de espessura considerável, em média composta de 16 páginas, devia chamar atenção dos passantes na época em que circulou pelas ruas das cidades que, aliás, não foram poucas, várias capitais e algumas cidades de interior. Suas capas são chamativas; sempre em duas cores: o preto de sempre e um “vermelho-vivo”, ou então um “amarelo-ouro”, um “verde-palmeira” ou “azul-turqueza” e outras tantas cores não menos vibrantes. No alto da página de capa, em letras grandes lemos seu nome - “LAMPIÃO” - e em dimensões mais modestas, logo abaixo e do lado direito temos o complemento de seu título: “da esquina”.

Uma esquina é uma dobra, a possibilidade de um caminho alternativo, uma outra via. Esse Lampião iluminava as “esquinas” em que ele não somente se encontrava, mas a partir das quais ele se fazia; as várias esquinas dos discursos que uma certa cena pública<sup>33</sup>.

Um discurso é um (des)caminho. Segundo sua etimologia, a palavra vem do latim e quer dizer “ir e vir”, um “correr por várias direções”<sup>34</sup>. Foi assim que me senti durante todo o trabalho que se iniciou em relação ao *Lampião*: correndo por várias direções, percorrendo diferentes trajetórias por onde as imagens e palavras faziam transitar não “o homossexual”, mas

---

<sup>33</sup> Quando falo da cena pública de 1978 refiro-me ao próprio jornal e não a uma realidade possível de ser apreendida pela sua leitura. O jornal é um vestígio das diversas encenações do “público” que vigoraram entre 1978 e 1981.

<sup>34</sup> Ver White, Hyden, *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*, p. 14

gueis<sup>35</sup>, gays, homossexuais, bichas, travestis, michês, diferentes personagens a percorrer as folhas de papel. Vários caminhos possíveis de serem percorridos; vários atalhos e contornos, várias avenidas e nenhuma trajetória linear de leitura a me dizer por onde seguir. O olho salta frente ao *Lampião* e passeia pelas bordas dos discursos.

Lendo a bibliografia, pude perceber que os discursos da assunção homossexual se articularam, no Brasil, entre as décadas de 60 e 70. Em 1978, dois acontecimentos parecem marcar de maneira contundente a história dessa assunção. O primeiro foi o surgimento do primeiro grupo de afirmação homossexual brasileiro – o SOMOS<sup>36</sup> de São Paulo. O segundo foi o início da publicação de *Lampião da Esquina* produzido por um conselho editorial assumidamente homossexual e que circulou entre março de 1978 e junho de 1981. A coleção de 37 números desse periódico teve papel crucial na proliferação de grupos organizados de homossexuais por todo o território nacional. Descrivendo-se como jornal “independente”, *Lampião da Esquina* foi o primeiro mensário de circulação nacional, produzido por homossexuais no eixo Rio de Janeiro - São Paulo, a propor uma discussão ampla sobre os sentidos das experiências vividas por indivíduos que desejavam e se relacionavam com outros do mesmo sexo.

Em 1978, os homossexuais já saíam às ruas, não como num desfile, mas como numa tribuna: veículo de informação, cultura e divertimento e porta-voz de palavras de afirmação. Em *Lampião*, encontramos as denúncias de violência; as notícias dos périplos corajosos dos assumidos; as entrevistas com personagens da cena pública da época; as sugestões e

---

<sup>35</sup> O jornal *Lampião da Esquina* vai muitas vezes “abrasileirar” em suas páginas a palavras gay, mudando sua grafia para guei. Isso não quer dizer que o anglicanismo foi abandonado por completo. As duas formas gráficas aparecem nos textos do jornal.

<sup>36</sup> Edward MacRae, **op. cit.** A leitura dessa obra teve papel importantíssimo na condução de meu tema. O autor faz um estudo consistente sobre a história da militância homossexual no Brasil e possui um capítulo versando unicamente sobre a fonte de trabalho, o jornal *Lampião da Esquina*.

críticas de literatura, música, cinema; as reportagens e as cartas - a seção de cartas publicadas pelo jornal. Uma infinidade de caminhos entrecruzados, costurados de uma margem a outra; uma miríade de possibilidades, de escolhas e riscos. Foi preciso escolher algum desses caminhos. Escolhi iniciar pela seção *Cartas na Mesa* e não demorou muito para que percebesse que nela concentraria a maior parte dos esforços desta pesquisa. Pelas cartas, era possível alcançar o jornal como um todo. Elas o comentavam e deixavam a mostra suas contradições, negociações, alianças e disputas.

É importante ressaltar que não se tratou aqui de uma história da imprensa. Embora outras seções tenham servido à análise como forma de ampliar os argumentos foi por meio das correspondências que se fez a investigação de uma cena da assunção gay.

## **Dos capítulos**

O primeiro capítulo enfocou o jornal *Lampião da Esquina* procurando descrever seu projeto político, a quem se dirigia e suas estratégias de luta.

O segundo capítulo abordou a seção *Cartas na Mesa* procurando tratar as cartas como práticas discursivas que, ao serem publicadas, cumpriam um certo número de funções políticas, realizando alianças e promovendo combates.

O terceiro capítulo teve como objetivo pensar como esses discursos da assunção gay implicavam em negociações em torno do corpo masculino a ser assumido como corpo homossexual. As discussões em torno do corpo afeminado e sua colocação na fronteira entre a natureza e o artifício, foram objetos desse capítulo.

O(a) leitor(a) dessa dissertação não encontrará uma narrativa sobre a homossexualidade no Brasil desde suas “origens” até os dias atuais, mas sim a descrição e interpretação de um ponto de inflexão do problema colocado pela assunção gay a partir da elaboração de uma série documental.

Espero que o(a) leitor(a) subentenda o grifo nas várias vezes em que a palavra homossexual for utilizada neste trabalho pois, tal como foi dito ela não traduz a multiplicidade das experiências históricas que denomina. Seu uso será apenas uma maneira de me referir aos personagens desta pesquisa, denominando-os tal qual as convenções da época estudada. Espero que este trabalho contribua para que os assumidos se estranhem no espelho e que o mesmo efeito se produza entre homo e heterossexuais quando, ao questionarem a sua própria existência, permitam que outras formas de viver se legitimem e sejam abarcadas pelo campo do visível, a fim de que o convívio entre as diversidades não ocupe as ruas somente uma única vez ao ano e passe a fazer parte não somente da nossa convivência cotidiana, mas da maneira mesma de nos concebermos a nós mesmos.

## CAPÍTULO I

### **O Lampião da Esquina**

**ou**

### **Do que pode um jornal**

*Eu costumava acompanhar, do portão de minha casa, de longe, a figura magra do “acendedor de lampiões” de minha rua, que vinha vindo, andar ritmado, vara iluminadora ao ombro, de lampião a lampião, dando luz à rua. Uma luz precária, mais precária do que a que tínhamos dentro de casa. Uma luz muito mais tomada pelas sombras do que a iluminadora delas.*

Paulo Freire

Há artefatos por toda parte. Estamos cercados por eles. São coisas fabricadas, artifícios materiais, instrumentos de variadas naturezas e funções que adquirem diferentes usos e significados nas relações que estabelecem entre si, que estabelecemos com eles e, por intermédio deles, com o mundo. Desses artefatos, alguns são considerados fúteis, outros nem tanto. Muitos dentre eles vão se juntar ao reino dos descartáveis, prontos para virarem lixo tão logo alguém decida sobre a inutilidade de sua existência pós-consumo. Outros servirão repetidamente a novos rituais cotidianos, reconectados a novas finalidades ou reconciliados às ações para as quais foram construídos. Mas, há ainda outros que - para além de qualquer uso imediato para o qual tenham sido originalmente fabricados - conseguem permanecer no tempo e no espaço. São guardados e conservados, preservados de todo desgaste, de toda a erosão possível, cercados de atenção e importância, destinados a permanecer no tempo tendo sua duração expandida nas gavetas, caixas e estantes de arquivos e museus. Muitos desses artefatos são elevados ao estatuto de vestígios históricos: sobras de relações passadas que se quer, de alguma forma, preservar; “lugares” depositários de uma certa memória, testemunhos de outros espaços e tempos. Essa imensa dispersão de coisas que se mostram - não como espelhos fiéis a refletir nas suas profundidades as imagens de um mundo de outrora, mas como artefatos cuja duração é deliberadamente ampliada -, carregam em sua superfície explícita as marcas de disputas e batalhas cuja realidade encontra-se cravada na arena persistente de sua própria materialidade. Historiadores transformam artefatos em vestígios e constroem os enredos de suas narrativas, organizando-os e interpretando-os. Foi do encontro com um desses artefatos que iniciou o percurso desta investigação. O artefato em questão: um Lampião.

## O projeto político do jornal

Entre os anos de 1978 e 1981 algo acontecia regularmente em diferentes bancas de revistas de várias cidades brasileiras. Desde de junho de 1978, uma vez a cada mês, era possível acompanhar, em meio a grande quantidade de publicações da época, o surgimento de mais um novo número de um jornal tablóide chamado Lampião da Esquina.

O nome desse mensário desdobrava-se em dupla metáfora, cuja função enunciativa antecipava resumidamente parte de seu projeto político. A primeira metáfora sugeria um lampião iluminado, tal qual um equipamento pirotécnico manual destinado à iluminação dos cruzamentos de diferentes caminhos. A segunda metáfora remetia à imagem de um lampião cangaceiro, personagem histórica e símbolo de virilidade do “cabra macho” nordestino que, no entanto, ao tornar-se “da esquina” era capaz de localizar-se no “desvio” da rota recomendada pela moralidade dominante sem, contudo, abrir mão de sua masculinidade. O que Lampião da Esquina pretendia com sua “luminosidade” e sua “macheza” era mostrar a homossexualidade segundo novas perspectivas, assumindo o lugar de homossexual sem ter que abdicar do papel de homem “de verdade” e delineando um projeto de assunção gay caracterizado por formas positivas de dizê-la.

Esse projeto era político porque implicava em lutas contra outras perspectivas que interpretavam a homossexualidade como sinônimo de obscurantismo e de rejeição de uma sexualidade supostamente natural. No editorial de seu número experimental – o nº zero de março de 1978 – Lampião da Esquina expunha as finalidades e armas de sua batalha:

*O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras,*

*que encara sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter*<sup>37</sup>.

“Iluminar” a homossexualidade era uma forma de combater uma imagem desqualificada que aproximava o homossexual da figura do vampiro: um ser sombrio, condenado a existir nas penumbras da noite, amaldiçoado pelas suas preferências e frustrado em seu desejo de ser.

Escrever um jornal para homossexuais, segundo a ótica dos próprios homossexuais, ampliava a potência das forças capazes de destruir essa imagem padrão, aproximando-os de duas outras figuras muito valorizadas culturalmente: a figura do escritor e do leitor. *Lampião da Esquina* permitia aos homossexuais desfilarem, em forma de jornal, pelas ruas das cidades à luz do sol, ligados não mais à imagem de malditos e frustrados, mas de eruditos e bem informados. Escrever era uma forma de “dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele.”<sup>38</sup>

As circunstâncias históricas em que *Lampião da Esquina* surgiu pareciam favorecer essa saída. Vivia-se à época, as esperanças da “abertura democrática” e do fim da ditadura militar. O golpe de 1964 contribuiu para uma crise no meio intelectual brasileiro. As possibilidades de uma Revolução socialista tal como foi preconizada pelos grupos de esquerda tradicionais – principalmente os de influência marxista-leninista – não pareciam ter mais a mesma forma que antes entre esses personagens. A coincidência entre indivíduo e partido não atendiam mais aos anseios de transformação social na medida em que as questões relacionadas à subjetividade acabaram soterradas pela burocracia da vanguarda partidária.

---

<sup>37</sup> **Saindo do Gueto**, editorial, nº zero.

<sup>38</sup> Idem

A subjetividade só poderia ser concebida como manifestação da consciência de classe e, portanto, só poderia ser levada em consideração se canalizada para o projeto de revolução social, depois da qual todos teriam suas necessidades conseqüentemente atendidas de forma plena. Tudo o que se relacionasse ao indivíduo era tachado como questão de caráter pequeno-burguês e, por isso mesmo, não deveriam assumir grande relevância, haja vista que todas as energias deveriam voltar-se para a chamada “Luta Maior”: a luta de classes. Essa ética da renúncia da subjetividade em nome de um projeto coletivo provocou a recusa por parte de muitos intelectuais e estudantes, das formas tradicionais da esquerda de se fazer política de oposição.

Paralelamente a esse descontentamento, ganhavam espaço de ressonância na cena brasileira os ideais dos movimentos jovens de contracultura norte-americanos e europeus<sup>39</sup>, cujas bandeiras davam destaque para outras preocupações e questionamentos referentes ao corpo, ao erotismo, aos valores e comportamentos vigentes.

Esses movimentos refizeram as concepções de direito e de poder. O direito passou a ser entendido como um exercício cotidiano na busca das liberdades, ampliando a noção de atuação revolucionária no espaço público.<sup>40</sup> Além disso uma nova concepção de poder começava a se esboçar na década de 60 a partir desses movimentos contraculturais, fazendo com que a idéia de Revolução Social se atrelasse à necessidade de uma Revolução Subjetiva concomitante à primeira. Idéias anarquistas e orientalistas ganharam um novo vigor ao embasar as interpretações das relações de dominação.

---

<sup>39</sup> Ver, por exemplo, Roszak, Theodore, **A Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil**

<sup>40</sup> “O direito não é mais aquilo que se institui à luz mortíça dos corredores dos parlamentos, mas se afirma na rua, a céu aberto, não só como exigência de cumprimento dos direitos, mas da instituição de novos”, ver Matos, Olgária, **Paris, 1968: As barricadas do desejo**, p. 10

Na medida em que o poder passava a ser entendido como um exercício disseminado por todas as relações humanas, independente de classes sociais, e não somente como algo que emanava do Estado – representante maior dos interesses das classes dominantes - , outras lutas começavam a ter relevância como instrumentos de resistência a uma microfísica das formas de dominação. Tais lutas ganharam, progressivamente visibilidade e sua abrangência incorporava tanto os grupos hegemônicos da direita reacionária representados pelo regime militar, quanto as vanguardas partidárias da esquerda oposicionista.

Diversos atos de subversão que colocassem em xeque os padrões hegemônicos de uma moralidade vista a partir de então como retrógrada, ganhavam ares de contestação política. Nos meios estudantis, o uso de drogas e a experimentação de diferentes práticas sexuais assumiram papéis fundamentais nessa nova sensibilidade que via na introspecção subversiva uma arma privilegiada de transformação social. A juventude de classe média brasileira, inspirada na cultura jovem “underground” dos EUA e da Europa, começava a buscar entre os antigos “marginais”, as possibilidades de reconstrução de seus valores. Muitos abandonaram empregos para viver de artesanato em comunidades rurais como a de Arembepe, na Bahia. A mendicância, os trabalhos manuais, as religiões afro-brasileiras, a homossexualidade, passaram a ser valorizadas enquanto formas de viver e comportamentos alternativos. Em certa medida, atitudes até então consideradas obscenas<sup>41</sup>, tornaram-se de algum modo positivas e solidárias às imagens de revolta e criação. Aquilo que antes deveria situar-se fora da

---

<sup>41</sup> “A palavra obsceno pode iluminar nossa pista, especialmente pela sua ambigüidade. Ao pesquisa-la encontramos duas versões. Havelock Ellis (...) sugere que a palavra é uma corruptela ou modificação do vocábulo *scena* e que seu significado literal seria *fora de cena*, ou seja, aquilo que não se apresenta normalmente na cena da vida cotidiana. Aquilo que se esconde. De outro lado, o Aurelião nos informa: obsceno é ‘1. o que fere o pudor; impuro; desonesto; 2. diz-se de quem profere ou escreve obscenidades’, isto é, aquilo que se mostra *em frente à cena* (ob = em frente, sceno = cena). Assim, proferir uma obscenidade é colocar em cena algo que deveria estar nos bastidores.” Ver Moraes, E. & Lapeiz, S.M. **O que é pornografia**, p.8

cena, segundo a moralidade dominante – podia então emergir e ser valorizado como índice de comportamento revolucionário.

Toda interdição e coação da subjetividade passaram a ser apontadas como busca de uma unidade totalitária. Inúmeras manifestações de poder e dominação, fossem elas expressão dos aparelhos de Estado, da burocracia partidária de esquerda ou das relações cotidianas vividas na família, nas escolas, nos ambientes de trabalho, etc., tornavam-se alvo de críticas e contestações. A vigência do autoritarismo foi então percebida para além das atuações do Regime Militar e suas roupagens se diversificaram: machismo, racismo, crime ecológico, genocídio ou qualquer outra forma em que se inscrevesse a intolerância e a opressão.

Contudo, na segunda metade da década de 70, os militares passaram a acenar com a possibilidade de uma maior liberalização política. Nessa época tivemos a retomada do movimento estudantil, a flexibilização da censura prévia à imprensa e a possibilidade da atuação da esquerda fora dos limites impostos pela clandestinidade de outrora. Esse maior desafogo para a circulação de idéias possibilitou que viessem à tona as contradições e divergências existentes no seio da esquerda e ganhassem maior visibilidade.

Dentro da esquerda ortodoxa, “*sob o pretexto de evitar chocar algum hipotético simpatizante proletário, as lideranças muitas vezes se colocavam contra várias práticas bastante generalizadas entre a juventude.*”<sup>42</sup> O moralismo da esquerda justificava-se também pelo fato de alguns setores da Igreja Católica serem importantes aliados em suas lutas e reivindicações. Por esses motivos, não raro, as lideranças exigiam o casamento entre os militantes; condenavam o uso de drogas e as preferências musicais de influência estrangeira como o rock; criticavam o comportamento sexual descompromissado e chegavam a punir com a

---

<sup>42</sup> Ver MacRae, A **construção da igualdade**, p. 24.

expulsão do partido os praticantes de atividades homossexuais. Todos estes fatores contribuía para que a juventude se afastasse desse tipo de militância e questionasse a vontade de poder dos grupos de esquerda, criticando e interpretando a imposição dessa disciplina draconiana como uma maneira de manipular as massas, nivelando as diferenças individuais em nome da luta contra a desigualdade política e econômica.

Havia no ar um certo otimismo quanto às possibilidades futuras. A censura parecia enfraquecer-se, abrindo um campo para emergência de novas falas. *Lampião da Esquina* inscrevia a força de suas palavras nesse quadro de novas possibilidades políticas:

*Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram rumo a uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma “abertura” do discurso brasileiro<sup>43</sup>.*

A problemática *homossexual* inseria-se no clima das expectativas daqueles indivíduos por uma democracia que prometia alternativas de participação, maior igualdade e reconhecimento público. A redemocratização do país começava a ser encenada pela possibilidade de comprar um produto que revelava uma vinculação a uma subjetividade coletiva. É num contexto de promessas e possibilidades de novas escolhas, que esse mensário fazia emergir um projeto de visibilidade alternativa pretensioso. Tal projeto não pretendia inscrever-se no real pelos limites de um gueto, mas apontava para a tarefa de construção de uma coletividade unida nacionalmente em torno de experiências compartilhadas por formas de desejos até então consideradas marginais.

---

<sup>43</sup> **Saindo do Gueto**, editorial nº zero.

O cheiro de “abertura do discurso brasileiro” indicava novas possibilidades de dizer, de inventar novas interpretações das práticas sexuais que se aproximassem do quadro nacional de liberalização que, otimistamente, avistava-se. Junto à crítica à ditadura militar fortaleciam-se todos os discursos que se colocavam contra as formas consideradas caducas e autoritárias da moralidade dominante.

A evidência da falta de unidade das oposições dava margem a que, para além das clássicas divisões entre os marxistas, outros grupos se reinventassem na cena pública, dando voz às reivindicações específicas que ultrapassavam a problemática da luta de classes e instauravam o combate na arena das questões culturais.

Na década de 70, vimos emergir os movimentos das minorias,<sup>44</sup> criticando as hierarquias étnicas e de gênero ou denunciando os crimes ecológicos como problemas pertinentes tanto à dominação da direita quanto presentes e concernentes às relações intestinas da própria esquerda. O feminismo brasileiro se rearticulou a partir de 1975, declarado pela ONU como Ano Internacional da Mulher e em 1978, Houve a fundação, em São Paulo, do Movimento Unificado contra a Discriminação Racial; a greve dos metalúrgicos, o surgimento do PT – Partido dos trabalhadores – e, ainda, o surgimento do grupo SOMOS de afirmação homossexual.

---

<sup>44</sup> Segundo MacRae, op. Cit, o termo minoria aponta “para o fato de que suas lutas se voltam preferencialmente para a melhoria de condições de existência de setores específicos da sociedade, mais do que da população como um todo. Além disso a *menoridade* desses grupos seria reflexo da discriminação sistemática que sofrem, o que lhes veda o acesso a um poder político-econômico mais compatível com seus números”, p. 25. Embora este autor nos auxilie na compreensão de que o termo minoria não se refere à quantidade de sujeitos envolvidos com essas questões, haja vista que não podemos aceitar que negros e mulheres sejam em menor número na sociedade brasileira ou que as questões dos movimentos ecológicos sejam específicas de grupos restritos, não podemos deixar de perceber que o termo é problemático e de qualquer forma vem corroborar para a fixação da problemática desses grupos numa posição inferior na hierarquia das lutas sociais. Ainda que o acesso ao poder político-econômico seja vedado a esses grupos, tal como pretende o autor, devemos considerar que essa não é a única nem a principal forma de exercício de poder na sociedade. Portanto, mesmo que relegados a uma minoridade política, esses grupos não estão desprovidos de instrumentos e estratégias eficazes de intervenção e luta.

O clima de “futuro que vem chegando”, permitia que esses vários personagens - excluídos tanto dos grupos oficiais dominantes da direita, quanto das sectárias e preconceituosas organizações partidárias de esquerda - investissem em lutas reivindicatórias a favor de seus direitos e ensaiassem projetos de emancipação calcados em políticas de afirmação identitária. O combate contra o autoritarismo não se restringia às esferas da política e da economia nacionais, mas também cavava suas trincheiras de batalha no terreno da moralidade e dos costumes.

É importante salientar que as lutas de mulheres e negros não surgiram na década de 70. Elas já vinham desde há muito tempo, embora tivessem arrefecido depois da segunda guerra e, principalmente, após o golpe de 64. Todavia, foi na década de 70, com a ausência de apoio da esquerda para suas questões específicas e com as possibilidades otimistas de uma redemocratização do país, que esses grupos se rearticularam, retomando suas antigas reivindicações e formulando novas demandas na busca de sua autonomia política. Tal busca permitiu que negros, mulheres, ecologistas e homossexuais fossem considerados divisionistas pela esquerda tradicional.

Contudo, os discursos de conscientização das massas, muito presentes na fala das esquerdas opositoras da época que lutavam contra o autoritarismo do regime vigente, ofereciam as condições discursivas propícias para o surgimento de um jornal que justificasse sua existência em nome da necessidade de uma “conscientização” homossexual. Esclarecer, mostrar a verdade, arrancar as máscaras, eram os enunciados presentes em diferentes falas opositoras que produziam um certo isomorfismo discursivo que, não obstante as divergências, situavam os diversos grupos compostos de mulheres, negros, índios, dissidentes políticos e homossexuais sob um mesmo empreendimento de contestação.

O discurso da afirmação homossexual emergia ao lado dos discursos de protesto contra os autoritarismos de direita e de esquerda; ao lado dos discursos feministas contra o machismo e a violência; dos discursos ecológicos contra a degradação ambiental; dos discursos contra os racismos, etc. Escrever *Lampião da Esquina* era uma forma de se aliar a esta rede de lutas minoritárias a fim de ampliar e expandir as próprias forças, colocando-as em ação contra a imagem desqualificada do homossexual. Por isso, embora *Lampião da Esquina* se apresentasse como jornal homossexual em seu editorial número zero, no mesmo texto ele afirmava dirigir-se também a todas as demais minorias.

*Nós pretendemos também ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçados) de parias (...) o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais<sup>45</sup>.*

Nesse sentido, o jornal nasce inserindo o homossexual numa relação simétrica, igualitária, com diversos tipos de discriminados sociais. Ora, a luta contra o regime ditatorial nas décadas de 60 e 70 possibilitava que diferentes discursos dominantes, até então inquestionáveis, fossem denunciados como formas de “falseamento da realidade”. No entanto, para *Lampião da Esquina*, não bastavam a conscientização como forma de esclarecimento, a elucidação do real ou o desmascaramento das verdades, se tudo isso não rompesse com o isolamento segregacionista imposto pela vida nos guetos. Sua busca era maior e apontava para um projeto de integração nacional entre homossexuais. Os limites circunscritos da tolerância de uma sociedade machista deveriam ser ultrapassados pela

---

<sup>45</sup> **Saindo do Gueto**, editorial nº zero.

vontade de construir uma nova imagem do homossexual para além dos exotismos da vida noturna

Reconhecendo a relevância dessas lutas e colocando-se ao lado delas, *Lampião da Esquina* caracterizava a luta dos homossexuais também como a luta de uma minoria oprimida que, para defender-se, precisava de voz. Para o *Lampião da Esquina* a opressão que recaía sobre a minoria homossexual era reforçada pelo estigma da não-reprodutividade: ferida aberta nos corpos pela “mitologia hebraico-cristã”.

*Para acabar com essa imagem padrão Lampião (...) apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico cristã deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz<sup>46</sup>.*

Colocando-se como porta-voz dos homossexuais, *Lampião da Esquina* reivindicava para o grupo mais do que uma simples aceitação social. Para ele, o ato de se assumir tinha que ultrapassar os limites da imagem do homossexual como um “bobo-da-corte”, cuja existência e participação social somente poderia ser aceita como personagem jocosa e caricata a animar as rodas “heterossexuais”.

*O que Lampião reivindica em nome dessa minoria é não apenas assumir-se e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres*

---

<sup>46</sup> **Saindo do Gueto**, editorial nº zero

*humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização enquanto tal*<sup>47</sup>.

Sair do gueto parece indicar uma nova entrada na cena pública, ocupando um novo lugar no imaginário coletivo ao questionar a idéia de que o isolamento em lugares de tolerância era fruto de uma preferência intrínseca a uma natureza homossexual e por si mesma obscena, “fora da cena”, escondida.

Ao contrapor-se às interpretações que desqualificavam as práticas homossexuais associando-as ao obscurantismo, à maldição e à frustração e estigmatizando-as por escaparem à tarefa de perpetuação da espécie, *Lampião* vai, progressivamente, construindo outra perspectiva de tais práticas, entendendo-as como questão de preferência sexual, delineando uma outra imagem da homossexualidade, definindo-se como luta minoritária e como parte da condição humana.

Escrever, produzindo mensalmente um jornal como *Lampião da Esquina* era, portanto, um modo de reverter as correlações de forças e mudar as regras do jogo de poder e de verdade. Ao procurar “esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana” e ultrapassando as fronteiras da vida noturna do gueto, “*Lampião* deixa bem claro o que vai orientar sua luta: nós nos empenhamos em desmoralizar esse conceito que alguns querem nos impor – que nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos”<sup>48</sup>.

A ressonância dos valores da contracultura, aliada à crítica ao conservadorismo político da militância oposicionista e ao surgimento de uma nova articulação dos negros e das mulheres, além das perspectivas lançadas pelo movimento ecológico, permitiram com que um campo de

---

<sup>47</sup> Idem

<sup>48</sup> **Saindo do Gueto**, editorial nº zero

possibilidades se abrisse para a emergência de um novo personagem que, num ato de coragem, tornava-se capaz de exigir legitimidade e reconhecimento público para seus problemas. Dos becos obscenos e clandestinos surge o homossexual assumido.

### **A seriedade Lampiônica**

A seriedade do *Lampião da Esquina* foi constantemente evocada como um aspecto diferencial em relação aos jornais que o antecederam. Esta seriedade era conferida primeiramente pelo conselho editorial “de primeiríssima ordem” que o assinava, formado por intelectuais, artistas e jornalistas profissionais. Alguns dentre estes já gozavam de reconhecimento público e revestiam o jornal de autoridade suficiente para tratar do assunto com competência.

O jornal *Lampião da Esquina* nasceu como fruto de uma entrevista de Winston Leyland - editor do jornal gay americano *Sunshine* - concedida a diversos jornalistas brasileiros em 1977 quando da sua visita ao Brasil. O objetivo desse editor era coletar obras literárias de temática homossexual a fim de produzir uma antologia latino-americana do gênero.<sup>49</sup>

O grupo de jornalistas-entrevistadores, intuindo o possível impacto e importância de uma publicação similar à americana no país, resolveu organizar-se para a publicação de um periódico voltado prioritariamente para *homossexuais*. No entanto, a ambição era maior: que esse periódico não se limitasse aos temas do gueto e que contextualizasse a problemática homossexual nos quadros políticos e culturais do país, naquele momento.

Na primeira página do número zero - uma edição experimental de circulação mais restrita – encontramos, logo em seguida ao editorial de

---

<sup>49</sup> Ver a dissertação de mestrado de Cláudio Roberto da Silva, **Reinventando o Sonho: história Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo**, SP, 1998

lançamento, o texto que visava apresentar o grupo de editores composto por onze pessoas, todas do sexo masculino: jornalistas, um crítico de cinema, um antropólogo, um escritor e um artista plástico. O título que encabeçava o texto de apresentação dos editores era “Os Senhores do Conselho” o que indica a respeitabilidade que o grupo buscava imprimir à sua composição: homens, sobretudo, homens de respeito. Esta será uma marca que percorreu toda a publicação. Embora o jornal fosse produzido por homossexuais assumidos, a assunção não significava abrir mão da masculinidade, mas subverter as regras de sua formação. Eram eles: Agnaldo Silva, Peter Fry, João Silvério Trevisan, Darcy Penteado, Jean-Claude Bernardet, Adão Acosta, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas e Antônio Chrysóstomo. Desse conselho editorial, nove integrantes fizeram doações para a formação de um capital fixo. Os três primeiros números foram financiados pelo dinheiro arrecadado através de uma ampla campanha realizada no meio gay.

A assunção guei que emergia das páginas do *Lampião da Esquina* podia ser descrita como um problema a ser concebido de forma séria haja vista que o lugar de sua enunciação era ocupado por “peritos”. Desde de o século XVIII que o ideal iluminista confere aos intelectuais, aos homens de letras, o poder de “iluminar” as trevas da ignorância pelo esclarecimento produzido pela razão. Os intelectuais estariam, segundo esta acepção, mais próximos da verdade e teriam por isso mesmo a missão de levar a todo o conjunto da sociedade a conscientização necessária à emancipação humana. A luminosidade de *Lampião da Esquina* era conferida pela autoridade daqueles que o produziram: intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo – cidades metropolitanas – alguns voltando do exílio, onde tiveram contato com movimentos de militância, inclusive movimentos homossexuais organizados desde o final da década de 60. O lugar social de onde estes

editores se pronunciavam garantia esclarecer os equívocos do obscurantismo e sua presença na cena pública conferia ao jornal uma aura de seriedade. Percebemos aqui uma mudança de sensibilidade: o preconceito contra homossexuais passa a ser visto como sinônimo de falta de esclarecimento.

O perfil intelectual de seus editores teria influenciado o projeto do jornal desde sua estilística e formas discursivas até a abordagem e posicionamentos diante das temáticas que propunha. Este perfil intelectualizado teria dividido a opinião dos leitores. Para alguns era visto como necessário e para outros como algo totalmente dispensável.

Para aqueles que defendiam o perfil intelectualizado do jornal essa era uma forma de livrar-se do estigma da promiscuidade que recaía sobre a homossexualidade, além de ser uma maneira de diferenciação em relação a outras homossexualidades que era preciso marginalizar, como por exemplo, os afeminados, mais conhecidos como bichas:

*“O aspecto cultural me preocupa, não que eu seja elitista ou que pretenda que os homossexuais passem a discutir Laing, Brecht, Mallarmé, etc., mas porque o conceito de que entre homossexuais só se discute sexo ou, como no caso das bichas reunidas por aí, o mundo se reduz a paetês e plumas, é extremamente nocivo ao homossexualismo”*

Os defensores de um perfil mais erudito acreditavam na importância de se insistir numa formação intelectual consistente do público leitor, como forma de ampliar as armas de combate ao preconceito, muitas vezes, expressos em práticas e discursos influenciados pelas religiões monoteístas.

Entre os leitores que criticavam a erudição de *Lampião da Esquina*, a linguagem muito sofisticada, intelectualizada e politizada foi apontada

como um recurso enfadonho. A excessiva erudição foi combatida tanto nos textos assinados pelo jornal quanto nas cartas dos próprios leitores:

*“A Carta de Paulo Bonorino é uma chatura. Ele tem de saber disso: ele é um chato com esse negócio de homofilia, que lembra hemofilia. Homofílico, homofilia são palavras detestáveis. Digam isso a ele.”<sup>50</sup>*

Não foram raras às críticas feitas por leitores a uma intelectualização excessiva das discussões, associando o *Lampião da Esquina* com outros jornais da imprensa alternativa, considerados “frios” demais.

*“O aspecto do jornal não estimula o leitor, a apresentação interna é muito ‘fria’ e por isso o jornal lembra o Movimento (...) falta uma dose maior de emoção dentro do jornal e dentro dos artigos; deveria haver mais reportagens (emoção) que ensaios (frieza). A semelhança com o Movimento nos transparece do seguinte modo: ‘somos bichas, mas somos sérios (intelectuais)’; como uma desculpa para o fato de serem bichas; o jornal deveria ser sério e descontraído ao mesmo tempo como, por exemplo, o Pasquim de velhos tempos”<sup>51</sup>*

A “seriedade” e “sisudez” da linguagem usada nos primeiros números do jornal, paulatinamente, foi sendo substituída por uma linguagem mais leve e bem humorada. Essa necessidade foi reconhecida pelo próprio periódico: *“Reconhecemos que nosso número zero ficou mais sério do que pretendíamos. Essa é uma coisa a ser corrigida”*.<sup>52</sup> *Lampião* buscou conciliar a seriedade e o humor através da linguagem que adotou.

---

<sup>50</sup> carta de Paulo Perdigoto, SP, *Lampião* n° 01

<sup>51</sup> carta de grupo de leitores de Porto alegre, n° 03

<sup>52</sup> Resposta de *Lampião*, n° 01

A carta citada anteriormente, acena para a formação de grupos de leitura e debate em torno do jornal, fazendo dele um instrumento de articulação política. É significativo o fato de a carta ser assinada por um grupo de leitores e não por um único indivíduo. *Lampião* tornou-se motivo de organização de grupos de discussão, mobilizando todo um conjunto de pessoas e contribuindo para que a *homossexualidade* fosse uma questão não só individual, mas coletiva. Não quero dizer com isso que a organização do movimento *homossexual* foi simplesmente um efeito do *Lampião da Esquina*. Porém, devemos reconhecer sua enorme importância enquanto catalisador deste tipo de organização.

Note-se também na carta a referência explícita a dois jornais da época: o *Movimento* e o *Pasquim*. O leitor faz uma crítica contundente ao estilo do primeiro e essa crítica liga-se as pretensões de compor uma narrativa para as homossexualidades que as legitimassem como assuntos pertinentes e importantes.

A crítica contundente ao jornal *Movimento* deve-se ao fato de que este era um periódico voltado para os discursos de uma esquerda tradicional e dogmática que via a discussão das homossexualidades como discussões menores. Já o elogio ao “*Pasquim dos velhos tempos*”, justifica-se pela linguagem ousada desse periódico que inovou nas formas de criticar todos os sistemas hegemônicos da sociedade brasileira. No entanto, mesmo o *Pasquim* não estaria livre do machismo e do preconceito contra homossexuais.

Sobre a imprensa alternativa, *Lampião da Esquina* dizia: “*É claro quer a gente fecha com alguns daqueles jornais. Mas – e isso mostra como nós somos saudáveis – o importante é que nenhum deles fecha conosco.*” *Lampião da Esquina*, já nos primeiros números, tinha sua relevância comparada a de outros importantes jornais da época. Quanto ao seu

formato e sua linguagem, *Lampião* aproximava-se da chamada imprensa alternativa e independente.

### **Um jornal alternativo e independente**

Entre 1964 e 1980 circularam no Brasil por volta de 150 periódicos cuja característica central era a oposição ao regime militar. Essa imprensa procurava ocupar um espaço de crítica ao regime; espaço esse que havia sido deixado vazio pela grande imprensa alinhada aos valores e interesses dos militares. *“Na origem de cada projeto alternativo, havia invariavelmente um episódio específico de fechamento de espaços na grande imprensa (...) que empurrava um grupo de jornalistas em direção a uma alternativa”*.<sup>53</sup> Os jornais alternativos criticavam o modelo econômico adotado, denunciavam as torturas e violações dos direitos humanos e faziam a crítica dos costumes da sociedade brasileira buscando promover uma ruptura cultural em relação ao autoritarismo moralista da classe média. Muitos deles inspiravam-se nos movimentos de contra-cultura americanos e contribuíram para transformar a linguagem do jornalismo e da publicidade, como foi o caso do *Pasquim*, importante periódico da década de 70. Segundo Kucinski, esses jornais apresentavam-se como alternativa às políticas dominantes e como saída para que as gerações jovens das décadas de 60 e 70 protagonizassem as transformações sociais que almejavam. Devido à oposição acirrada que faziam aos valores e procedimentos do regime militar, esses periódicos eram constantemente submetidos aos processos de censura prévia construindo em torno deles uma área de clandestinidade.

*Lampião* fala de si como uma imprensa alternativa e independente o que lhe atribuía uma qualidade contestatória e oposicionista. Por isso, o

---

<sup>53</sup> Kucinski, p. XVI

periódico aparece como ponto de encontro entre a clandestinidade das práticas homossexuais e a chancela alternativa de uma imprensa que permitia uma visibilidade diferenciada daquela a que até então a homossexualidade havia sido submetida. Este tipo de imprensa caracterizava-se por ser assumidamente de oposição aos sistemas tradicionais da sociedade brasileira: a política ditatorial, a economia cada vez mais dependente dos credores internacionais e a moralidade reacionária. Lampião da Esquina surgia nas trincheiras dessas oposições, beneficiando-se da possibilidade de união coletiva que estas suscitavam entre diversos grupos marginalizados pelo sistema – dissidentes políticos, movimentos estudantis, feministas, ecológicos, de negros e índios – e legitimando-se como prática discursiva séria e com todo direito a existir.

As décadas de 60 e 70 presenciaram a explosão das telecomunicações. Comunicar-se à distância tornou-se tanto um imperativo quanto uma necessidade.<sup>54</sup> Durante o período da Ditadura Militar, o silêncio imposto pela censura e pelo autoritarismo do regime que procurava calar qualquer forma de oposição, fazia urgir a necessidade de buscar novas estratégias para a emergência da palavra. Era a comunicação que permitia a reviravolta. Por meio dela denunciavam-se crimes políticos à Anistia Internacional. Por meio dela cantavam-se músicas de protesto. Houve uma explosão de revistas e jornais. A propaganda do filme “Alien, o 8º passageiro”, publicada em Lampião da Esquina no ano de 1981 enunciava: “*Seu grito não será ouvido no espaço*”. Talvez, somente no espaço fosse possível, de fato, silenciar.

Nesse contexto de proliferação das comunicações podemos observar uma condição técnica para a existência do Lampião da Esquina. Na década de 70 teremos no Brasil a implantação do método off-set, de impressão a frio, que surgira nos Estados Unidos nos anos 50. Esse método otimizava a

---

<sup>54</sup> Ver Sevensko, Nicolau, **No loop da montanha-russa**

produção e impressão dos grandes jornais, permitindo às suas gráficas o oferecimento de tempo ocioso para a impressão de materiais de terceiros a baixos custos e pequenas tiragens. Além disso, na mesma década, a Editora Abril implantou o sistema nacional de distribuição da revista *Veja*. A editora se dispunha a distribuir junto à sua principal revista, os jornais alternativos que surgiam e que possuíam um projeto de circulação nacional com uma tiragem mínima de 25 mil exemplares. Porém, a editora cobrava adiantado dos jornaleiros pelos materiais recebidos e ficava com 40% do dinheiro arrecadado. Isso acabou significando um enorme problema financeiro para os jornais alternativos que, não conseguindo vender regularmente mais do que a tiragem mínima e não possuindo uma receita favorável advinda de anunciantes, não conseguiam cobrir as despesas e acabavam ficando no prejuízo. A proposta da Editora acabara servindo como forma de endividamento para esses jornais que, ao enfatizar seu caráter político e não comercial, tinham seu período de sobrevivência estreitado.<sup>55</sup>

Foi, portanto, num jornal da imprensa independente e alternativa, que uma nova explosão discursiva das homossexualidades começou em 1978, sem as finalidades normalizadoras da medicina e da religião, que visavam coibir e interditar tais práticas, mas como uma maneira de legitimá-las, autorizá-las e mais que isso, para reivindicar para elas novos espaços: não somente as rodas de amigos em que a imprensa gay que o precedeu circulava, mas nas bancas de jornal.

Buscavam-se novas relações que não ficassem restritas às sombras noturnas de um gueto, mas viessem à tona em plena luz do dia, bem-resolvidas e assumidas. “O sol nas bancas de revista, me enchem de alegria e preguiça, quem lê tanta notícia”<sup>56</sup>. Era sobre o suporte

---

<sup>55</sup> Kuscinki, Bernardo, *A síndrome da antena parabólica*, p.185-186

<sup>56</sup> Verso da música *Alegria*, Alegria de Caetano Veloso, de 1968.

institucional de uma imprensa que se apresentava como independente dos poderes oficiais instituídos por um regime militar e, como alternativa aos veículos de informação tradicionais tomados como porta-vozes de todo moralismo reacionário desse regime e da sociedade que ele encarnava, que os discursos da assunção farão as homossexualidades reverberarem. Com a finalidade política de exigir reconhecimento dos seus direitos civis e sociais, combater a violência e formar uma coletividade orgulhosa de si mesma, o jornal inicia uma empresa de assunção das homossexualidades. Seu intuito não era explicar as homossexualidades, dizendo o que eram os homossexuais, mas mostrar como viviam e como essa existência em uma sociedade machista e conservadora trazia problemas e dificuldades para eles. Em *Lampião da Esquina*, viu-se as homossexualidades aparecerem como um estilo de vida dentre tantos outros possíveis.

### **Circulação e Distribuição**

Outro aspecto importante que atestava a singularidade do *Lampião da Esquina* era sua ampla circulação. O jornal possuía circulação nacional e o seu primeiro número teve uma tiragem de dez mil cópias; o segundo de quinze mil cópias. A abrangência de circulação do jornal, embora realizada com dificuldades, permitiu com que cartas de diferentes procedências – várias cidades brasileiras e até algumas cartas do exterior do país - fossem enviadas para publicação.

*“Que loucura, gente. Essas cartas que nos chegam dos lugares mais inesperados (Rolândia? Alguém disse Rolândia?) que emoção. Gostaríamos de tornar menos precária a nossa distribuição, para chegar a todos vocês com mais tranquilidade. Infelizmente, os meios de distribuição no Brasil ainda são os mesmos dos tempos áureos de “O Cruzeiro”. Mas*

*fazemos o possível; um dia, costuma dizer João Antônio Mascarenhas, cobriremos do Oiapoque ao Chuí...”<sup>57</sup>*

Apesar das dificuldades nos métodos de distribuição, o jornal possuía estratégias de circulação - beneficiando-se muito do “boca-a-boca” - por espaços reconhecidos como guetos homossexuais: saunas e boates, por exemplo.

*“(...) recebi o número zero na boate Sótão, na Galeria Alaska, o rapaz da chapelaria me deu”<sup>58</sup>*

Os leitores também colaboravam com a distribuição e circulação do jornal por diversas cidades brasileiras, indicando possíveis locais de venda. As cidades apareciam no periódico como locais praticados e vivenciados por esses indivíduos. As cartas dos leitores transpiravam o território, o lugar de sua procedência. As cidades estavam ali...crescendo, agregando novos espaços da sociabilidade “moderna” de fins dos 70, tais como shoppings e discotecas. Era comum esses lugares aparecerem, entre as sugestões dos leitores, como possíveis locais para venda do jornal.

*“Nem só de crimes vive a baixada fluminense. Também aqui existem pessoas sequiosas para ler as publicações da chamada imprensa independente. Infelizmente (se não me engano) o único jornal nesse estilo que encontramos à venda por aqui (assim mesmo só em alguns lugares) é o Pasquim. Se desejamos qualquer outro, somos obrigados a nos deslocar até o centro para adquiri-lo. Não sei a que se deve tal fato mas asseguro que não é falta de leitores. Não sei como se procede para distribuir os jornais, mas gostaria de fazer uma sugestão: existe no*

---

<sup>57</sup> resposta de Lampião a carta de um leitor , nº 03, 1978

<sup>58</sup> carta de Júlio C. – Madureira – Rio, nº 02

*shopping Center Duque de Caxias uma banca chamada MARABO, que além de vender as melhores revistas e jornais, fica aberta até tarde da noite e encontra-se muito bem localizada. Que tal trazer o Lampião até aqui para clarear estas bandas ainda tão obscuras e fétidas?”*<sup>59</sup>

Na carta citada, a leitora destacava a localização da banca e apontava o shopping center como um lugar adequado para a venda da publicação. A qualidade das publicações vendidas na banca do shopping e o seu funcionamento noturno como dados favoráveis à distribuição de um periódico voltado para o público *homossexual*, indicavam astúcias na forma de praticar uma leitura que se inicia desde a trajetória realizada pelas ruas até a banca onde a qualidade de outras publicações sugeria a libertação do jornal dos estigmas de imprensa marginal.

Provavelmente, para muitos *homossexuais* não era nada confortável comprar este gênero de periódico em qualquer hora do dia, pelo receio de sofrer represálias. Preservar-se no escuro da noite e na sociabilidade confortante e “de vitrine” do shopping center apontavam para uma visibilidade pública que se arquitetava não pelo embate com o mundo *heterossexual* hegemônico, mas pelas brechas possíveis de interação social. A luz do *Lampião* chegava “às bandas obscuras e fétidas” indiretamente, talvez levada na bolsa, na sacola, por baixo da roupa, trazida pela leitora que se movia pela cidade a fim de buscar essa “luz” para si. Em algumas cidades do país, a presença de uma publicação gay era vista com surpresa e admiração não só pelos leitores como pelos próprios editores do jornal.

*“Comprei o jornal numa banca de revista aqui em Campina Grande (...) Será essa a tal da abertura democrática, a gente poder comprar na esquina de casa um jornal de divinas tias?”*

---

<sup>59</sup> carta de Rita Foster Brother – Belfort Roxo – RJ n° 03

*Digam que não estou sonhando, confirmem que Lampião chegará a Campina Grande todos os meses (...)*<sup>60</sup>

Os limites do Lampião, embora percebidos por muitos leitores, não inibiu a comemoração de uma “modernização dos costumes” que parecia anunciar-se e que logo poderia levar ao esquadramento luminoso e total gerado pela “eletricidade” que viria.

### **Das verdades médicas às verdades jornalísticas**

Para combater a imagem desqualificada do homossexual e desmoralizar o moralismo vigente, algumas tarefas se impunham. A primeira delas era enfraquecer algumas “verdades” que, até então, serviam como justificativas para a construção de apreciações negativas das práticas homossexuais. Era preciso, por exemplo, destruir a idéia antiga autorizada pelo saber médico que associava a homossexualidade à doença. A patologização das práticas homossexuais era um obstáculo para o indivíduo se reconhecer como sujeito de uma homossexualidade, tomando essa luta minoritária para si.

*Lampião da Esquina* tomava a luta contra a “verdade” patologizante da homossexualidade como uma função do discurso jornalístico ao fazê-la migrar do território das “verdades científicas” para o território da informação e da notícia. A homossexualidade passava a constituir-se então não mais como um objeto de análise clínica, mas como um acontecimento da cultura, abrindo espaço, imediatamente, para que outros autores do discurso sobre o tema ficassem em evidência, para além dos médicos. Esse deslocamento podia ser percebido nos artigos publicados pelo jornal em sua coluna chamada *Opinião*.

---

<sup>60</sup> carta de M.C.L. Campina Grande – PB, n° 03

Como o título da coluna enunciava, opinar era uma prática discursiva valorizada na época. Dar a própria opinião, dizer o que se pensava e fortalecer o próprio pensamento com argumentos, ampliava a importância de buscar em um jornal as informações necessárias para abastecer o próprio repertório de saberes, revigorar as próprias forças e resistir a diferentes formas de dominação e sujeição.

Assumir-se como jornalismo opinativo não desvalorizava o *Lampião da Esquina* numa época em que a chamada Grande Imprensa, que se dizia objetiva e imparcial, falava em nome da ditadura e da repressão política. A prática de opinar estava presente não somente num certo jornalismo de resistência política, como o *Lampião da Esquina*, mas no teatro e na música. Na década de 60, Nara Leão cantava no espetáculo *Opinião*: “podem me prender, podem me bater (...) que eu não mudo de opinião”

Na coluna *Opinião* do número dois de *Lampião da Esquina*, Darcy Penteadado e João Antônio Mascarenhas assinavam, respectivamente, os textos: “Homossexualismo: que coisa é essa?” e “Assumir-se? Por quê?”. O primeiro texto, agia contra as supostas verdades médicas que submetiam a homossexualidade à doença, construindo sua explicação patologizante. O segundo texto procurava convencer o leitor das vantagens e desvantagens de assumir-se homossexual.

O primeiro texto revelava a imagem de uma medicina que, a despeito de seu estatuto científico e de suas tentativas, também cometia erros e era incapaz de conseguir classificar com precisão o homossexualismo como distúrbio genético, endócrino ou psíquico, como podemos perceber no trecho seguinte:

*Ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina ou psíquica não só é difícil mas impossível e, com*

*todo o avanço da ciência, ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações.*

Diante da impossibilidade de determinar suas origens e motivos, a idéia de homossexualismo<sup>61</sup> como doença perdia suas forças. A ignorância médica sobre tal origem impedia a enunciação de uma verdade científica definitiva, haja vista que há muito tempo a origem de algo é mantida como o lugar de sua verdade. Não tendo atingido a origem do homossexualismo, a ciência médica estaria, portanto, impossibilitada de pronunciar qualquer verdade forte sobre tais práticas.

O texto prosseguia mostrando as falhas e a violência de certos tratamentos prescritos pela medicina como tentativa de reverter o homossexualismo do indivíduo. A prescrição de aplicações de hormônios masculinos em homens e femininos em mulheres partia da suposição de que a sua causa estava na base de uma deficiência hormonal. Os resultados negativos de tal tratamento invalidava tal interpretação, pois, segundo o texto, surtia o efeito contrário, incentivando os desejos homossexuais ao invés de miná-los. Outro tipo de tratamento colocado em questão foi o uso de eletro-choque nos órgãos genitais a fim de causar repulsa pelas práticas homossexuais. O texto apontava para a falência e barbárie de tais métodos.

*Processos até certo ponto simples só que errados. O primeiro, ao contrário de suprir a discutível deficiência, incentivava os desejos sexuais pelas pessoas do mesmo sexo e o segundo, malgrado a sua violência, condicionava o paciente à impotência, não a uma repulsão pelo ato sexual realizado “fora das normas”, como era previsto. (...) A questão não é então*

---

<sup>61</sup> Hoje em dia, o termo homossexualismo é considerado pejorativo devido ao fato do sufixo -ismo indicar patologias. Os grupos organizados de homossexuais preferem utilizar o termo homossexualidade como forma de indicar que esta é uma das diversas expressões da sexualidade humana. Embora durante toda esta dissertação optou-se por utilizar o termo homossexualidade, buscou-se conservar aqui o termo homossexualismo por ser este a terminologia utilizada pelo texto de Darcy Penteadó.

*hormonal e se é de origem mental, não pode ser tratada com esse sistema bárbaro de castração psicológica.*<sup>62</sup>

Ao criticar os tratamentos prescritos, o texto colocava em xeque seus resultados, mostrando que um levava à impotência e não à repulsão sexual e o outro levava ao aumento do “desejo homossexual”. Quanto à questão mental, embora o texto não descartasse de pronto esta hipótese, lançava mão da sensibilidade e da intolerância em relação à violência do tratamento como forma de criticar a perspectiva médica. Quanto à questão hormonal, o texto promovia uma inversão de valores. De acordo com os resultados obtidos, o homossexualismo não seria fruto de uma deficiência hormonal, mas ao contrário, de um excesso de hormônios. O excesso de hormônios masculinos em homens e de femininos em mulheres levaria a uma ampliação do desejo por práticas homossexuais. Ser homossexual não seria, portanto, um desvio em relação à natureza de seu próprio sexo mas, ao contrário, um excesso dessa mesma natureza. O texto prosseguia associando a prescrição de tais tratamentos à práticas médicas antiquadas que perdurariam somente em alguns países:

*A medicina atual está apoiando, possivelmente, com mais acerto mas sempre em passos titubeantes, uma tese de conciliação endócrino-psicogênica. Segundo ela, desejo sexual e erotismo dependem, tanto no homem quanto na mulher, de um grupo de substâncias denominadas andrógenos, dos quais os seres humanos reagem com comportamentos masculino ou feminino, conforme a sua maior ou menor atuação.*<sup>63</sup>

Ao distinguir a perspectiva de uma medicina atual da perspectiva de uma medicina antiga, o texto fazia com que a força do saber médico

---

<sup>62</sup> Ver Penteadó, Darcy, **Homossexualismo: que coisa é essa?**, Lampião da Esquina, nº02

<sup>63</sup> Idem, *Ibidem*

reagisse contra si mesma, mostrando um discurso médico pouco convicto das verdades que defendia e relativizando essas mesmas verdades. As verdades médicas seriam construções históricas provisórias, relativas ao tempo e ao lugar de sua emergência. Contra a verdade médica de um homossexualismo como doença, o texto apontava para a emergência de uma bissexualização da natureza humana. Vejamos:

*É possível que o ser humano, em sua origem mais primária, tenha sido bissexuado porque os dois órgãos sexuais, masculino e feminino, em suas partes periférica, são dotadas de predisposição sexual. O mesmo então deve acontecer em sua parte central, isto é, no cérebro contendo centros masculinos e femininos responsáveis pelo gênero de atuação sexual. A homossexualidade resultaria então da predominância do centro errado, isto é, do sexo oposto. Esta teoria é aceitável, mas não deixa de ser discutível porque se encaixa perfeitamente com a definição de transexualismo, mas carece de mais elementos para o homossexualismo, cujo comportamento psíquico difere, sem ser gradativo ou correlacionado com o outro citado.*

O texto aceitava, em parte, a idéia de uma origem bissexual do ser humano já que tal verdade inscreveria as práticas homossexuais como parte da natureza e não como anti-naturais. Tanto homens quanto mulheres, independente de serem hetero ou homossexuais teriam contido em si, em estado latente e inscrito nos órgãos sexuais e no cérebro, as predisposições do sexo oposto. A homossexualidade seria, segundo tal perspectiva, a manifestação dessa predisposição latente em heterossexuais. Contudo, a aceitação de tal tese era limitada, pois já se distinguia na época a figura do homossexual da figura do transexual. O segundo desejaria claramente mudar de sexo, enquanto que o primeiro, não obstante os equívocos de interpretação do senso-comum, viveria suas práticas sexuais e afetivas com

pessoas do mesmo sexo sem abdicar do seu gênero. Essa era uma das lutas do *Lampião da Esquina*: mostrar que, para ser homossexual, não era preciso deixar de ser homem ou de ser mulher.

O texto encerrava sua primeira parte, destinada à crítica dos saberes médicos, apontando para a importância do trabalho da “psiquiatria moderna” em relação aos homossexuais. Ser moderno significava mudar os objetivos do tratamento, não pretendo mais a cura do paciente, mas seu ajuste a sua própria homossexualidade.

*Pelo menos uma coisa é certa e relevante: os psiquiatras modernos, na impossibilidade de curar (?), trabalham no sentido de ajustar os pacientes à sua homossexualidade, o que já é tarefa difícil, considerado as barreiras da sociedade de predominância heterossexual, que tem obrigado o homossexual a viver em mutismo a sua verdade, o circunscritou aos limites do “gueto” da tolerância coletiva. Por essa razão, a maioria dos homossexuais tem desejado ser “normal” e durante toda a vida recalca e esconde seus sentimentos verdadeiros numa tentativa de condicionamento nessa “normalidade”.*

O desajuste do indivíduo não seria em relação à sociedade, mas a si mesmo, devido às dificuldades de aceitar-se e reconhecer-se como homossexual. O predomínio da heterossexualidade aparecia aos olhos dos homossexuais como índice de uma “normalidade” que o levaria a negar sua “verdade sexual” e viver uma heterossexualidade “de mentira”. A verdade muda e escondida só poderia vir à tona nos guetos, entendidos aqui como espaços tolerados socialmente. O gueto, ao calar e circunscrever a verdade homossexual a limites sociais precisos, garantiria o padrão da normalidade social. Nota-se que, segundo o texto, a homossexualidade era uma verdade e não uma sexualidade “de mentira”, que até então tivera a sua existência

mantida em silêncio e exilada por imposição de uma moralidade dominante. Ajustar-se a sua própria homossexualidade significava reconhecer-se como sujeito homossexual e acreditar nessa condição. Depois das críticas ao saber médico, o texto prosseguia expondo uma outra perspectiva sobre a homossexualidade. A associação dos homossexuais à imoralidade, ao desequilíbrio mental e à anormalidade, passava a ser descrita como fruto do machismo e da desinformação. Darcy recorria ao saber sociológico e ao dicionário para questionar o que é ser “normal”.

*Mas o que é o normal? Consulto o pequeno dicionário da Língua Portuguesa: Normalidade - qualidade em estado de normal; que é segundo a norma; regra; modelo; preceito; lei. Recorro então ao padre católico, médico e sociólogo francês Marc Craison e no seu livro “La question homossexuelle” encontro: “Mas de que lei falamos?... Toda cultura é fundada, em efeito, sobre uma certa representação do homem e dos seus relacionamentos com o mundo, e aquele que não se assemelhe a esta representação é chamado de anormal. Mas esta “lei cultural” é normativa, o mesmo que dizer imperativa: ela obriga a ser normal para que o indivíduo encontre o seu lugar na cultura em questão”.<sup>64</sup>*

O texto autorizava a crítica ao conceito de normalidade fazendo uma citação de um autor que falava, ao mesmo tempo, do lugar de “padre, médico e sociólogo”, ou seja, alguém com tripla legitimidade para falar em nome da Igreja, cujo discurso tendia a desqualificar as práticas homossexuais; em nome da medicina que, em geral, patologizava tais práticas; e da sociologia que fornecia argumentos para tratar a questão sob a ótica das relações sociais e da cultura. A citação de Marc Craison

---

<sup>64</sup> Idem, Ibidem

contribui para descrever o conceito de normalidade sob o viés da cultura, inscrevendo o conceito de “normal” no campo das preocupações morais de uma sociedade e tornando-o, por isso mesmo, relativo às suas representações culturais. Ser anormal, nessa perspectiva, correspondia a querer e agir para mudar os valores culturais de uma sociedade, renovando-os e mudando suas formas. Tratar o homossexual como um anormal, segundo esta interpretação, seria então admiti-lo como um agente transformador da cultura tal qual os artistas.

*Todos os que saem desta bitola estreita, os artistas, os criadores, os imaginosos e talentosos devem ser considerados anormais porque as normas de uma sociedade são ditadas pela ideologia média e as exceções quando muito, são suportadas e raras vezes aceitas.*

Ao descrever a postura do artista como a atitude de um anormal na medida em que este contesta as normas vigentes, o texto positivava a anormalidade e valorizava a figura do homossexual. Ser considerado anormal, desse ponto de vista, não seria uma forma de desqualificação, mas de valorização.

Depois de rechaçar a idéia de que a homossexualidade era uma doença e de associa-la às vanguardas culturais, o texto de Darcy concluía afirmando a homossexualidade como um fato e como condição humana.

*Mais do que um fato, o homossexualismo é condição humana. E como tal, mesmo sendo atributo de uma minoria, está exigindo o seu lugar atuante numa sociedade, com o direito a uma existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada. Porque só a tolerância, como foi dada até agora, não obrigado! É muito pouco.*

Para transvalorar os valores associados à imagem do homossexual, o texto faz a crítica às verdades médicas que a desqualificavam e constrói outras verdades sustentadas no saber sociológico e num saber médico considerado moderno, voltando-o contra si mesmo. Essa nova verdade, que descrevia a homossexualidade como fato e condição humana cumpria algumas funções. Se a homossexualidade podia ser considerada como um fato, ela servia como matéria jornalística a ser publicada e difundida. Se além de fato, ela era condição humana, contra ela nada podia ser feito e não se aceitá-la como um aspecto da vida dentre tantos outros e defender os seus direitos. O texto se dirige ao leitor, dando-lhe informações capazes de leva-lo a vencer o medo de ser visto como anormal e doente e de permitir com que ele se reconhecesse e se assumisse como homossexual. Ler *Lampião da Esquina* era uma forma do indivíduo ser levado a reconhecer-se como sujeito de uma homossexualidade.

### **As forças do assumir-se**

O segundo texto, “Assumir-se? Por quê?”, parece confirmar esse intento, procurando enumerar as razões que levariam alguém a se reconhecer como homossexual. Logo no início, o texto procura explicar o que entendia por “assumir-se”.

*Assumir-se, no caso, significa o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem esconde-la.*

A atitude assumida não implicava sair dizendo a todo o momento: “sim, sou gay!”. No entanto, pressupunha não negar essa condição. Sabia-

se que tal tarefa não era encarada sem dificuldades, mas que advinha de um trabalho constante sobre a própria sensibilidade.

*Isto não se consegue nem rápida nem facilmente, mas, em geral, a duras penas, depois de angústias e frustrações.*

Assumir-se, segundo o autor, era ser natural, sem ostentar a própria condição e sem escondê-la, encontrando um equilíbrio entre o dizer e o não dizer, o mostrar e o não mostrar, num jogo constante de reticências. No entanto essa naturalidade era dura de ser conquistada, um suplício cujo esforço exigido pode recompensar com uma redenção final.

Esse suplício angustiante e frustrante parecia se opor à idéia de “aceitar com naturalidade a própria condição”, já que esta remetia a uma simplicidade no modo de ser em nada parecida com o processo do supliciado. O valor do suplício só se justificava na credulidade de que o momento da redenção chegaria, após as várias reticências do indefinido.

Tal esforço contínuo, sobre si mesmo, seria recompensado por algumas razões. Assumir-se libertaria o indivíduo da obrigação de fingir ser o que não era e da tensão causada pelo medo de ser descoberto. Seria também uma forma de mudar as regras do jogo social que simulava ignorar a homossexualidade alheia como forma de manter os indivíduos sob controle, reconhecendo “seus lugares” sem se manifestar e até agradecidos pelo “bom tratamento”.

Assumir-se era também uma forma de impedir possíveis chantagens vindas de diferentes direções como de parceiros sexuais, repórteres sensacionalistas, colegas de trabalho e outras pessoas do círculo de convivência social e pessoal. Era uma forma de libertar-se da chantagem afetiva de familiares e das chantagens, extorções, acusações e vexames públicos impingidos por policiais.

Podemos afirmar que assumir era, também, uma maneira de neutralizar as armas do machismo o qual, utilizando-se do pressuposto de “quem parece é”, oprimia e impunha um regime de medo. Era um modo de dar o exemplo a outros homossexuais que, por receio das sanções sociais e por não suportar os estigmas impostos acabavam por suicidar-se. Era um meio de auxiliar os familiares a lidar com os próprios preconceitos e ampliar a aceitação por parte de heterossexuais ao mostrar que os homossexuais podiam ser bem sucedidos em vários ramos de atividades de trabalho. Era uma forma de luta política por respeito, contra o sentimento de culpa, a opressão e a violação de direitos humanos.

*O assumir-se constitui um ato essencialmente político, através do qual o indivíduo reconhece-se como integrante de um grupo oprimido, primeiro e indispensável passo para lutar contra a opressão. Evidentemente, quem teme defender-se pelo receio de identificar-se, não se encontra preparado para se fazer respeitar.*

No entanto, depois de enumerar as várias vantagens do “assumir-se” o texto seguia apontando os principais inconvenientes de tal atitude.

*Em varias situações, a fúria punitiva é tal que somente cada um de nós, individualmente, acha-se habilitado a decidir quando e como poderá arcar com as conseqüências de uma ostensiva rejeição dos preconceitos dominantes. Apesar de absurdo, o homossexual assumido sujeita-se ao risco de perder o emprego ou arruinar a carreira profissional e, além disso, de alienar o afeto de criaturas que lhes são caras.*

Os principais focos de preocupação do assumido estariam relacionados ao campo das relações de trabalho e ao campo das relações

afetivas. Contudo, o autor ressalta a importância do emprego e da carreira, mas minimiza a preocupação com a perda dos vínculos afetivos.

*Impossível ressaltar a importância dos dois primeiros pontos. O terceiro, porém, parece-me irrelevante. Em meu entender, não merecem nosso apreço as pessoas que condicionam a amizade ao uso que damos à nossa genitália, salvo - é óbvio - as que vão para a cama conosco, pois para elas - e só para elas - o desempenho de um papel sexual determinado realmente significa muito.*

O impasse permanente dessas subjetividades era a aceitação da “natureza” do seu sexo em conflito com pertencimento a cultura *heterossexual* vigente em círculos sociais como os de amizade, da família e do trabalho.

A época em que *Lampião* saía às ruas era a época de valorização do indivíduo autônomo que, por ganhar, seu próprio sustento, não precisava prestar contas de sua vida pessoal, regando-a conforme os valores que lhes fossem caros. No entanto, havia o outro lado da moeda. Assumir-se passava a implicar em novas regras, rigores e coações. O indivíduo assumidamente homossexual passou a ser cobrado a agir como tal. Assumir-se era também um modo de transferir para si o peso e a liberdade de ser responsável, sozinho, por sua própria identidade. O homossexual assumido aparece como uma espécie de exemplo maior daquilo que o individualismo de massa fez com os indivíduos na década de 70: tornando-os autônomos, mas também fazendo deles sua única referência, tendo que se gerir sexual e subjetivamente.

Ambos os textos mencionados foram assinados. As assinaturas funcionavam menos como uma ligação das idéias escritas aos seus respectivos autores do que como forma de assumir-se. *Lampião da Esquina*

colocava-se como um jornal não somente dirigido a homossexuais, mas como um jornal escrito por homossexuais assumidos.

A idéia de “assumir-se” percorreu todo o jornal e nunca foi consensual entre seus editores e leitores.

*“(...) o assumir, longe de ser uma libertação do indivíduo, constitui-se no mais sutil endossar dos interesses da sociedade patriarcal, pois, ‘assumir’ acaba reforçando a idéia de que pessoas que transam pessoas do mesmo sexo são realmente diferentes, assim garantindo o comportamento ‘normal’ dos outros. Por um mecanismo demais sutil o ‘assumir’ acaba corroborando esta idéia de diferença e santificando-a nos templos das boates e nos testamentos de jornais como este. Está na hora de assumir outra coisa. Assumir o direito de transar com quem quiser sem ter que assumir a luta por um lugar no gueto, sem ter que assumir a condição de ‘entendido’, etc. etc.. Pessoas são pessoas e chega”<sup>65</sup>*

Era o direito de transar que era reivindicado sem a necessidade de romper com a “verdade” do corpo masculino. Guilherme queria a igualdade e não a diferença...igualdade possível desde que o desejo a *homossexualidade* se restringisse aos limites das quatro paredes onde o ato sexual pudesse acontecer. O assumir-se se construía no meio ambíguo entre intimidade e a coletividade.

À carta do leitor Guilherme Império, o jornal responde da seguinte maneira:

*“Lampião não disse até agora que as pessoas têm que assumir a própria sexualidade e se fechar dentro dela, nem pretende dizê-lo. Nós saímos na rua exatamente para pregar outra coisa: que*

---

<sup>65</sup> carta de Guilherme Império – Campinas/ SP – n° 01

*transar (qualquer que seja a forma de transação) é gostoso, é saudável combate à cárie, faz um bem enorme à pele e, acima de tudo, não dá câncer! E queremos dizer isso não apenas aos homos, mas aos heteros, pois estes são prisioneiros do próprio sexo. (...) Muita gente usa esse argumento seu, de que o homossexual não deve se fechar no gueto exatamente para justificar a discriminação: 'se você não falar do seu problema, o seu problema não existe' <sup>66</sup>*

A prática sexual, qualquer que fosse ela, era legitimada pelo *Lampião* como “gostosa e saudável”, diferente do discurso impingido pela Igreja Católica e pela Medicina que, por muito tempo viram as práticas não voltadas para a reprodução como símbolo do nefando, do pegado ou da doença, da anormalidade. O jornal destacava que seu discurso era uma pregação que incitava à libertação da cadeia do sexo. Chama a atenção o sentido quase religioso, implícito nestas promessas de saúde e prazer que legitimavam o “assumir-se”. A “Assunção” elevava o sexo a uma dignidade emblemática.

Embora a resposta do jornal ao leitor afirmasse nunca ter dito que era preciso assumir a “própria sexualidade e se fechar dentro dela”, o sentido desse “assumir-se” era ambíguo e apresenta contradições. O jornal acaba por concordar com a centralidade do sexo na delimitação dessa subjetividade *homossexual*, mas ao mesmo tempo reivindicava uma saída do gueto, dos “esconderijos” sem apontar para onde se entrava depois do batente da porta. “Assumir-se” era uma aceitação de si e da possibilidade de praticar o ato sexual “saudável e gostoso” sem constrangimentos, mas não era andar de mãos dadas com seu parceiro nas ruas das cidades, por exemplo. A prática sexual continuava central na reconstrução dessas subjetividades.

---

<sup>66</sup> resposta de *Lampião* a Guilherme Império, nº 01

Assumir-se era identificar-se como homossexual a fim de lutar contra coações e coerções. A estratégia de luta não era, portanto, livrar-se de um nome cujas apreciações o haviam desqualificado. Pelo contrário, a ação passava pelo confisco de um vocabulário pejorativo, adotando-o para si como forma de inverter o seu valor e potencializar as suas forças. Tratava-se de interferir nos jogos de verdade legitimados socialmente para mudar as suas regras e conquistar novas vitórias.

Dentre as várias possibilidades de jogada que *Lampião da Esquina* efetivou durante os anos de sua circulação, uma delas foi colocar as *Cartas na Mesa*.

## Capítulo II

### Cartas na Mesa

ou

### Do que pode uma seção de cartas

*Os corpos podem ser físicos, biológicos, psíquicos, sociais, verbais, são sempre corpos ou corpus (...) Os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na ação quanto na paixão..*

Gilles Deleuze

Uma carta é um corpo. Uma individuação material, um artefato que surge em meio ao encontro da tinta com o papel, uma fronteira, uma “linha de encontro de um mundo interior com um mundo exterior”.<sup>67</sup>

Uma carta é também um corpus, um conjunto de coisas ditas, uma miríade de enunciados unidos, não como um conjunto acabado em si mesmo, fechado em sua suposta unidade, mas como linhas amarradas a compor um fragmento de rede, como conexões de fios que não se arrematam nas bordas e deixam a sensação de um prolongamento virtual para além daquilo que se lê. Uma carta não começa e não termina, mas se faz como caminho, passagem, travessia.

No encontro com o papel e a tinta, alguém se torna carta e se faz escritura, para que mais tarde, num outro tempo que não mais lhe pertence, aconchegado entre os dedos de mãos distantes, possa ser transpassado por olhares agudos e desejosos por leitura.

Se cartas existem e são possíveis é porque existem as distâncias e, nem sempre, estamos próximos e presentes. A necessidade de falar não suporta a ausência do ouvido. Quando a distância não pode nem mais ser superada pela potência de um grito, resta ao desejo de se comunicar conformar-se à escrita e se entregar ao deleite do olho.

Cartas são feitas para romper distâncias<sup>68</sup> e suprir ausências físicas, substituindo o corpo quando este não pode estar junto ao outro, extensionando-o pelo espaço e lhe permitindo chegar, alcançar e comunicar.

Há cartas escritas para serem rasgadas, mas que, nem por isso, deixam de cumprir suas funções e produzir seus efeitos: constituir

---

<sup>67</sup> Para Deleuze, “é isso agenciar: estar no meio, sobre uma linha de encontro de um mundo interior com um mundo exterior”. Portanto, uma carta é um agenciamento. Ver Deleuze, G. & Parnet, C., **Diálogos**, p.66

<sup>68</sup> “as cartas se rendem forçosamente ao seu sentido primeiro: o de abolir distâncias”. Ver Moraes, Eliane R. in Galvão & Goltlib (org.). **Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos de cartas**, p.55.

momentos de intimidade, de diálogos consigo, um acalanto ou um expurgo, um “cuidado de si”. Ainda aqui o intuito de comunicar e percorrer distâncias se faz presente. Há quem escreva para se aproximar de si mesmo.

Mas existem cartas que fogem para além dos limites reservados da intimidade. Cartas que não se querem como um segredo, como um burburinho de pé-de-ouvido, guardadas em gavetas e condenadas ao esquecimento tão logo se chegue ao fim de sua leitura. Há cartas que recusam o silêncio porque o que desejam é o barulho do espetáculo. Querem se fazer ler, não por um, dois ou três, mas por muitos! Passar por muitas mãos, muitos olhos, muitas leituras e serem acolhidas pela multidão. Há cartas abertas ao mundo – se possível – para protestar, saudar, contar histórias incontáveis, criar polêmicas, denunciar dominações e sujeições. Cartas feitas para serem publicadas e se darem ao mundo. Cartas que não aceitam a solidão e buscam existir entre outras como, por exemplo, na seção de cartas de *Lampião da Esquina*.

A seção de cartas de *Lampião da Esquina* não era somente uma coletânea de missivas. Era mais que isso; era tanta coisa! Era costura de coisas ditas que emergiam como efeitos da leitura desse jornal, cumprindo a função de criticar, elogiar, sugerir, opinar... Mas era também a publicação de relatos, de pedidos de ajuda e de desabafos.

A publicação dessa seção de cartas pode atribuir credibilidade ao jornal, associando-o à imagem de imprensa séria, democrática e aberta aos questionamentos. Podia também mostrar as dimensões da circulação territorial desse jornal, sua aceitação ou rejeição pelo público e sua capacidade de constituir uma comunidade de leitores e de missivistas. Podia legitimar as opiniões de um jornal e rememorar as razões de sua existência, além de divulgar o veículo e contribuir para a conquista de novos leitores. Podia ampliar a potência de cartas antes solitárias,

possibilitar a emergência de novos desejos e incitar a fabricação de novas sensibilidades. A seção de cartas de *Lampião da Esquina* servia para colocar as *Cartas na Mesa*.

Colocar as *Cartas na Mesa* era uma forma de distribuí-las, espalhando-as sobre uma superfície plana para melhor visualizá-las, classificá-las e selecioná-las segundo critérios, interesses e valores particulares. Colocar as *Cartas na Mesa* servia a formulação de uma ordem discursiva e fazia com que cada interpretação epistolar se dobrasse a uma interpretação jornalística.

Entretanto, colocar as *Cartas na Mesa* também significava a revelação de um jogo escondido, como numa partida de carteadado em que as cartas embaralhadas, ao acaso da sorte, fossem distribuídas entre os participantes da rodada para serem descartadas ou preservadas nas mãos dos jogadores, conforme os caminhos da disputa. Colocar as *Cartas na Mesa* era arriscar uma jogada vitoriosa, dizendo os naipes e números que se traz consigo, assumindo o próprio jogo e recusando as cartas marcadas. Colocar as *Cartas na Mesa* era expor novas possibilidades de combinação, dizendo o que até então as antigas regras do jogo impediam.

### **A organização da “Mesa”**

Durantes seus três anos de circulação, *Lampião da Esquina* publicou regularmente uma seção de cartas nomeada por ele *Cartas na Mesa*. Esta seção, ao longo dos três anos da publicação reuniu, em média, 300 cartas que se ofereciam como um campo vasto de interpretações.

Dar um nome não é atividade de somenos importância. Nomear é constituir uma atividade metafórica, uma interpretação que, segundo Nietzsche, tem o poder de “identificar o não-idêntico”. Tanto a metáfora do jogo quanto a metáfora da distribuição de cartas presentes no título da

seção, indicam aspectos do funcionamento dessa seção, ao mesmo tempo, epistolar e jornalística.

O título da seção de cartas de *Lampião da Esquina* enunciava a intenção de constituir uma jogada a partir da palavra dos missivistas, revertendo o jogo de desqualificação da imagem homossexual e conquistar a vitória de uma outra imagem, valorizada e positiva. Colocar as cartas na mesa era uma forma de mostrar que havia pessoas apoiando a afirmação homossexual em diferentes regiões do país e de promover, por meio das palavras publicadas, uma espécie de assunção homossexual.

Parece existir um certo consenso em dizer que as seções de cartas são o símbolo da democracia de imprensa. Espaço aberto a possibilidades de diversas e, muitas vezes, a críticas ao próprio veículo, a elas se credita o exercício da liberdade e da autonomia. A existência das seções de carta em jornal costuma ser considerada como um índice de credibilidade e responsabilidade jornalísticas, itens indispensáveis à conquista de qualquer público leitor que prime pela liberdade de expressão e opinião. Por elas seria possível medir a receptividade de um veículo de informação e construir parâmetros para revisões e reformulações das linhas editoriais. Formas do gênero opinativo de imprensa, as seções de carta, ao veicularem a fala livre dos seus leitores, corroborariam com valores verdadeiramente democráticos.<sup>69</sup>

Embora *Cartas na Mesa* tenha se prestado como espaço de Expressão de diferentes formas de pensar a afirmação homossexual, nela não se encontrava a fala livre de qualquer forma de controle. Essa seção de cartas não era somente uma coletânea de discursos de autores diferentes, mas um outro texto produzido pelo jornal. Quem escolhia em última instância as cartas que seriam publicadas, os títulos que seriam dados a elas, os trechos que seriam apresentados e os que serão suprimidos, a

---

<sup>69</sup> Juarez Bahia, *Jornalismo, história e Técnica*. Vol 2, pp. 108-111.

página em que seriam registradas e a extensão do espaço destinado a cada uma delas era o *Lampião da Esquina*.

Portanto, *Cartas na mesa* não escapava aos exercícios de poder. Por meio dela os missivistas falavam, mas o jornal também o fazia, não somente pelas respostas que destinava àqueles, mas pelas cartas que decidia mostrar e pelo que pretendia dizer por intermédio delas. O jornal falava de outra forma por meio da organização que dava aos textos das cartas. Nas cartas, os sujeitos que as predicavam se constituíam como lugares vazios, possíveis de serem ocupados, ao mesmo tempo pelos personagens que as assinavam e pelo próprio *Lampião da Esquina*.

*Cartas na Mesa* era a produção de um outro tipo de discurso jornalístico: um jornalismo epistolar que constituía uma outra forma de *Lampião da Esquina* se expressar, dessa vez, não por meio de reportagens, artigos ou entrevistas, mas por meio da massa epistolar que recebia, organizava, selecionava e publicava, segundo sua perspectiva. *Cartas na Mesa* era, portanto, uma interpretação de diferentes interpretações da homossexualidade.

A ordem discursiva que *Lampião da Esquina* construía ao selecionar, editar e publicar as cartas, contudo, também possuía suas fissuras, seus pontos de fuga. Havia momentos em que o descontrole também se manifestava. Um exemplo disso, foi a insistência de muitos missivistas em enviarem cartas destinadas a seção com o intuito de conseguirem namorados. O jornal criara uma seção paga de classificados, destinada a prestação desse tipo de serviço. No entanto, diante da grande quantidade de cartas que chegavam à redação com esse objetivo, *Lampião da Esquina* acabou por aceitar essa função para *Cartas na Mesa*, cedendo à demanda e admitindo-a como um serviço de utilidade pública.

A cada número de *Lampião da Esquina* eram publicadas, em média, oito cartas vindas de diferentes localidades do país e algumas vindas do

estrangeiro. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Nova Friburgo, Sorocaba, Muriaé, Campina Grande, Teresina, Pelotas, Salvador, Belfort Roxo, Rolândia, Brasília, Vitória, Ilhéus, Belo Horizonte, São Luís, Curitiba, Blumenau, Olinda, Recife, Manaus, Londres, Buenos Aires, Frankfurt... Esses foram alguns dos lugares de procedência das cartas recebidas e publicadas pelo *Lampião da Esquina*. Pela indicação do local de procedência, *Cartas na Mesa* demarcava as distâncias percorridas por *Lampião da Esquina*, ao mesmo tempo, em que aproximava os missivistas, construindo uma comunidade unida pela leitura, pela escrita, pela publicação e de fusão de idéias.

A publicação de *Cartas na Mesa* seguia uma certa organização. As cartas eram publicadas sob títulos dados pelo jornal que funcionavam como uma interpretação das cartas pelo *Lampião da Esquina*. Acontecia também do título funcionar como um aglutinador de trechos de diferentes cartas editadas sobre um mesmo assunto. As cartas publicadas eram finalizadas pela assinatura do missivista e seguida pelo local de sua procedência.

*R:* - atribuía valor à assinatura das cartas pelo seu autor. Chegava a colocá-la como prerrogativa para que a carta fosse publicada. A assinatura era o signo da assunção. Assumir-se autor da carta significava assumir, portanto, uma posição de pensamento diante da discussão sobre a homossexualidade. Entretanto, em *Cartas na Mesa* é perceptível que muitas cartas eram assinadas por pseudônimos ou simplesmente por iniciais de um nome. Ainda que a assinatura fosse uma regra colocada pelo jornal como pré-requisito para a publicação de uma carta, *Cartas na Mesa* era o espaço onde se explicitava mais intensamente uma fala anônima. Mesmo aquelas cartas em que a assinatura se constituía pelo nome completo do missivista, esta se tornava uma insígnia fraca em meio ao anonimato imposto pela expansão das cidades em fins da década de 70. Essa época correspondia a emergência do indivíduo autônomo que não dependia mais

dos laços familiares para sobreviver. Desde a década de 50, as grandes cidades vivenciavam o fenômeno da imigração; quando distantes dos vínculos de parentescos, os indivíduos se sentiam livres para regrar as próprias condutas sem receios de serem subjetivados como homossexuais.

A algumas cartas, seguia-se o *R:* - que enunciava a resposta anônima do jornal. Por meio desse enunciado, *Cartas na Mesa* indicava que as respostas às cartas eram dadas pelo jornal e não por um editor em particular.

Outro recurso utilizado para evitar que as respostas fossem atreladas a um editor em específico, foi a invenção de uma personagem chamada Rafaela Mambaba. Em alguns momentos se atribuíam as respostas às cartas, ao trabalho dessa personagem que alguns missivistas tentavam descobrir se existia realmente ou se era simplesmente uma invenção.

Acontecia, algumas vezes, das respostas serem assinadas por um dos editores ou colaboradores. Entretanto, isso só ocorria quando a carta se referia diretamente à posição de um dos autores do jornal. Não há indícios em *Cartas na Mesa* dos critérios adotados pelos editores para a seleção das cartas que eram publicadas. Há um momento em que *R:-* insiste em destacar o sorteio como principal procedimento de escolha.

*A gente recebe dezenas de cartas todos por dia, e o espaço aqui só dá para publicar algumas. Assim, depende da sorte da boneca missivista na hora do sorteio*<sup>70</sup>

Todavia, ainda que *Cartas na Mesa* tivesse se constituído por obra do acaso, do acidente e da sorte, o fato de terem sido essas as cartas publicadas e não outras, produziram uma rede de efeitos de sentidos e de

---

<sup>70</sup> Ver Wanderley de S. L. A. **Ai, do Caminhão!** *Cartas na Mesa*, n° 22,1980

funções singulares, conferindo a *Cartas na Mesa* uma importância sem igual dentro de *Lampião da Esquina*.

*Cartas na Mesa* era um texto de destaca importância para o jornal. Na capa do número dois, o leitor era convidado a visitar a seção de “Cartas Quentíssimas!” O espaço dedicado a ela era considerável. Das dezesseis páginas publicadas, em média, mensalmente, pelo *Lampião da Esquina*, duas eram dedicadas à *Cartas na Mesa*. Alguns missivistas chegavam a apontá-la como a melhor seção do jornal, e outros faziam questão de finalizar seus escritos ressaltando o desejo de ver sua carta publicada. Uma das razões de sua importância advinha de suas forças políticas já que, como nos lembra Michel Foucault<sup>71</sup>, o discurso não é somente aquilo que fala das lutas, mas aquilo pelo que se luta. Escrever uma carta e vê-la publicada de assistir ao espetáculo das forças em luta. Afinal, de que uma carta publicada é capaz?

### **Cartas que faziam alianças**

*Cartas na Mesa* cumpria diversas funções em *Lampião da Esquina*. As cartas publicadas eram capazes, por exemplo, de construir alianças entre *Lampião* e outros jornais que circulavam na época, voltados para o público gay.

Não foi somente em 1978 que escrever para homossexuais tornou-se uma prática importante. Antes de *Lampião da Esquina*, outros jornais já difundiam pensamentos e informações dirigidos a homossexuais. conforme indicava a carta de Agildo B. Guimarães.

---

<sup>71</sup> Em *A Ordem do discurso*, Michel Foucault nos diz que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar.” p. 10

*Sabem, estou muito contente, satisfeito mesmo em saber que vocês conseguiram fazer do Lampião o meu sonho. Sempre pensei em algo assim. Desde o tempo em que comecei, há muitos anos atrás, um jornalzinho desprezencioso chamado SNOB. Atualmente faço o Gente Gay, que estou lutando para melhorar e, melhor dizendo, continuar, o que é mais difícil.*<sup>72</sup>

Se fabricar coisas ditas mereceu tanta atenção e dedicação de tempo e trabalho, se desejar dizer o que se pensava e o que se sabia sobre homossexualidade foi uma prática valorizada desde a década de 60 era porque dizer era forma de poder e de agir.

Produzir um jornal alternativo na época não era nada fácil. A carta de Agildo comemora a recepção do jornal e a sua qualidade, compartilhando com os editores de *Lampião* a alegria de sua existência, reconhecendo o seu valor e descrevendo-o como “veículo de informação/cultura/divertimento dos homossexuais” e “porta aberta para sair do gueto”. Assim, *Lampião* respondeu a carta de Agildo, reconhecendo a importância de seu trabalho:

*“Sabemos que se você não começasse com o SNOB, nunca chegaríamos a Lampião”.*

Ao publicar e responder a carta de Agildo, *Lampião* construía para si uma tradição jornalística que o fortalecia, localizando-a na continuidade de uma fala que já vinha se pronunciando a tempos e que, a ele caberia somente prolongar e levar a diante.

Uma das primeiras iniciativas de imprensa guei que se tem notícia data de 1963: o jornal SNOB<sup>73</sup>. Entre 1964 e 1969 circularam por todo o país, mais de 30 publicações similares ao SNOB de Agildo Guimarães.

---

<sup>72</sup> Ver Guimarães, Agildo B. **Um Abraço do “Gente Gay”**, *Cartas na Mesa*, nº01

<sup>73</sup> James Green nos lembra que SNOB não foi o primeiro jornal desse tipo a ser produzido, mas sem dívida foi um dos mais duradouros. Ver, **Além do Carnaval**, p. 296-304

Eram jornais artesanais, de fabricação caseira, geralmente mimeografados e produzidos com dificuldades por iniciativas individuais. A circulação desses jornais restringia-se às rodas de sociabilidade homossexual constituídas por laços de amizade adquiridos em festas íntimas e em locais de encontro de frequência comum. Estes jornais buscavam tratar dos eventos e fofocas concernentes a estas rodas sem a preocupação de contextualizar a homossexualidade nos quadros sócio-culturais e políticos da época em que foram feitos.<sup>74</sup>

Havia, portanto, desde a década de 60, o desejo de registrar e de ler - em forma de práticas discursivas jornalísticas - os acontecimentos característicos de uma intersubjetividade homossexual que colocava a mostra os aspectos da convivência desses grupos e de um determinado estilo de vida compartilhado.

Todavia, essa tradição jornalística reivindicada pelo Lampião da Esquina e da qual ele próprio seria o sucedâneo, não era reconhecida por todos os seus leitores que, em seus comentários enviados ao jornal, colocavam a mostra a descontinuidade entre o periódico e seus antecessores. Muitos leitores fizeram o elogio de Lampião da Esquina, diferenciando-o da imprensa que o precedera e até mesmo rechaçando-a como um empreendimento menor e sem grandes conseqüências sociais:

*“É animador encontrar um grupo sério, capaz, fazendo algo em que acredita. Vocês acreditaram na possibilidade de um jornal que trate o homossexualismo de modo sério, além de abordar outros temas, o que acho importante para que seja um jornal que venha acrescentar algo e não um órgão de “panelinha”, que vise apenas badalar o assunto de maneira, às vezes, inseqüente.”*

---

<sup>74</sup> Green, James, Além do Carnaval, p. 298

Se alguns leitores criticavam os jornais anteriores ao Lampião até mesmo acusando-os de machismo, outros não negavam a importância desse jornalismo gay rudimentar, mas continuavam a dar destaque às características peculiares e superiores do “iluminado”:

*“LAMPIÃO veio nos tirar do buraco em termos de imprensa. (...) Todos nós tendemos a depreciar o que não nos agrada, mas negar ao “Tiraninho” a qualidade de pioneiro é, no mínimo, injusto. Pioneiro (...)ele é só por ter sido o primeiro. Qualidade é outro capítulo.”*

O valor de Lampião, portanto, não estava no suposto ineditismo da sua fundação, mas nas suas singularidades. Nos fragmentos de cartas citados anteriormente vemos que o jornal ressaltava pela fala de seus leitores a sua qualidade e sua seriedade como atributos diferenciais.

A qualidade de *Lampião da Esquina* era atestada tanto pelo seu formato quanto por sua linguagem. Lampião não tinha nada de artesanal, embora sua produção também sofresse com as mesmas dificuldades financeiras de seus antecessores. Era um mensário tablóide, de 16 páginas aproximadamente e periodicidade regular, produzido por técnicas sofisticadas de edição e diagramação e cuja circulação tinha abrangência nacional

A publicação da carta de Agildo era capaz de mostrar que Lampião da Esquina fora recebido positivamente, não somente por leitores, mas por outros jornais e que o laço construído entre eles pelo desejo de falar de saber e de afirmar a homossexualidade era mais importante que a concorrência e a disputa por leitores.

Isso não significava dizer que *Lampião da Esquina* se preocupasse com a conquista de novos leitores. Eram poucos os anunciantes que se dispunham a comprar espaços de divulgação de seus produtos e serviços

num jornal voltado para homossexuais o que fazia da venda de assinaturas uma importante estratégia para fidelizar leitores e garantir a sobrevivência do jornal.

Entretanto, havia obstáculos que se colocavam à conquista de novos assinantes. Um deles eram práticas de leituras contra as quais o jornal teve que lutar durante todo o tempo de sua circulação. Era comum ler o jornal e emprestá-lo a amigos, fazendo-o circular de mãos em mãos e impedindo que novos exemplares fossem vendidos.

*Cartas na Mesa* foi um espaço em que uma forte campanha contra o empréstimo do jornal se estabeleceu, ao passo que incitava os leitores a se tornarem assinantes e colecionadores do mensário. A valorização da prática de colecionar se apoiava no argumento de que ele era, sobretudo, um documento histórico que deveria ser guardado para ser mostrado para a posteridade.

Assinar o jornal por um ano era uma forma comum de obtê-lo. Muitas cartas eram escritas sob o pretexto de enviar, junto ao cupom de assinatura, o cheque com o valor correspondente a ela. Uma das preocupações de vários leitores era com a forma de recebimento do jornal em suas casas.

*Fiquei duplamente satisfeito com Lampião. Primeiro pelo número experimental em si, segundo pela preocupação com o fato de o mesmo não ter sido recebido por mim, o que demonstra a seriedade com que o trabalho está sendo feito.*<sup>75</sup>

*Lampião* enfatizava que o jornal era enviado em uma embalagem discreta que impossibilitava a identificação por terceiros. A preocupação com tamanha descrição estava no fato de que o interesse pela leitura de um

---

<sup>75</sup> Ver C.S.S. **Lendo o número zero**, *Cartas na Mesa*, n.º 01, 1978

jornal do tipo poderia despertar a suspeita sobre a identidade sexual do leitor, como um sinal de sua homossexualidade. Como se só um homossexual pudesse demonstra interesse por tal gênero de leitura. Ler escondido era, portanto, uma forma de se preservar dos olhares especuladores, escapando de ser reconhecido como gay e submetido à pergunta: “Sra que ele é?”

Mas *Lampião da Esquina* não se pretendia um jornal exclusivamente voltado por homossexuais. A conquista de diversos leitores era importante, tanto para a sobrevivência econômica do mensário quanto para a conquista do apoio de diferentes personagens que, aliando-se a ele por intermédio da leitura, pudessem revigorar a luta pela afirmação homossexual.

Dentre as estratégias para a diversificação de seu público leitor, estava o ato de dissociar o interesse pela leitura de uma suposta identidade homossexual. *Lampião* procurava convencer os leitores de que a prática de leitura não era prova de uma homossexualidade enrustida, mas um sinal de coragem, de modernidade e de liberdade. Dentre as cartas publicadas no número 01, sob o título **Passa fora, machão!**, o jornal fez questão de publicar uma carta e um telegrama escritos com a finalidade de devolver o número experimental que fora enviado a alguns leitores.

*Ilmos Srs., estou devolvendo a V. Sas. O número de seu jornal que me foi endereçado e não gostaria de continuar recebendo pelo simples fato de não ter interesse por esse tipo de gênero de leitura. Obrigado e atenciosamente. Carlos R. S. – Rio*  
*Tendo recebido vg Sem ter pedido vg Exemplar de seu jornal vg Manifesto que não quero receber outro pt Bruno E.C.- Porto Alegre-RS<sup>76</sup>*

---

<sup>76</sup> Ver **Passa Fora, Machão!** In *Cartas na Mesa*, n° 01, 1978

Diante da rejeição que sofreu, *Lampião da Esquina* respondera utilizando - como forma de desqualificar a atitude de devolução do jornal e de recusa em lê-lo - do mesmo recurso que era usado para intimidar possíveis leitores desejosos de percorrer as páginas do mensário: a suspeita.

*R:- Há algo de errado com Carlos, o carioca, e o gaúcho Bruno. Lampião provou enorme curiosidade entre os machões, todos ansiosos por receber, assinar, ler o jornal. Por que será que esses dois se mostraram tão indiferentes?*<sup>77</sup>

Ao declarar que até mesmo os machões haviam demonstrado interesse em lê-lo, *Lampião da Esquina* insinua que o desinteresse e a rejeição por sua leitura é que podiam ser interpretados como sinais de uma homossexualidade enrustida. Ao fazê-lo *Lampião* reverte a força da suspeita, que impingia a possíveis leitores o medo de ler, contra eles mesmos, mudando o valor da atitude. Em vez do interesse pela leitura servir como indício de uma identidade homossexual, *Lampião da Esquina* faz com que o desinteresse por ela seja interpretado como sinal de machismo e de enrustimento.

A estratégia de *Lampião da Esquina* de dissociar o interesse pela leitura de uma suposta identidade homossexual parece confirmada pela carta publicada no número 02 em que o leitor faz a seguinte reflexão.

*Um indivíduo, homossexual ou não, não pode deixar de assumir uma situação tão normal e viva como é a situação de leitor*<sup>78</sup>

O fato de *Lampião da Esquina* não se apresentar como um jornal exclusivamente voltado para homossexuais, provocou a reação de alguns

---

<sup>77</sup> Idem, *Ibdem*

<sup>78</sup> Ver Rogério Naccache. *Ecos do número Zero*, nº02, 1978

missivistas que questionavam sobre sua identidade. Tal polêmica percorreu *Cartas na Mesa* durante todo o tempo de circulação do jornal. No número 03, uma carta publicada dizia:

*O jornal tem medo de encarar a sua homossexualidade de frente*<sup>79</sup>

Em outra carta, publicada no nº 21, um leitor criticava o fato de o *Lampião da Esquina* descrever-se também como um jornal voltado para todas as minorias:

*Ora, deixemos que as outras minorias tratem de seus próprios interesses, defendam seus próprios direitos. Nós homossexuais, temos uma série de problemas, reivindicações, assuntos a tratar, e já é muito complexo acertar nossos caminhos, somos simpatizantes, sim, mas estamos sozinhos nesse barco! Perguntem as mulheres se elas nos apoiariam num movimento. Elas seriam as primeiras a nos atacar. (...) Perguntem aos negros se eles ficam do nosso lado. Duvido! Eles estão preocupados (...) com seus próprios problemas, (...) agressivos como são, seriam capazes de nos bater. Realmente, eu reconheço que a discriminação racial é um disparate, mas não vamos deixar os nossos interesses fazendo disso um “levantabandeira”; levantemos sim a nossa bandeira.*<sup>80</sup>

Diante de tal posição, *Lampião da Esquina* respondeu reconhecendo a existência de dificuldades das minorias em constituir alianças, mas não se manteve firme frente ao propósito de dar voz a diferentes grupos considerados “oprimidos”:

---

<sup>79</sup> Ver **Lampião é Desnudado**, *Cartas na Mesa*, nº 03, 1978

<sup>80</sup> Ver Flávio Neto. **Rapaz indignado**. *Cartas na Mesa*. nº 21, 1980

*A luta das minorias é um saco de gatos, Flávio, os negros desconfiam das feministas brancas, as feministas brancas olham de viés para as bichas, muitas entre estas são racistas e até – pasmem – machistas, detestando lésbicas e querendo vê-las pelas costas.(...) Lampião, sendo o único jornal de minorias que deu certo, mesmo sob permanente desconfiança dos outros grupos minoritários, sente-se na obrigação de abrir espaço também para eles.<sup>81</sup>*

Ao responder a carta, *Lampião* demarcava os perigos de fragmentação das lutas minoritárias e do conseqüente enfraquecimento de suas reivindicações. Durante todo o período de sua circulação, *Lampião da Esquina* teve na aliança com diferentes minorias, uma de suas mais importantes estratégias para potencializar a luta pela afirmação homossexual. Ao evidenciar os conflitos existentes entre os diferentes grupos minoritários, *Cartas na Mesa* indicava que o poder não se exercia pela dicotomia entre dominadores e dominados, mostrando que estes papéis eram intercambiáveis.

Nem todos os missivistas eram refratários à apresentação de *Lampião da Esquina* como um jornal voltado a diferentes minorias. Havia aqueles que viam nesse objetivo uma forma de inverter os valores de antigos enunciados ligados à imagem homossexual. Um exemplo disso, foi a interpretação feita por alguns missivistas de matérias e artigos publicados em *Lampião da Esquina* sobre o movimento ecológico e sobre a vida sexual dos indígenas brasileiros. Em uma carta publicada no nº 08, um missivista elogiava o autor de um artigo sobre a importância do movimento ecológico e traça um paralelo entre as suas lutas e as lutas homossexuais.

---

<sup>81</sup> Idem, Ibidem

*Emocionante ver que uma pessoa séria como José Lutzemberger resolveu colaborar com o nosso jornal. (...) Ele está numa boa, com sua briga em favor da natureza, e nós que somos injustamente acusados de praticar atos contra ela, devemos apoiá-lo, pois na medida em que ele esclarece os homens, denunciando suas verdadeiras deformações, ele nos ajuda na nossa causa. (...) Os homossexuais não reprimem o seu desejo; se o fizessem é que estariam agindo contra a natureza. Anormais são os que poluem e os que destroem o meio-ambiente, sem o menor respeito para as gerações futuras.<sup>82</sup>*

Ao comentar a luta ecológica, a carta reinterpreta um antigo conceito relacionado à homossexualidade: a idéia de anormalidade. Anormal não seria o desejo homossexual, mas a destruição ambiental. Colocando-se ao lado dos ambientalistas, a luta homossexual amplifica suas forças trazendo para si os discursos a favor da natureza e invertendo os valores associados a sua imagem.

Muitas mulheres liam o jornal e isso fez com que as alianças discursivas com as feministas fossem uma constante. A ausência de mulheres no conselho era justificada em vários números da publicação, principalmente em resposta a cartas de leitoras questionadoras que não entendiam o porquê dessa falta:

*“Praticamente só homens (?) escrevem. Há muitas mulheres entendidas (nos dois sentidos) que podem dar uma perfeita colaboração. Há escritoras que são gueis, há mulher guei em todo o canto. Em minha cidade, por exemplo, há mais mulheres gueis do que homens gueis”*

---

<sup>82</sup> Ver Marcos Wanderley. **Viva a Lutzemberger. Cartas na Mesa, n°1979**

Porém, os motivos segundo os lampiônicos, não residia em preconceitos machistas, mas na recusa aos convites de participação feito a muitas mulheres. Durante todo o período de circulação do jornal, a presença da fala feminina será uma questão freqüentemente problematizada nas cartas dos leitores.

As alianças com as lutas feministas também se afiguravam em *Cartas na Mesa*, estabelecendo para mulheres e homossexuais um inimigo comum: o machismo. Esta aliança também servia para inverter a direção do discurso da anormalidade que por muito tempo esteve voltada para a imagem homossexual. Anormal seria a associação feita pelos machões entre virilidade e honra; associação esta que, não raro, levava a assassinatos e estupros de mulheres e crianças.

### **Cartas que denunciavam**

Além de incentivar a leitura de *Lampião da Esquina* e permitir o fortalecimento de alianças entre jornais homossexuais e entre diferentes minorias, *Cartas na Mesa* funcionava como espaço de denuncia das violências sofridas por homossexuais.

*Não faz muito tempo, um de nós foi levado em estado grave para o Miguel Couto, por agressão da turma de machinhos*<sup>83</sup>

*Luísa Felpuda, como ficou sendo conhecido Luiz Luzardo, foi assassinado este ano e a grande imprensa daqui deitou e rolou sobre o assunto. Aliás, não é bem isso: ele e seu irmão Lindoro foram assassinados a pauladas por um ex-soldado desempregado, de nome Jairo Teixeira Fagundes. Nessa história toda, as manchetes iniciais foram sempre sobre os “dois*

---

<sup>83</sup> Ver Eduardo G.C. Ternura e Política, *Cartas na Mesa*, n°13,1979

*homossexuais assassinados”. Manchete é manchete, só que cabia melhor “Dois anciãos assassinados por um ladrão”, isso porque Luiz (Luisa Felpuda) teria já mais de 60 anos e seu irmão Lindoro não era homossexual e levava uma vida quase nula, pois era doente (excepcional e com problemas cardíacos).<sup>84</sup>*

*Aliás tem havido freqüentes espancamentos na área de Ipanema, sabiam? Eu mesmo assisti à chegada de uma turminha na Galeria Alaska que acabava de ser atacada na Rainha Elizabeth. Eram todas da viração, coisa que não afetava ninguém até bem pouco tempo. Pois é, parece que criaram um C.C.B. (comando de caça às bichas) que anda armado. Não sei se já usaram a arma no duro, mas não existam de mostrá-la, ameaçando de morte as vítimas caso voltem a Ipanema.<sup>85</sup>*

Publicar cartas que narravam agressões físicas e assassinatos de homossexuais promovia uma mudança de posição dessas figuras na cena jornalística. Na época, eram comuns notícias em jornais e revistas da grande imprensa, que associavam a figura do homossexual à do criminoso. Prática como essa eram comuns em jornais como o Notícias Populares e a revista Manchete.

Dando a voz às denúncias e queixas dos homossexuais, Cartas na Mesa possibilitou que esses personagens mudassem da posição de algozes para a posição de vítimas nas cenas de crimes, dando oportunidade para que versões nunca antes ouvidas, ganhassem espaço e valor.

Outro tipo de denúncia presente na seção de cartas era aquela que visava se rebelar contra as coações policiais. Muitos homossexuais eram freqüentemente extorquidos pela polícia que, sob o argumento de “atentado

---

<sup>84</sup> Ver Carlos S. **Porto Alegre**, *Cartas na Mesa*, n°26, 1980

<sup>85</sup> Ver Duda Magalhães. **Sangue dos Infiéis**, *Cartas na Mesa*, n°20, 1980

violento ao pudor”, prendiam esse indivíduos e os levavam às delegacias, condicionando sua soltura ao pagamento de altas fianças. Caso o indivíduo se recusasse a pagar, as chantagens e ameaças de escândalo público funcionavam como forma de convencimento.

*Querido Lampião, que bom você existir! E como você precisa saber de um negócio sujo que andam fazendo com a gente! Um desses horrores diários contra os homossexuais, que no final prossegue sem ninguém tomar conhecimento e providências.*

*Hoje à tarde (12.7.79) fui dar umas badaladas inocentes por aí, aproveitando uma folga do serviço e acabei indo até a Central do Brasil, local onde apareço de vez em quando e acho curtiável uma vez ou outra. Bem, fui dar uma olhadinha rápida (não mais que dois minutos) no banheiro principal e, assim que comecei a mijar, fui abordado por um rapaz de estatura média, magro, moreno claro e de bigodes, que se identificou como policial. Pediu documentos (berrando, é claro) e já com o auxílio de dois guardas fardados levou-me até a delegacia, que fica perto do banheiro, na Central mesmo. Chegando lá, notei a presença de mais quatro entendidos na mesma situação que a minha: dentro de uma delegacia, contra a vontade e sem saber o motivo. Logo o tal policial veio nos dizendo que detestava viados (nenhum de nós tinha pinta, fazíamos o gênero sério, enrustido), e começou com uma série incrível de humilhações e ameaças (coisas do tipo “o Brasil não vai pra frente por causa de vocês”, “vou dar fichas suas para os empregos de vocês”, daqui a pouco chegam os repórteres pra fotografar vocês”, etc.) Logo percebi o que eu estava fazendo ali: eu tinha sido escolhido, por ser homossexual, juntamente com os outros quatro, para ser assaltado por policiais. E não deu outra coisa: logo o tal policial disse que se tivéssemos uns trocados, como era a primeira vez e nós tínhamos pinta de boa gente (vejam só...) ele nos dispensaria. (...) Isso acontece todos os dias, várias vezes ao dia. Não há*

*dúvidas que todos na delegacia recebem uma parte. E é um ordenado a mais, muito seguro. Quem é que vai ser bobo de querer remar contra a maré, bem no lugar desfavorável e corrupto? Imagine os crimes que eles inventariam pra nós.*<sup>86</sup>

Assumir-se era uma forma de fortalecer-se contra esses tipos de coações. Os banheiros públicos se constituíam como espaços em que era possível conseguir um parceiro sexual. Protegidos pela privacidade desses espaços frequentados exclusivamente por homens, muitos indivíduos viam neles a possibilidade de vivenciarem práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo, sem precisar abdicar de uma imagem heterossexual. No entanto, tais espaços acabavam por se apresentarem como arapucas favoráveis à ação de policiais oportunistas, que viam na regra do segredo que recaía sobre as práticas homossexuais, uma possibilidade de ampliar seus rendimentos. Mas não eram somente os policiais que viam nas sociabilidades sexuais de banheiro, uma oportunidade de tirar proveito financeiro.

*quero, através de vocês, fazer um protesto e ao mesmo tempo, um aviso: acontece que nas Lanchas Rio- Niterói (CONERJ) há um marujo, mulato, alto e forte (infelizmente não sei o nome dele) que vem agindo como um verdadeiro assaltante, um verdadeiro vigarista. Aproveita qualquer demora de pessoas no banheiro para ameaçar de escândalo, de entregar à polícia. Isso vem acontecendo com pessoas que nada tem a ver com pegação, para depois pedir dinheiro em troca de silêncio. Para ele o negócio já é uma mina de ouro, pois corre dinheiro grande nisso. Agora pergunto, onde anda a Administração da CONERJ que não vê isso? O que faz o Departamento de Pessoal da*

---

<sup>86</sup> Ver Luis Carlos **Chantagem no Banheiro da Central**, *Cartas na Mesa*, nº 16,1979

*CONERJ para admitir no seu quadro de funcionários um sujeito desse tipo?*<sup>87</sup>

*Lampião da Esquina* incitava seus leitores a reagirem contra tais abusos, denunciando publicamente as chantagens sem medo de, para isso, ter que se reconhecer e se assumir publicamente como homossexuais. Assumir-se homossexual era, em casos como esse, uma estratégia política de autoconservação. *Cartas na Mesa*, além de dar espaço as práticas de denúncias dessas violências, também publicava a narrativa de atitudes vitoriosas e bem-sucedidas em relação a estas formas de dominação.

*Cartas na Mesa* servia aos missivistas como em que se narravam as mudanças de atitudes geradas pela leitura do jornal. B.M.C., depois de ler uma matéria no *Lampião da Esquina* que alertava os leitores sobre um ladrão que se aproximava de suas vítimas pela conquista, resolveu reagir e denunciar.

*Lembram-se do Jorge Luís Vieira, o rapaz que se fingia de cabo fuzileiro naval para conquistar corações na Cinelândia, Central e adjacências, com a intenção de afanar, depois, pequenos objetos de suas conquistas? Vocês falaram sobre ele no nº 6, na seção Bixórdia Pois bem, eu fui uma das suas vítimas. Lendo aquela nota, resolvi fazer o que vocês diziam – reagir. Fui à 40ª DP, em Rocha Miranda, contei tudo para os detetives Dídimo dos Santos e José Jacinto da Costa. Eles se interessaram pelo caso, começaram a investigar e – pasmem! – descobriram o boneco, que, para não ser processado, teve que me devolver tudo o que levava. Vejam só: fui muito bem tratado pela polícia, não houve humilhações, nada disso; enquanto Jorge foi tratado como um ladrãozinho vulgar. Vocês é que estão certos: o negócio é reagir contra esse tipo de delinqüente, contra as*

---

<sup>87</sup> Ver R.M. Niterói. **Bicha Kamikase**, *Cartas a Mesa*, nº 24, 1980

*chantagens, contra as ameaças. Eu fui na onda de vocês e me dei bem. E o Jorgete ficou com uma fichinha na 40ª DP, onde outras de suas vítimas poderão comparecer.*<sup>88</sup>

Assumir-se era uma forma de defender-se contra marginais que utilizavam a sedução como isca para furtar suas vítimas, contando que a vergonha e o medo da exposição seriam empecilho à realização de boletins de ocorrência nas delegacias. Reagir a tais violências permitia aos homossexuais conquistar novos lugares na sociedade e formular uma nova imagem de si, constituindo-se nessas relações como sujeito de direitos.

### **A comunidade vencendo a solidão**

*Cartas na Mesa* funcionava também como uma comunidade dos “sem comunidade”, espaço de união dos solitários. Havia aqueles que escreviam pelo desejo de comunicar a superação do sentimento de solidão ao obter o jornal e realizar sua leitura.

*lendo este jornal, não mais me sinto como carta fora do baralho, antes eu me sentia complexado perante todos, agora é diferente.*<sup>89</sup>

Saber da existência do jornal despertava um sentimento de pertencimento a um grupo maior que podia encontrar-se no espaço das folhas de papel. *Lampião da Esquina* oportunizava a construção de experiências comuns que se materializavam no território da seção de cartas que publicava.

---

<sup>88</sup> Ver B.M.C. **Punição para o vigaristinha**, *Cartas na Mesa*, nº 08

<sup>89</sup> Ver A. D. F. **Cartas que vieram de longe**, *Cartas na Mesa*, nº03,1978

Ter essa comunidade nas mãos e participar dela não era um processo fácil. Obter o *Lampião da Esquina* numa banca, transitar com ele pelas ruas da cidade, encontrar um espaço em que se pudesse lê-lo tranqüilamente e tomar a iniciativa de escrever-lhe uma carta, não eram práticas que se realizassem sem um trabalho do indivíduo sobre si mesmo e sobre suas sensibilidades. Tais práticas implicavam numa luta contra o medo e a vergonha que se colocavam como barreira a sua realização.

*Tinha um pavor incrível de pedir o jornal nas bancas, mas o medo foi vencido e agora comprarei os outros números que com certeza chegarão as bancas. Agora, se comprar foi difícil, escrever foi pior. Já fiz umas dez cartas, envelopei , e o que é pior, fui até o correio e não tive coragem de mandar a dita cuja, mas o medo foi vencido e aí está.<sup>90</sup>*

*Cartas na Mesa* incitava seus leitores a atos de coragem ao publicar determinadas cartas que contavam os périplos do jornal em trânsito pelas cidades.

*Vinha eu no ônibus que me leva da capital à minha doce Campinas com alguns exemplares pedidos e pagos pelos amigos. Resolvi lê-lo, quando o senhor que estava sentado ao meu lado começou a esbravejar. “Pouca vergonha, jornal de viado, imundície” e outras coisas menos agradáveis... Só não me agrediu porque eu não sou do tipo que faz o gênero frágil.<sup>91</sup>*

Assumir-se leitor de *Lampião da Esquina* significava correr o risco de sofrer represálias por isso, a coragem era um sentimento valorizado em *Cartas na Mesa*. Muitos leitores procuravam apagar todos os sinais da

---

<sup>90</sup> Ver Ivone. **Uma carta Tímida**, *Cartas na Mesa*, nº15,1979

<sup>91</sup> Ver João Carlos. **Alô, Campinas**. *Cartas na Mesa*, nº21,1980

leitura logo após o seu término a fim de não deixarem pistas, outros se enchiam de orgulho por enfrentar a moralidade dominante ao circularem com o jornal por diferentes espaços sociais.

*A partir do nº 07 passei em comprar e ler o nosso LAMPIÃO. Pensei que seria uma barra pesada para comprar, ler e guardar o nosso jornal. Eu não encontrei esses problemas, não faço como muitos, que compram o jornal, lêem, rasgam e jogam fora, ou então lêem o jornal em casa de amigos. Quando compro o jornal, não vejo a hora de ler tudo, é no ônibus, na escola (nos intervalos), fila de elevador, enfim, em todos os lugares, mas é em casa que leio sossegado e reflito em tudo.*

*Era o que nós homossexuais precisávamos para nos unirmos, não para mostrar um novo tipo de rebolado, mas para mostrar que somos gente, que muitos de nós trabalhamos, estudamos, enfim, levamos uma vida igual à de todo o mundo. Só espero que vocês continuem com o nosso jornal, isto é, sério, bacana, o nosso amigo de todas as horas. No que depender de mim, vocês podem contar. Vocês são os irmãos gueis que sempre quis ter mas não tenho.<sup>92</sup>*

A coragem de ler *Lampião da Esquina* era alimentada pelo desejo de unir-se a uma coletividade de interesses e sonhos comuns. O próprio jornal trazia em torno de si uma aura de coragem. Seus editores eram vistos como indivíduos corajosos por assumirem escrever um jornal, falando do lugar de homossexuais.

*Fôssemos todos corajosos como esse grupo aí (sem conotações pejorativas), ninguém teria a coragem de debochar ou*

---

<sup>92</sup> Ver Ciro C. Souza. **De Minoria em Minoria**, *Cartas na Mesa*, nº09, 1979

*achincalhar de quem não seguisse os padrões ditos normais, resultantes de uma moral judaico-cristã.*<sup>93</sup>

O sonho de união por meio de uma comunidade de escritores e leitores movia as práticas de leitura e escrita que levavam os indivíduos a se reconhecerem como homossexuais. Entre os missivistas, haviam até mesmo os que escreviam sonhando com um país homossexual em que a língua oficial fosse o esperanto. Entretanto, a constituição dessa comunidade esbarrava em problemas.

*Acho que já está em tempo de homossexuais, femininos ou masculinos, descobrirem que fazemos parte de um mesmo grupo de pessoas discriminadas, e que estamos na mesma canoa. Em outras palavras, se nós não nos unirmos contra os preconceitos, afundaremos todos juntos. Sugiro também a vocês fazerem (não sei exatamente como) uma reportagem ou estudo que fale sobre o preconceito muito comum: homens homo, discriminam mulheres lésbicas e vi-versa. Isso é um fato que não deve ser deixado de parte, como se não existisse.*<sup>94</sup>

Os problemas advindos da fragmentação das demandas políticas, não contribuía para enfraquecer somente os laços entre os movimentos minoritários, mas colocavam em xeque a própria coesão interna desses movimentos. Não obstante o desejo de construir uma comunidade, os “iguais” também se estranhavam.

Lampião da esquina propunha como estratégia de luta contra as coações sofridas e sustentadas por uma imagem desqualificada do homossexual, a afirmação e valorização dessa imagem. Isso não significava que a homossexualidade não se constituísse como problema para os

---

<sup>93</sup> Ver Stravos. **Delícias da Zona Franca**, *Cartas na Mesa*, n°10, 1979

<sup>94</sup> Ver Paulo Emanuel, **Muito Ótimo!**, *Cartas na Mesa*, n°14, 1979

indivíduos que aceitavam se reconhecer como homossexuais. A afirmação homossexual era admitida e bem-vinda, mas nem por isso deixava de ser regradada segundo algumas inquietações. A imagem do corpo afeminado, por exemplo, não deixou de ser vista como um perigo e uma ameaça à figura do homossexual assumido.

## Capítulo III

### As preocupações com o corpo afeminado

*Ser um homem feminino não nega o meu lado masculino. Se  
Deus é menina e menino, sou masculino e feminino*

Pepêu Gomes

*Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é*

Caetano Veloso

O projeto de uma assunção gay implicava em negociações em torno da imagem de homossexual que se pretendia assumir. Esta imagem passava por uma releitura do corpo masculino e do lugar que este ocuparia nesse novo imaginário homossexual.

Essa discussão relacionava-se com um dos princípios fundamentais defendidos pelo jornal e por muitos leitores como argumento legitimador da atitude de assumir a própria sexualidade: a defesa do direito ao prazer como parte dos direitos de qualquer ser humano.

Esse direito se consumaria pela possibilidade de praticar sexo com quem se quisesse, sem medos de sofrer sanções. Foi neste contexto que a “afeminação” do corpo masculino e a figura da bicha-louca tornaram-se objeto de preocupações morais, opiniões e discussões nas cartas que compõem a seção “Cartas na Mesa”.

Tanta polêmica em torno da figura da bicha-louca talvez tenha motivado a publicação de um artigo sobre o tema em *Lampião da Esquina*, intitulado “Louca e muito baratinada”.

O título do artigo começa por associar a bicha tanto à loucura quanto à desorientação. A loucura parece emanar da insistência do corpo masculino em afeminar-se, em transbordar de gestos provocantes e movimentos arredondados, buscando uma similitude aparente com o corpo e a gestualidade feminina. A loucura é visual, está na aparência que este corpo masculino exhibe na cena pública sem respeitar a regra do segredo. A bicha é louca porque exibida e homossemântica.

Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault nos fala do face-a-face da poesia e da loucura na cultural ocidental:

*“Às margens de um saber que separa os seres, os signos e as similitudes, e como para limitar o seu poder, o louco garante a função do homossemantismo: reúne todos os signos e os*

*preenche com uma semelhança que não cessa de proliferar. O poeta garante a função inversa; sustenta o papel alegórico; sob a linguagem dos signos e sob o jogo de suas distinções bem determinadas, põe-se a escuta de “outra linguagem”, aquela, sem palavras nem discursos, da semelhança. O poeta faz chegar a similitude até os signos que a dizem, louco carrega todos os signos com uma semelhança que acaba por apagá-los”<sup>95</sup>*

A bicha reunia no próprio corpo, expressos na sua gestualidade, vestimentas e acessórios, os signos convencionais do masculino e do feminino. Ela era considerada “louca” e, portanto, homossemântica, devido às similitudes entre seus gestos e atitudes e um repertório gestual atribuído à mulher. A bicha não separava seu comportamento público, sua linguagem corpórea, da vivência do seu desejo sexual.

No artigo citado, a bicha-louca era apresentada como um produto dos modelos monogâmicos da sociedade patriarcal. O patriarcado seria responsável pela idéia de que “*o masculino e o feminino são sinônimos de homem e mulher*”<sup>96</sup>, estabelecendo identidades fechadas e papéis sexuais muito bem determinados.

O estabelecimento de identidades seria uma forma de opressão e a bicha corroboraria com tal opressão ao escolher se fixar em uma identidade. Diante da imposição de uma escolha entre dois modelos identitários, ela repudiaria o papel masculino e veria no papel feminino o único caminho para realização de seus desejos. No princípio da escolha realizada pela bicha-louca estariam a negação da própria masculinidade (sua loucura) e a falta de consciência sobre a verdade das relações de dominação (sua desorientação).

---

<sup>95</sup> Ver Foucault, Michel, **As Palavras e as Coisas**

<sup>96</sup> “Louca e Baratinada” artigo assinado por Hector e Ricardo, da Frente de Libertação Argentina no Exílio, publicado em Lampião da Esquina, nº

*Nesse mundo da monogamia patriarcal a louca se vê obrigada a atuar, tratando de assumir uma identidade.(...) Porque só há dois papéis, duas maneiras de viver o sexo, a louca desejará, na realidade cotidiana e também nas suas fantasias, um homem 'normal', e ele, a louca, será uma mulher com todas as características e as taras que o costume e a tradição ordenam*

Segundo esta perspectiva, a escolha da bicha-louca por um comportamento afeminado não significava um ato de desobediência e contestação aos poderes dominantes como poderia parecer, num primeiro momento.

Por não possuir as condições necessárias para a realização de uma “análise ideológico-libertária”, a louca acabaria por alimentar o autoritarismo de modelos de conduta “hostis à natureza humana”. A idéia de natureza aparece aqui incorporada ao ideal de busca de liberdade, só possível de ser alcançado pelo desvelamento das verdades ocultadas pela ideologia do patriarcado. Tal desvelamento só poderia ser feito no momento em que a bicha-louca rompesse os obstáculos da ignorância pela via de um processo de conscientização.

Os discursos da conscientização apareciam também em cartas de leitores. Em resposta a uma carta publicada no nº 01 do **Lampião**, o leitor P. Camargo ensaia uma suposta defesa da bicha:

*“Você cai de porrada nas bichas com a fúria de fazer vibrar o líder da TFP! Pense um pouco. Será que estas pessoas (sim, são gente também) não estão com “todos seus artefatos de consumo e tiques ridículos”, tentando vingar as múltiplas agressões com que a sociedade lhes salga a vida? Não estarão pondo para fora em trajes e gestos o que são obrigados a esconder no dia-a-dia? Você pode dizer que é uma vingança frustrada, um desabafo inútil. Vá lá. Só que nem todos chegaram a esse nível de*

*consciência. Somos, no geral, um povo atolado até o pescoço no mangue do subdesenvolvimento cultural (e outros). Não é realista exigir do homossexual brasileiro (que é povo) e, portanto, amostra cultural (nem mais, nem menos) um nível de conscientização como do americano e do europeu (que nem é tanto assim – também lá há a bixórdia)*<sup>97</sup>

A bicha era representada pelos leitores que a condenavam com um ser “inconsciente”. Ela precisava ser conscientizada porque era fruto do “subdesenvolvimento cultural do país”. Aliar a bicha a um suposto subdesenvolvimento cultural, apontava para uma outra imagem do homossexual que se formava, em oposição a esta e que representava o progresso, o desenvolvimento, a modernidade.

Esta modernidade seguia um modelo de desenvolvimento norte-americano e europeu e remetia a um ideal de cultura homossexual etnocêntrico que, todavia, escondia também para “debaixo do tapete” do evolucionismo, a sua “bixórdia”, uma mistura entre bicha e escória social que se recusava a entrar no caminho do progresso.

A palavra “bixórdia” utilizada pelo leitor foi incorporada pelo jornal como título de uma coluna social gay que surgira alguns números depois da publicação da carta citada. Tal iniciativa apontava para uma vontade do jornal em cumprir o propósito de abrir-se para a diversidade de expressões. Esta coluna, Bixórdia, fazia questão de utilizar uma linguagem cheia de trejeitos, muito própria da bicha, para falar e criticar os estigmas que rodas de sociabilidade homossexuais utilizavam ao rotular a multiplicidade de maneiras de singularizar o desejo. Curiosamente, essa coluna era assinada por uma personagem mítica, criada pelos editores, Rafaela Mambaba, um homem que pela linguagem se travestia de mulher.

---

<sup>97</sup> P. Camargo, leitor, *Lampião*, nº02

*Rafaela Mambaba é uma entidade mítica que periodicamente baixa em alguém aqui da redação – qualquer um, ela não tem preferência. É uma bicha que, nas várias encarnações pelas que passou, foi sempre perigosíssima, assustadora.*<sup>98</sup>

Além do problema da falta de conscientização, a negação da masculinidade expressa pelas escolhas da bicha-louca também teria conseqüências dramáticas.

*Uma delas é a negação do próprio corpo, pois se deseja conquistar um homem que deve desejar uma mulher. Então, os órgãos sexuais da louca, como os do travesti ou do transexual (que chega à emasculação) se convertem em moléstia. Tratarão de ocultá-lo e na relação sexual estará ausente, criando-se uma dicotomia angustiante. Não apenas descartam a possibilidade de penetrar genitalmente em seu companheiro. Evitarão que este sinta a existência de seu pênis(...)*

A bicha também foi representada como um indivíduo que não gozava. Um ser que, entorpecido pelo corpo do macho – o seu oposto - aceitava somente dar prazer e não senti-lo. Essa interpretação unilateral do prazer, ainda atrelada a uma representação hierárquica do corpo, das relações de gênero e a uma supervalorização do pênis como fundamento do prazer masculino, manifestava-se nas cartas de muitos leitores que, debatendo com o jornal sobre os significados do “assumir-se”, situavam a gestualidade, a sensibilidade e o “comportamento em público” como questões centrais, vinculando o prazer masculino à presença do pênis.

---

<sup>98</sup> Resposta a carta Questão de Linguagem, publicada em Lampião, n° 07, dezembro de 1978

Segundo tais pontos-de-vista, a feminilidade gestual que colocava todo o discurso corporal do macho em perigo, se pegava pelo contágio. Portanto, era preciso afastar aqueles que já estavam infectados para não facilitar uma contaminação. A bicha acabava por ocupar o último lugar no fila da hierarquia patriarcal das relações de gênero, porém, sua existência ficava registrada na visibilidade que os leitores e o jornal acabavam por construir. A bicha-louca, interpretada como negação do corpo masculino – tal qual o travesti e o transexual - estaria condenada a angústia e teria sua condição reduzida a de um mero objeto sexual cujo destino final seria repleto de tragicidade: *“O destino final desses objetos sexuais é o de uma Marilyn Moroe.”*

A tragédia pessoal da bicha-louca, comungando com a própria tragédia do feminino, inspirava um destino mortal. Sua trajetória, carregada de angústia e submissão, contrariava o princípio do direito ao prazer, defendido pelos discursos da assunção gay. Negação do corpo masculino e negação do prazer: motivos suficientes para que as formas de prazer vivenciadas pela bicha-louca e por seus parceiros, a levassem ao exílio em relação ao novo imaginário homossexual que se formava; exílio para além das fronteiras de uma nova cartografia do desejo que acabava por produzir novas marginalidades.

As relações vividas pela bicha-louca acabavam *“por se situar no campo da heterossexualidade, como uma caricatura. A louca, negando seu corpo e obrigando seu companheiro a um determinado papel, permanecerá prisioneira do esquema machista”*

No entanto, o mesmo artigo que anunciava a figura da bicha-louca como personagem trágica e expressão de uma heterossexualidade caricatural e de segunda categoria, apontava indícios de uma outra funcionalidade da afeminação, que não somente a submissão aos mecanismos de poder tradicionais. Em outros tempos, em que a

homossexualidade estava restrita de fato aos guetos e em que a regra fundamental da regulação de sua existência era o segredo, a afeminação do corpo masculino - expressa na gestualidade, no falseamento do timbre de voz e nas vestimentas e acessórios utilizados – funcionariam como elementos propícios para a sedução: meios de sinalização dos desejos proibidos e, enfim, condições de possibilidade para a realização do encontro sexual ainda que servindo-se dos artifícios da imitação.

*A bicha “apelará para a maquiagem, para os gestos sedutores; moverá as cadeiras provocantemente. A voz será aguda, histérica. Quer dizer, a louca ver-se-á obrigada a imitar a mulher ideal”*

Antes da década de 60, a homossexualidade era socialmente compreendida como um falseamento das relações heterossexuais<sup>99</sup>, estratégia que parece ter favorecido o trânsito de alguns indivíduos entre as sexualidades oficiais e as formas marginais de subjetividade. Essa homossexualidade era traduzida por uma tipologia reduzida a duas figuras básicas: a bicha e o bofe. Essas figuras teriam como base de sua construção o papel sexual desempenhado por ambas, respectivamente, o passivo e o ativo.

A palavra bicha é muito utilizada no nordeste brasileiro como forma de se referir à lombriga, à solitária. Estar “com bicha na barriga” é estar doente de uma verminose. A lombriga que se contorce toda para se alimentar de restos é uma praga intestinal que não se quer ter dentro do corpo. A bicha, portanto, está por dentro de um corpo. Condenar a bicha era o mesmo que tomar um vermífugo para expulsar de dentro de si um verme contorcido que poderia, em última escala, tomar a superfície toda do corpo masculino, transformando os gestos retos e duros em leves e delicadas quebras de munheca e rebolados provocantes: o processo de afeminação.

---

<sup>99</sup> Fry, Peter e McRae, Edward, O que é homossexualidade?, brasiliense

A palavra afeminado, assim, no participípio, levava a idéia de um processo concluído por alguém que, no gerúndio, foi se afeminando. Se “afeminar-se” era um processo, então era perfeitamente possível de ser interrompido, segundo esta visão, caso o indivíduo o quisesse. Não querer seria assumir um ato de sem-vergonhice. Tirar o verme contorcido da feminilidade do próprio corpo era uma atitude que cada um deve tomar por si. Do contrário, assumir a própria bichice equivaleria a continuar alimentando-se dos restos do mundo heterossexual.

Já a palavra “bofe” é utilizada para nomear as vísceras de um animal, geralmente dispensadas na hora da alimentação, ou seja, não se “come” os bofes. O bofe é visceralmente instintivo como um animal. Sua atitude sexual ativa estava relacionada à sua natureza masculina, mas seu gosto pelo sexo anal com outros homens o reduzia unicamente à sua animalidade, à sua bestialidade nada “civilizada”.

Para a medicina, tanto a bicha quanto o bofe eram “medicáveis”, embora o que desempenhasse o papel de passivo fosse considerado caso mais grave. Embora ambos fossem desviantes em relação ao modelo heterossexual dominante, diferente da bicha, o bofe não se via desterrado do território de sua masculinidade. Por desempenhar o papel sexual ativo, o bofe não se via nem era visto como um homossexual, mas como um heterossexual desviante, cuja responsabilidade pelo próprio desvio não era sua, mas encontrava-se na ação sedutora e corruptora impingida pela bicha.

Esta forma de compreender a homossexualidade, embora diferente dos novos parâmetros que despontavam nas décadas de 60 e 70, ainda apareciam em Lampião da Esquina e nas cartas dos leitores. Se nos remetermos ao artigo já citado, veremos que o autor responsabilizava totalmente a bicha pela escolha do modelo de relação criticado como machista dizendo que era ela quem “obriga seu companheiro a um

determinado papel” e ainda, que “deseja conquistar um homem que deve desejar uma mulher”.

Em uma carta publicada no primeiro número do mensário, lemos o seguinte:

*(...) é necessário se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. A imagem da afetação e da frescura persegue ainda o tema homossexualismo e a corrupção moral em que se encontra a homossexualidade confere a desconfiança sobre a possibilidade de uma conduta equilibrada, ou seja, sem tentar corromper ou facilitar as coisas para seu lado. É preciso que isto seja sempre mostrado: o homossexual agindo conscientemente dentro de sua realidade sexual; é um indivíduo comum, sem preocupação de fazer a cabeça dos outros.(...) O conceito de que entre homossexuais só se discute sexo ou, como no caso das “bichas” reunidas por aí, o mundo se reduz a paetês e plumas, é extremamente nocivo ao homossexualismo.*

A integração entre homo e heterossexuais, almejada pelos discursos da assunção, para alguns leitores, não deveria contrariar a regra do segredo. A bicha aparecia como capaz de corromper, utilizando-se de sua imagem para facilitar o encontro sexual e redirecionar o desejo de seu objeto de conquista.

Ao mesmo tempo em que sua conduta é criticada e seu poder de sedução é reconhecido, a identidade heterossexual como certeza consumada é posta a prova. A conscientização tão almejada parece ser uma maneira de manter a regra do segredo para o trânsito sexual existente entre heteros e homossexuais.

Atribuindo a condição de “sujeito desejante” unicamente à bicha, perpetuava-se a sujeição dessa figura as coações impostas pela moralidade

dominante. Transformando-a numa ameaça capaz de “facilitar as coisas para o seu lado” e “fazer a cabeça dos outros”, os discursos da assunção gay pareciam contribuir para a preservação e conservação de uma masculinidade verdadeira. O “ideal de homossexual” seria aquele que não macularia o ideal de masculinidade.

O estigma da *homossexualidade* era deslocado da prática sexual, mas mantido sobre a inconstância e imprevisibilidade do corpo que precisaria ser controlada. Nos discursos da assunção homossexual, o corpo não deixou de ser o lugar de uma certeza identitária sobre a própria masculinidade da qual alguns não queriam abrir mão. Como consequência, nos vemos diante de um conjunto de estigmatizações alimentadas por alguns homossexuais que buscavam diferenciar-se dentro do coletivo que se pretendia formar, excluindo as figuras consideradas perigosas à certeza da masculinidade.

Essa postura no entanto, não era consensual. Entre os leitores, havia aqueles que identificavam na estigmatização das bichas, dos travestis, dos transexuais e, mesmo dos michês, um forte componente de discriminação de classe. Essas figuras seriam discriminadas por sua pobreza e integrariam o rol das classes perigosas. Na construção de uma coletividade unida por uma subjetividade comum, o componente de classe social aparecia como determinante na criação de diferenças e discriminações.

Em carta publicada no número 08 do jornal, um leitor se arrogava o direito de acusar o jornal de contribuir para a preservação dessas diferenças de classe. A acusação se apoiava no pertencimento de classe do próprio conselho editorial, nos vocabulários adotados pelo periódico para se referir aos homossexuais e no descaso com este mensário trataria os lugares freqüentados pelas “bichas pobres”, compondo uma geografia homossexual das cidades em que as desigualdades seriam evidentes.

*(...)A bicha pobre da avenida Ipiranga ou da Cinelândia ou da Praça Tiradentes ou da Praça da Republica não serão homossexuais iguais aquelas que na semana de carnaval desfila suas plumas e paetês nas passarelas de luxo? Não será gay também? Pra mim todos são! (...) por que esta avassaladora, vergonhosa e humilhante onda de discriminação? Por que o jornal mantém esta política de grupo tão privado, de grupo tão selecionado? Ou somos todos ou não somos nenhum!(...) Vocês agora adotaram uns certos nomes para discriminar outros. Andar com a cara pintada agora é “andrógino”; sair pelas ruas aos gritinhos com brincos, saltos altos, unhas pintadas e um coração desenhado nas bochechas é gay; bicha não é! Que p... é esta? (...)vocês escrevem livros, pintam retratos, donas de antiquários; enfim, labutam nas artes em geral; organizam-se e fazem um jornal; procuram manter aquele círculo fechado; está divino e maravilhoso; agora não me venham com esta de que estão escrevendo no jornal em prol do homossexualismo, vocês não estão fazendo nada pelas bichas pobres! É melhor pegar o jornal e vendê-lo nos seus salões privados ou nos seus círculos andróginos. Vou me despedir com um lembrete: não será o Globo nem o Última Hora que irá escrever em suas páginas que a refrigeração e a programação dos seus cinemas andam péssimas.*

A posição do jornal nessa discussão permanecia ambígua. Embora defendesse o respeito à diversidade de manifestações e experiências do desejo, não se eximia de posições como esta:

*(...) Quanto aos desmunhecamentos sobrenaturais, Lampião ainda vai publicar alguma coisa que tente esmiuçar o fenômeno como manifestação psicossocial (ou policial, se for o caso), mas sempre reservando o direito de defender até a última lanterna*

*o projeto (ou a falta de um) de cada um olhar o mundo como sabe melhor.*<sup>100</sup>

A imagem do corpo do macho, confirmada por signos corporais - o bigodão, o peito peludo, a força, a rigidez muscular e a economia gestual – aparecia para muitos como o lugar único da possibilidade de expressão do masculino. Nesses signos se buscavam as armas de combate às feridas femininas abertas no corpo do macho – as tão condenadas desmunhequices e acessórios como as plumas e paetês.

Desmunhecar era cortar, quebrar a munheca e romper com a engrenagem que liga a mão masculina que aos músculos duros e intumescidos que geravam a força necessária pra construir o mundo a sua volta. Quebrar a articulação da munheca era negar a continuidade maciça do corpo monolítico voltado para o trabalho e o discurso de sua invulnerabilidade. Esse corpo não precisava de acessórios e de enfeites pois sua função não era estética. O macho não precisaria de adereços de embelezamento corporal tal como as mulheres, pois, tais recursos esconderiam algo mais importante na afirmação de sua imagem: a virilidade – inexistente na mulher e na *bicha*. Ao condenar o comportamento da bicha, alguns leitores construía paralelamente uma imagem estereotipada da mulher e do comportamento feminino.

A importância para alguns leitores do **Lampião** em representar a bicha, o afeminado por metáforas do tipo: “bobo-da-corte”, “louca”, “desvairada”, apontam para um primado da razão, de um “moderno” que se sobrepõe a aspectos considerados, “medievais”.

Os “bobos-da-corte” eram pessoas com deficiências físicas, consideradas aberrações. Verdadeiros monstros que, devido a sua monstruosidade, despertavam uma certa comichão a alegrar os ambientes

---

<sup>100</sup> Resposta do Jornal a carta “A tragédia é contestada”, publicada em *Lampião*, nº 10, 03/1979

da nobreza, dos salões medievais. A analogia entre a bicha e o bobo-da-corte parecia dizer que o gesto feminino no corpo masculino ia para além da verminose e chegava aos limites da monstruosidade.

Mas a metáfora do “bobo-da-corte” se tornou possível no discurso dos leitores sobre a bicha não tanto devido aos seus “monstruosos” signos corporais, mas pela relação “animada” dessa com as cortes, ou melhor, com os “grupos heterossexuais”. Embora a metáfora sirva como crítica dessa relação. Ela aponta para um elemento interessante: a possibilidade de existir uma relação animada, “com alma”, e não somente de violência e discriminação, entre heteros e homossexuais. A bicha animava essas rodas por intermédio de seus shows de humor. Essa relação era vista como uma forma de se submeter ao jugo heterossexual. Por outro lado, as cartas mostram que era possível, a despeito das críticas sobre as formas dessa relação, uma convivência harmoniosa entre homo e heterossexuais. O que poderia ser interpretado como arte, acabava rotulado como vício.

A loucura da bicha era condenável aos olhos dos “não afeminados” pois, segundo eles, seria uma reverência a idéia machista de que ser “homossexual” seria o mesmo que “querer ser mulher”. Ao querer apagar a bicha como uma nódoa na túnica identitária, alguns leitores acabavam por negar a possibilidade de reconhecer qualquer traço de feminilidade no corpo masculino, reverenciando uma moralidade dominante e excludente.

Todavia, a bicha estava solta! Solta da cadeia gestual do macho. Ela colocava todo um mundo de aparências em perigo de desmoronamento e apagava-o como escrita na areia; como se apagam todos os signos carregados de similitudes pelo louco.

A bicha abdicava do poder do macho ou para se subjugar a ele ou para ser uma outra alternativa: o andrógeno, o trânsito entre as esferas do masculino e do feminino, sempre intercambiáveis. Ela expressava a possibilidade de brincar com o transitivo: a androginia.

A androginia, na década de 70, apesar de todas as restrições postas a ela, foi construída como manifestação política e contra-cultural, pelo direito de expressar-se corporalmente.

A tentativa de alguns missivistas em parar esse trânsito andrógino intenso entre a masculinidade e a feminilidade, alimentando uma falsa dicotomização, possibilitava uma fragmentação identitária que colocava às margens da luta política pela afirmação homossexual, todos aqueles que não se adequavam à preservação da imagem do “homem verdadeiro” .

O sentido de marginalizar a bicha da visibilidade que se construía passava por uma necessidade de preservação social. As preocupações com a preservação da família e do emprego surgiam como argumentações legitimadoras da estigmatização do corpo afeminado, haja vista que esses homossexuais possuíam uma vida pública e uma participação no mundo do trabalho, essencialmente visto como território do macho, muito antes da arquitetura desse visível. A carta de um leitor travesti pedindo emprego ao jornal, falava de uma dificuldade em encontrar colocação no mercado de trabalho devido a um jeito de corpo que visto como marginal.

*“Oi, Lampião, tudo bem? Estou escrevendo para você para perguntar se me arrumaria um emprego para trabalhar em boate, fazer chou (eu não sei fazer nada, mas me ensinando eu faço) (...) Não publique no jornal a resposta porque eu não sei onde comprar. Eu sei seu endereço porque conheci um rapaz em São Paulo e ele me falou de você. Espero resposta ansioso.”(J.C.R.-Sorocaba – SP, nº 03).*

Para um grupo às margens dos marginalizados, **Lampião da Esquina** não só aparecia como possibilidade de inserção no mundo da produção como também personificava um ser capaz de prover direitos. Na carta, percebemos que o mundo do espetáculo tornava-se uma das poucas

possibilidades desses indivíduos sobreviverem no mundo do trabalho, ainda que animando as rodas heterossexuais e sofrendo críticas de outros homossexuais por isso.

A bicha-louca – inconsciente, adoecida e “medieval” – era condenada pelo seu homossemantismo mas também por seu caráter alegórico, na medida em que o espetáculo aparecia como área possível de sobrevivência social e econômica. Atividades como as dos atores, cabeleireiros e bailarinos eram vistas como profissões menores destinada às bichas.

O grupo SOMOS/SP – primeiro grupo organizado pela afirmação homossexual - em seu primeiro manifesto público, ao criticar as atitudes homofóbicas de uma sociedade machista, citava como consequência dessa exclusão, a restrição dos homossexuais a profissões de “segunda categoria como atores, bailarinos e cabeleireiros”. Profissões que, pelo visto, não poderiam ser consideradas como parte do mundo do trabalho, já que trabalho era coisa de macho e estas atividades permitiam um corpo de movimentos livres, contrário àquela representação. Pular na ponta dos pés, interpretar quaisquer tipos de papéis ou quebrar a munheca com uma tesoura na mão, participando de rituais de embelezamento, não podiam ser consideradas profissões de macho. Mesmo as mulheres tendo entrado maciçamente no mercado de trabalho na década de 70, o mundo do trabalho continuava a possuir um único gênero: o masculino.

Os militantes, assim como alguns missivistas do Lampião da Esquina, não romperam com a imagem do corpo do homem “verdadeiro” e, por conseguinte, não lutaram para resgatar o corpo dos homens.

Ter sua prática sexual aceita, desde que nos ambientes privados das saunas, danceterias e, na década de 90, das dark rooms, etc. contentava a muitos que não admitiam a possibilidade de incomodar, com gestos incontroláveis, a representação de masculinidade que continuaria a

prevalecer na cena pública, nem de questionar os limites segregacionistas do mundo produtivo.

O ataque dos homossexuais às bichas, traduzia uma reivindicação de direito ao ato sexual, mas não à liberdade de lidar com a feminilidade do corpo masculino, nem com a diversidade de expressões da subjetividade nos mais variados ambientes sociais.

A estigmatização da bicha indicava para uma fragmentação da identidade coletiva que se formava. Essa fragmentação identitária sofreu uma enorme expansão na década de 90 com o surgimento de novas subjetividades homossexuais como a barbie<sup>101</sup>, o bear<sup>102</sup> e a lesbian chic<sup>103</sup>.

---

<sup>101</sup> Homossexual musculoso cujo corpo é cultivado nas academias de ginástica.

<sup>102</sup> Homossexual grande, gordo e peludo

<sup>103</sup> Lésbica que prima pela feminilidade.

**Considerações**

**Finais**

Palavras e imagens não são instrumentos, são explosivos. Se *Lampião da Esquina* produziu tantos discursos, se insistiu em registrar diferentes formas de pensamento em favor da afirmação homossexual e se debateu pelo direito de pronunciar palavras, escrevê-las e colocá-las em circulação, foi porque lá onde as palavras parecem inocentes, se exercem poderes.

As práticas jornalísticas constituíram a homossexualidade como um objeto diferente daquele constituído pelas práticas médicas e religiosas. *Lampião da Esquina* não somente inventou novos modos de subjetivação homossexual como possibilitou diversos processos de subjetivação. Em *Lampião da Esquina* e suas *Cartas na Mesa*, tornar-se homossexual acontecia não mais como sujeição a uma subjetividade imposta pelos outros mas como uma forma de resistência e de luta em que o valor de uma imagem antes desqualificada podia ser transvalorado a fim de positivá-la.

A política de identidades, na década de 70, foi uma arma possível na luta pela conquista de direito à voz numa sociedade em que a fala sempre pertencera ao macho, branco, heterossexual e cristão.. Entretanto, a política da identidade homossexual funcionava também como uma cilada ao buscar homogeneizar as diferentes experiências intersubjetivas, minando muitas vezes os aspecto criativo das subjetividades homossexuais.

O conceito de *identidade* nos remete à idéia de indivíduo, que em sua acepção original quer dizer *indivisível*<sup>104</sup>. É o indivíduo que é identificado socialmente, porém, não a partir de suas singulares características e qualidades, mas por um referencial quase sempre imaginário equivalente a pequenas etiquetas colocadas sobre enlatados e, não raro, escritas em forma de texto numérico: carteira de identidade,

---

<sup>104</sup> ver Williams, Raymond, **Marxismo e Literatura**, “*Conceitos Básicos*”

senhas, apelidos, etc.<sup>105</sup> A *identidade* homossexual que, num primeiro momento, foi forjada por *Lampião da Esquina* e pelos missivistas como o pretexto para a reivindicação de direitos, se transformara, pouco-a-pouco numa cadeia estanque que deixava para fora de suas fonteiras, todas as experiências de figuras que não correspondiam ao padrão construído: a bicha-louca, a lésbica, o travesti e o transsexual, por exemplo.

Alguns missivistas, ao defender uma *identidade* homossexual delimitavam as possibilidades de singularização subjetivas, minando os seus poderes criativos dos indivíduos.<sup>106</sup> Mas o *desejo*<sup>107</sup> remete a movimento, à potência de vida, enquanto a *identidade* expressa um jogo de poder e dominação de um grupo que se considera uma imagem-padrão em detrimento de uma enorme diversidade de devires. *Lampião da Esquina* *pretendeu* destruir uma imagem-padrão do homossexual, mas teve grandes dificuldades em evitar que outra se construísse no lugar.

Porém, por mais que alguns missivistas tentassem igualar tudo, as experiências históricas de cada um agregavam sentidos muito próprios e escapavam, pelas brechas, da tentativa totalitária de sujeitar todos os desejos à práticas sub-reptícias e altamente controladas. O descontrolo também era preciso; era ele quem paria a criação.

*Lampião da Esquina* ganhou as ruas pela última mês com o seu número 37, em junho de 1981. A cena da assunção homossexual descrita em *Cartas na Mesa* e *Lampião da Esquina*, aconteceu nas vésperas da AIDS que, sem dúvida, modificou em muito as experiências subjetivas em torno da imagem homossexual. Essa seria uma pesquisa que mereceria ser desenvolvida. Além dela, outras cenas em que a homossexualidade

---

<sup>105</sup> ver Gattari, F, e Rolnik, Sueli, **Cartografia do Desejo**

<sup>107</sup> Estou desenvolvendo as reflexões sobre o desejo segundo as perspectivas de análise de Gilles Deleuze e Félix Guattari

desempenhou papéis distintos, ainda estão para serem realizadas por intermédio de investigações históricas.

Os estudos historiográficos sobre a homossexualidade ainda são incipientes, embora desde de a década de 1990, se verifique uma mudança nessa tendência. Há estudos a serem realizados sobre a homossexualidade nos discursos médicos e religiosos; sobre as funções desempenhadas pelas personagens homossexuais na cena televisiva; as relações entre homossexualidade e crime feita por jornais sensacionalistas e pela propaganda e também investigações sobre o surgimento e a ampliação de uma rede de serviços voltadas para homossexuais, desde a década de 60.

Esta pesquisa não teve a pretensão de dar conta da amplitude de problematizações que tomaram, no decorrer da história, os comportamentos e práticas sexuais como foco. Buscou-se aqui descrever uma cena em que uma certa correlação de forças inverteu-se a partir do confisco de um vocabulário. Muito há ainda por ser feito como forma de contribuir para a mudança nas relações sexuais e de gênero.

Independente das dimensões modestas dessa pesquisa, vejo que sua maior riqueza possa ser traduzida por uma citação de Michel Foucault:

*De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir.<sup>108</sup>*

---

<sup>108</sup> Ver Foucault, Michel, **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**, p. 13

## Bibliografia

- Ariès, P., **Sexualidades Ocidentais**, Brasiliense, SP, 1993.
- Arilha, M.; Medrado, B.; Ridenti(org.),**Homens e Masculinidades: outras palavras**, Ed. 34, 1998.
- Bahia, Juarez, **Jornal, História e Técnica- vol. 1 e 2**, Ática, SP, 1990
- Barthes, Roland, **Aula**, Cultrix, SP, 1992
- \_\_\_\_\_, **Análise Estrutural da Narrativa**, Vozes, RJ, 1972
- Bhabha, Homi, **O local da Cultura**, UFMG, BH, 1998.
- Badinter, E., **XY: sobre a identidade masculina**, Nova Fronteira,RJ,1992.
- Badinter, E., **Um é o Outro**, Nova Fronteira, RJ, 1986.
- Bezerra de Menezes, Ulpiano, **“Prefácio: Cidade Capital, hoje? In Cidades Capitais do Séc. XIX**, Heliana A. Salgueiro (org.), EDUSP, SP, 2001.
- Benjamin, Walter, **“Sobre o conceito de História”** in Obras escolhidas, vol1, Brasiliense, SP, 1994.
- Bordieu, Pierre, **A dominação masculina**, Bertrand Brasil, RJ, 1999.
- Bremmer, Jan (org.), **De Safo a Sade: momentos na História da Sexualidade**, Papirus, Campinas, 1995.
- Bresciani, M<sup>a</sup> Stela, **“Permanência e Ruptura no Estudo das cidades”**, in Cidade e História-Modernização das cidades brasileiras nos séc. XIX e XX”, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, 1992.
- Brown, Peter, **Corpo e sociedade**, Zahar, RJ, 1990.
- Caldas, Dario (org.), **Homens: comportamento, sexualidade e mudança**, Editora Senac, São Paulo, 1997.
- Camargo, A. M. F.; Ribeiro, C.,**Sexualidades e Infâncias**, Moderna e Unicamp, SP, 1999.

- Canclini, Nestor, **Culturas Híbridas**, EDUSP, 1997.
- Certeau, M., **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**, Vozes, RJ, 1996.
- Chartier, Roger, “**Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)**” in **Cadernos Pagu 4: Fazendo história das mulheres**, Neg/Unicamp, Campinas, 1995.
- Chauí, M., **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**, Brasiliense, SP, 1991.
- Costa, J. F., **A Inocência e o Vício**, Relume-Dumará, RJ, 1992.
- \_\_\_\_\_, **A Face e o Verso**, Escuta, SP, 1995.
- \_\_\_\_\_, **Ordem Médica e Norma Familiar**, Graal, RJ, 1983.
- Costa, Albertina de Oliveira; Bruschini, C., **Uma questão de gênero**, Rosa dos Tempos/Fund. Carlos Chagas, RJ/SP, 1992.
- Corbin, Alain, **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**, Cia das letras, SP, 1989.
- Dantas, B. M.(e outros) **Práticas discursivas e produção dos sentidos no Cotidiano**, Cortez, SP, 2000.
- Davis, Natalie Zemon, **Culturas do Povo**, Paz e Terra, RJ, 1990.
- Debord, Guy, **A sociedade do Espetáculo**, Contraponto, RJ, 1997.
- Deleuze, Gilles, **Foucault**, Brasiliense, SP, 1995.
- \_\_\_\_\_, **Diferença e Repetição**, Graal, RJ, 1988.
- \_\_\_\_\_, **Lógica do Sentido**, Perspectiva, SP, 2000.
- \_\_\_\_\_; Claire Parnet, **Diálogos**, Escuta, SP, 1998.
- Dias, M. Odila L. da Silva, **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**, Brasiliense, 1995.
- Duby, Georges, **Amour et Sexualité en Occident**, Seuil, Paris, 1991.

- Eulálio, A. e outros, **Caminhos Cruzados**, Brasiliense, SP, 1982.
- Freyre, Gilberto, **Casa-Grande e Senzala**, Record, RJ/SP, 2000.
- Foucault, Michel, **História da Sexualidade - vol. I**, Graal, RJ, 1997.
- \_\_\_\_\_, **História da Sexualidade - vol. II**, Graal, RJ, 1997.
- \_\_\_\_\_, **História da Sexualidade - vol. III**, Graal, RJ, 1997.
- \_\_\_\_\_, **Microfísica do Poder**, Graal, RJ, 1996.
- \_\_\_\_\_, **Arqueologia do Saber**, Forense Universitária, RJ, 1997.
- \_\_\_\_\_, **Um diálogo sobre os Prazeres do Sexo**, Landy, SP, 2000.
- \_\_\_\_\_, **A Ordem do Discurso**, Loyola, SP, 1996.
- \_\_\_\_\_, **As Palavras e as Coisas**, Martins Fontes, SP, 1995.
- \_\_\_\_\_, **Os Anormais**, Martins Fontes, SP, 2001
- \_\_\_\_\_, **A verdade e as formas jurídicas**, Nau Editora, RJ, 2003
- Gattari, F., **Revolução Molecular: pulsões políticas do desejo**, Brasiliense, SP, 1987.
- \_\_\_\_\_; Rolnik, Sueli, **Cartografias do Desejo**, Vozes, RJ, 2000.
- Galvão, Walnice N. & Gotlib, Nádía B.(org.), **Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas**, Cia. das Letras, SP, 2000
- González, Horácio, **O que é subdesenvolvimento**, Brasiliense, SP, 1990
- Green, James, **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina do Brasil do séc. XX**, Unesp, São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_ & Trindade, Ronaldo (org.), **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**, Unesp, SP, 2005
- Guareschi, P. e Jovchelovitch, S., **Textos em Representações sociais**, Vozes, RJ, 1997.

- Hall, Stewart, **A identidade cultura na pós-modernidade**, DP&A, 2001.
- Haraway, Donna e Kunzru, H., **Antropologia do Ciborgue - as vertigens do Pós-humano**, Autêntica, BH, 2000.
- Hilton, Bruce, **A Homofobia tem cura?**, Ediouro, RJ, 1992
- Hite, Shere, **O Relatório Hite sobre a Sexualidade Masculina**, Bertrand Brasil, 1991.
- Hobsbawn, Eric, **A Era dos Extremos: o breve século XX**, Cia. da Letras, SP, 1996.
- Hocquenghem, G., **A Contestação Homossexual**, Brasiliense, SP, 1980.
- Hollanda, Heloísa B.; Capelato, M. H. R., **Relações de Gênero e Diversidades Culturais nas Américas**; Edusp/expressão e Cultura, 1999.
- \_\_\_\_\_ ; Gaspari, E.; Ventura, Z., **70/80: Cultura em Trânsito**, Aeroplano, RJ, 2000.
- Hunt, Lynn, **A invenção da Pornografia: obscenidades e a origem da modernidade, 1500-1800**, Hedra, SP, 1999.
- Jaggar, A. M.; Bordo, S. R., **Gênero, Corpo e Conhecimento**, Rosa dos Tempos, RJ, 1997
- Jenkins, Keith, **A História repensada**, Contexto, SP, 2001.
- Kucinski, Bernardo, **O Fim da Ditadura Militar**, Contexto, SP, 2001
- \_\_\_\_\_, **A síndrome da Antena Parabólica**, Perseu Abramo, SP, 1998
- \_\_\_\_\_, **Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**, Página Aberta, SP, 1991
- Laqueur, Thomas, **La fabrique du sexe**, Gallimard, Paris, 1992.
- Machado, R., **Ciência e Saber: a Trajetória da Arqueologia de Foucault**, Graal, RJ, 1981.

- Mantega, G. (org), **Sexo e Poder**, Brasiliense, SP, 1979.
- Marcuse, Herbert, **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**, Ed. Guanabara, RJ, s/d.
- Matos, M. Izilda S. de; Soler, M. Angélica (org.), **Gênero em debate**, Educ, SP, 1997.
- Matos, M. Izilda S. de, **Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade**, Companhia Nacional, SP, 2000.
- Matos, Olgária, **Paris 1968: As barricadas do desejo**, Brasiliense, SP, 1981
- McRae, E., **A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “Abertura”**, Ed. Unicamp, Campinas, 1990.
- Mcrae, E., e Fry, P., **O que é Homossexualidade?**, Brasiliense, SP, 1991.
- Moraes, Eliane R., **O Corpo Impossível**, Iluminuras e Fapesp, SP, 2002
- Mosé, Viviane, **Nietzsche e a grande política da Linguagem**, Civilização brasileira, RJ, 2005
- Napolitano, Marcos, **Cultura Brasileira: utopia e Massificação (1950-1980)**, Contexto, SP, 2001
- Nietzsche, Friedrich, **Humano, Demasiado Humano**, Cia. das Letras, SP, 2004
- \_\_\_\_\_, **Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**, Relume-Dumará, RJ, 2003
- Nolasco, Sócrates, **O Mito da Masculinidade**, Rocco, RJ, 1993.
- Parker, R. G. **Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil Contemporâneo**, Ed. Best Seller, SP, 1991.
- Pelbart Pál, Peter, **Vida Capital: ensaios de biopolítica**, Iluminuras, SP, 2003

- Perrot, Michele, **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**, Paz e Terra, RJ, 1988.
- Portelli, Alessandro, “**A filosofia e os fatos**” in *Tempo*, nº 01, UFF/ Relume –Dumará, 1996.
- Porter, R. e Teich, Mikulás, (org.), **Conhecimento Sexual, Ciência Sexual: a História das atitudes em relação à Sexualidade**, Unesp, SP, 1998.
- Rabinow, Paul; Dreyfus, Hubert, **Foucault: uma trajetória Filosófica**, Forense Universitária, RJ, 1995
- Rago, M., **Os prazeres da Noite: prostituição e código da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**, Paz e Terra, RJ, 1991.
- Rago, M., **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**, Paz e Terra, RJ, 1985.
- \_\_\_\_\_; Orlandi, L.B. L; Veiga-Neto, A.; **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas**, DP&A, RJ, 2002.
- Richards, Jeffrey, **Sexo, Desvio e Danação: as minorias na idade média**, Zahar, RJ, 1993
- Rolnik, Rachel, **História Urbana: História na cidade?** In *Cidade e História-Modernização das cidades brasileiras nos séc. XIX e XX*”, Mestrado emArquitetura e Urbanismo, 1992.
- Roszak, Theodore, **A Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil**, Vozes, RJ, 1972.
- Rousseau, G.S. & Porter, Roy (org.), **Submundos do sexo no iluminismo**, Rocco, RJ, 1999.
- Sader, Emir, **Quando Novos Personagens entram em cena**, Paz e Terra, SP, 1989.
- Saffiotti, H., **O Poder do Macho**, Moderna, SP, 1987.
- Sant’anna, Denise B. (org.), **Políticas do Corpo**, Estação Liberdade, SP, 1995.

- \_\_\_\_\_, **Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**, Estação Liberdade, SP, 2001.
- Sarlo, Beatriz, **Paisagens Imaginárias**, Edusp, SP, 1997.
- Sevcenko, Nicolau, **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**, Cia das Letras, SP, 2001.
- Silva, Cláudio R. da, **Reinventando o sonho: história Oral de Vida política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo**, dissertação de mestrado, USP, mimeo, SP, 1998
- Soares, Carmem (org.), **Corpo e História**, Autores Associados, Campinas, SP, 2001
- Souza, Pedro de, **Confidências da Carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade**, Unicamp, Campinas, 1997.
- Sullivan, A., **Praticamente Normal**, Cia. Das Letras, SP, 1996.
- Thompson, E.P., “**O termo ausente**”, in *A Miséria da Teoria*, Zahar editores, 1981.
- Trevisan, João S., **Devassos no Paraíso**, Record, RJ/SP, 2000.
- Vainfas, Ronaldo, **Trópico dos Pecados**, Nova fronteira, RJ, 1997.
- Vainfas, Ronaldo, **História e Sexualidade no Brasil**, Graal, RJ, 1986.
- \_\_\_\_\_, “**Homoerotismo Feminino e o Santo Ofício**” in **História das mulheres no Brasil**, Contexto e Unesp, SP, 1997
- Veyne, Paul, **Como se escreve a história? e Foucault revoluciona a História**, UnB, Brasília, 1998.
- Vicent-Buffault, Anne, **História das Lágrimas**, Paz e Terra, RJ, 1988.
- Vigarello, Georges, **História do Estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX**, Zahar Editora, RJ, 1998.
- White, Hayden, **Trópicos do Discurso**, Edusp, SP, 2001



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)